



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

ARTHUR DE OLIVEIRA FILHO

**CONSUMO E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS VISUAIS DA
ESTÉTICA DE DRAG QUEENS DA CIDADE DO RECIFE**

Recife
2019

ARTHUR DE OLIVEIRA FILHO

**CONSUMO E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS VISUAIS DA
ESTÉTICA DE DRAG QUEENS DA CIDADE DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Design.

Área de concentração: Design da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Hans da Nóbrega Waechter

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

O48c Oliveira Filho, Arthur de
Consumo e gênero: uma análise das narrativas visuais da estética de drag queens da cidade do Recife / Arthur de Oliveira Filho. – Recife, 2019. 172f.: il.

Orientador: Hans da Nóbrega Waechter.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design, 2019.

Inclui referências e anexos.

1. Drag Queen. 2. Consumo. 3. Gênero. 4. Design da Informação.
I. Waechter, Hans da Nóbrega (Orientador). II. Título.

745.2 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-230)

ARTHUR DE OLIVEIRA FILHO

**CONSUMO E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS VISUAIS DA
ESTÉTICA DE DRAG QUEENS DA CIDADE DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Design.

Aprovada em: 06/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hans da Nóbrega Waechter (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Simone Grace de Barros (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Nara Oliveira de Lima Rocha (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico essa dissertação à minha família: Arthur, Sonia, Cassandra e Graziela.

Agradecimentos

Aos meus pais que, com seu amor e dedicação, sempre estiveram presentes, me incentivando a seguir em frente e comemorando junto as conquistas alcançadas. Minha mãe Sonia, a rainha da minha vida, e o meu pai Arthur (OPSMP), que partiu no meio dessa minha jornada mas sei que, lá de cima, está feliz e orgulhoso. Meu amor e gratidão são infinitos. Obrigado por ser meu pai, obrigado por ser minha mãe.

Às minhas irmãs Cassandra e Graziela, minhas grandes companheiras, parceiras, apoiadoras, amores eternos. Me ajudaram em tantas das etapas do meu mestrado que eu não sei nem por onde começar. Na verdade eu sei sim. Se não fosse pela inspiração que a Grá nos dá – além das orientações – e se não fosse pela iniciativa de Cá que (literalmente) me entregou em mãos tudo o que eu precisava pra me inscrever nesse mestrado – além da companhia pra ir para a UFPE até em dias que ela não precisava estar lá – eu não teria chegado até aqui. Eu só sou quem eu sou e do jeito que eu sou por causa de vocês.

À Breno, meu parceiro de aventuras, que também vem me apoiando desde o começo dessa jornada (a carona para levar os documentos na UFPE nunca será esquecida). Você me inspira a querer ser uma pessoa mais dedicada e mais inteligente. Obrigado por todo o companheirismo e amor nessa caminhada. Mesmo nessa ponte aérea você esteve presente.

Não poderia deixar de agradecer Rosilda pela alegria que me proporciona no dia a dia. Ela nunca vai ler isso mas é o bebê mais lindo que existe. Au au!

Aos meus amigos de perto que, mesmo perto, compreenderam a minha ausência em vários momentos em que eu estava me dedicando. As palavras de incentivo e as vibrações positivas fizeram toda a diferença. Não seria capaz de citar todos mas Ray, Pipe e Duda conseguem representar bem os amigos de perto: foram minha família quando a minha estava (fisicamente) longe.

Aos meus amigos de longe: Gabriel, Gui, Rapha, Thami, Adriano, Marcos, Luciana, Thiego. Obrigado pelas visitas, abraços, telefonemas, mensagens. Cada encontro era uma alegria. Obrigado por, de maneiras diferentes, fazer o possível pra estar presente e me ajudar.

Ao meu orientador Hans, por toda a paciência, compreensão e, principalmente, pelos ensinamentos e pela confiança depositada em mim. À Ana Paula que também me orientou e me trouxe clareza às minhas dúvidas. Aos meus colegas de mestrado que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui.

E um grande mega “muito obrigado” para todas as drag queens (Vicky Venenosa , Alexia Tarantino, Margareth Tarantino, Dahlia Mayfair, Safira Blue, Tory Milicent, Charlotte Delfina, Dita Dura, Milla Perón, Nina Poison, Vanda, America, Kelly Venenosa, Moon Moon, Cassia Blue, Chloe Noriega, Ruby Nox, Emily Amber Nox, Diesel Nox e Zizara Caralhon) que disponibilizaram o seu tempo e compartilharam tão gentilmente as suas histórias. Parabéns por ser quem são e por botar a cara no sol. Minha admiração eterna.

Oh, oh, oh
I wanna be free-yeah
to feel the way I feel
Man! I feel like a woman!
(TWIN; LANGE, 1997)

Resumo

Esse estudo consiste em analisar o comportamento de consumo de drag queens – artistas surgidos no teatro, presentes na cena LGBTQ, que realizam performance de gênero – na cidade do Recife, suas relações de consumo, inspirações, restrições e relações com o “eu”, para que possa ser compreendida a criação da identidade de suas personas. Para tal foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os assuntos abordados: questões de gênero e suas pluralidades, consumo de moda, teoria do autoconceito, gerenciamento de aparências, design da informação e a imagem; além de entrevista com 20 drag queens locais, análise dos seus discursos e análise visual dos seus looks. Essa metodologia permitiu perceber as drag queens como vetores de design da informação e entender que, ao consumir um look para a sua persona, o sujeito está se vestindo de coragem, sendo a drag queen um “eu livre” de quem a performa.

Palavras chave: Drag Queen. Consumo. Gênero. Design da Informação.

Abstract

This study consists of analyzing the consumption behavior of drag queens - artists emerged in the theater, present in the LGBTQ scene, who perform a gender performance - from Recife, their consumption relations, inspirations, restrictions and relations with the "self" so that the construction of their persona's identity can be understood. For this, a bibliographic research was carried out on the subjects such as: gender issues and their pluralities, fashion consumption, self-concept theory, appearance management, infodesign and image; in addition to an interview with 20 local drag queens, analysis of their speeches and visual analysis of their looks. This methodology allowed us to perceive drag queens as vectors of infodesign and to understand that, when consuming a look for his persona, the subject is dressing up with courage, being drag queen a "free self" of who performs it.

Keywords: Drag Queen. Consumption. Gender. Infodesign.

Lista de figuras

Figura 1 – Lista de expressões de gêneros divulgada pela Comissão de Direitos Humanos de Nova Iorque que contém termos como: cross-dresser, drag queen, transexual, agênero, gênero fluido, dentre outras	23
Figura 2 – Os conceitos de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológicos aplicadas ao sujeito	24
Figura 3 – Características inerentes ao sexo, gênero, orientação e expressão	25
Figura 4 – Onnagata	27
Figura 5 – Tan	27
Figura 6 – David Bowie (esquerda) e Boy George (direita)	30
Figura 7 – Cena do filme A Gaiola das Loucas (La Cage Aux Folles) de 1978	30
Figura 8 – Para Wong Foo, Obrigada Por Tudo! Julie Newmar	31
Figura 9 – Processo de transformação da drag queen Miss Fame	33
Figura 10 – Imagem de divulgação da sexta temporada do reality show RuPaul’s Drag Race, apresentado pela drag queen RuPaul Charles	35
Figura 11 – Canal Word of Wonders no Youtube	36
Figura 12 – Capa do álbum Vai passar mal, da cantora Pablla Vittar, lançado em 2017	37
Figura 13 – Página DragR TV no Facebook, feita por drag queens recifenses	37
Figura 14 – Linha do tempo da moda em silhuetas	42
Figura 15 – Looks da coleção “sem gênero” da Zara	43
Figura 16 – Marcas que trabalham com o conceito de moda sem gênero	44
Figura 17 – O efeito trickle-down e bubble up	48
Figura 18 – Shedroff, N. Teoria Unificada de Campo do Design, 2014	54
Figura 19 – Marinheiros (esquerda) e noiva (direita)	57
Figura 20 – As coroas do Faraó	57
Figura 21 – Vestes romanas	58

Figura 22 – Axl Rose (rock), Brad Paisley (country), Charged GBH (punk) e Bob Marley (reggae)	58
Figura 23 – Fluxograma do percurso metodológico	68
Figura 24 – A jornada do herói	160
Figura 25 – A jornada da drag queen	161

Lista de quadros

Quadro 1 – Mensagens tradicionalmente transmitidas pelo vestuário ocidental do século XX	41
Quadro 2 – Three types of dressing	50
Quadro 3 – Corpus da pesquisa	63
Quadro 4 – Critérios analisados pelo método Maciel e Miranda (2009)	66

Sumário

1	Introdução	15
1.1	Grande área	17
1.2	Tópico amplo	17
1.3	Tópico específico	17
1.4	Pergunta norteadora de pesquisa	17
1.5	Justificativa e relevância	17
1.6	Premissa da pesquisa	20
1.7	Objeto de estudo	20
1.8	Objetivo geral	21
1.9	Objetivos específicos	21
2	Questões de gênero e suas pluralidades	22
2.1	Sexo, identidade de gênero e outras questões	22
2.2	Cultura drag: a performance do feminino	25
2.3	O gênero na moda e design	37
3	Design, Moda e Consumo	45
3.1	Entendendo a moda e o consumo de moda	45
3.2	Criação de identidade pessoal de moda: o gerenciamento de aparências	50
3.3	As relações entre o design da informação e os looks	53
4	A imagem	59
4.1	Linguagem visual	59
4.1.1	<i>Elementos de linguagem visual</i>	<i>59</i>
4.2	Teoria dos signos	61
4.2.1	<i>Signos icônicos</i>	<i>62</i>
4.2.2	<i>Signos plásticos</i>	<i>62</i>
5	Metodologia	63
5.1	Metodologia geral	63
5.2	Metodologia de pesquisa	63
5.2.1	<i>Definição de uma amostra de sujeitos</i>	<i>63</i>
5.2.1.1	<i>Crítérios de inclusão e exclusão</i>	<i>64</i>
5.2.2	<i>Tratar as informações sobre os sujeitos</i>	<i>64</i>

5.2.3	<i>Elaborar a entrevista</i>	65
5.2.4	<i>Aplicação da entrevista</i>	65
5.2.5	<i>Análise da entrevista</i>	65
5.2.6	<i>Tratar dados qualitativamente</i>	65
5.2.7	<i>Análise das imagens</i>	66
5.2.8	<i>Tratar os dados de análise</i>	67
5.2.9	<i>Entrevistas x imagens</i>	67
5.2.10	<i>Conclusões</i>	67
5.3	<i>Aspectos éticos</i>	68
5.3.1	<i>Riscos e benefícios</i>	69
6	Análise dos resultados	70
6.1	<i>Análise dos looks</i>	70
6.2	<i>Análise de consumo</i>	114
6.2.1	<i>Inspirações de consumo</i>	115
6.2.2	<i>Consumo de artefatos</i>	121
6.2.3	<i>A drag queen e o convívio social</i>	130
6.2.4	<i>A drag queen e o contexto pessoal</i>	134
6.2.5	<i>A drag queen e as relações de gênero</i>	151
6.2.6	<i>A relação entre a drag queen e o “eu”</i>	154
7	Conclusões das análises	159
8	Considerações finais	164
	Referências	165
	ANEXO A - Roteiro da entrevista	171
	ANEXO B - Modelo da ficha de análise	172

1 Introdução

As questões de gênero tem sido uma discussão muito recorrente nas temáticas do contemporâneo e, no âmbito do design, não é diferente. Nunca se questionou tanto o gênero em relação aos artefatos e, principalmente, se essa questão deveria ser levada em consideração quando se projeta.

Mesmo existindo uma diferenciação entre seus artefatos, sabemos que, na moda, as práticas de consumo dos sujeitos vão além do feminino e masculino. As roupas que vestimos nos aproxima de grupos sociais ao mesmo tempo que nos diferencia dentre os demais, moldando e expressando nossas personalidades. Crane (2006) afirma que a moda contribui para redefinir identidades sociais ao atribuir constantemente novos significados aos artefatos. Apesar desse cenário ainda se propaga muito a ideia de gênero nas roupas: em sua maioria existe a produção de “roupa para homem” e “roupa para mulher”. Porém não se podem deixar de lado as questões da contemporaneidade, que trazem novos corpos e sujeitos, desprendidos das questões do masculino e feminino. Gomes e Moura (2015) relatam que ao refletir e falar em contemporâneo observamos o surgimento de corpos que passam a ter maior força de afirmação. São corpos que transitam na passagem, na miscigenação entre os sexos e não se prendem a definições pré-estabelecidas de gênero, como as *Drag Queens*.

Como se dá então o consumo de um sujeito biologicamente masculino que, por alguma motivação, se veste de acordo com os padrões e características femininas? Quais seriam essas motivações e os artefatos necessários para essa transformação?

O presente estudo tem como temática principal o consumo de moda pelas drag queens – homens que, temporariamente, performam feminilidade e se vestem, muitas vezes, de formas exageradas, como mulheres. Além de ser uma personagem muito presente na mídia atual – as drag queens tem sido comumente representadas em novelas, séries, moda e na música –, e sua notória presença nas festas e boates da cidade do Recife, a apreciação do autor pela cultura drag foi também um fator que aguçou a curiosidade e influenciou o desenvolvimento da pesquisa, já que, segundo Selltiz et. al. (1987), as inclinações e julgamentos pessoais são fatores

importantes que determinam a escolha de um tema. Utilizando das palavras de Vencato (2013), “este não é um relato do grotesco ou do risível, busco trazer estas pessoas com o respeito que merecem.”

O conteúdo dessa dissertação está estruturado – com exceção de introdução, conclusões das análises, considerações finais e referências bibliográficas, primeiro, sétimo, oitavo e nono capítulo, respectivamente – em cinco capítulos, sendo três deles apresentando conceitos e discussões relevantes para a construção dos conhecimentos necessários ao tema, um apresentando a metodologia utilizada e outro com as análises geradas na aplicação da metodologia descrita.

O segundo capítulo “Questões de gênero e suas pluralidades” aborda conceitos de gêneros, bem como breves esclarecimentos de questões que se referem ao assunto, passando para o tópico que apresenta a história dos homens travestidos pelo tempo até chegar nas drag queens, bem como apresentará esse sujeito e sua cultura. Para finalizar, traz questões que tangem os temas de gênero e moda através dos tempos e também suas manifestações no design.

O terceiro capítulo “Design, moda e consumo”, apresenta alguns conceitos de moda, sua produção, processos de adoção e como se dá o seu consumo. Além disso podemos entender também as influências desses temas nas vidas do sujeito contemporâneo e como este constrói a sua imagem pessoal por meio do gerenciamento de sua aparência. Uma discussão sobre a relação entre as questões do vestir e conceitos de design da informação também é apresentado no terceiro capítulo.

No quarto capítulo “A imagem”, tratamos as definições de linguagem visual e os elementos que a compõe. Além disso é apresentado brevemente a teoria dos signos e os conceitos principais de signos icônicos e plásticos, que são importantes para compreender o método de análise do presente trabalho.

O capítulo cinco “Metodologia” apresenta o percurso metodológico da pesquisa, descrevendo cada etapa e seus procedimentos, além de apresentar o corpus analítico, instrumentos utilizados e processos de análise.

No sexto capítulo, “Análise dos resultados”, temos a apresentação das principais discussões provenientes das análises metodológicas e o cruzamento dos achados

com as teorias previamente apresentadas nos capítulos de desenvolvimento. Como se trata de uma análise qualitativa, os tópicos apresentados são os de maior relevância para as discussões que envolvem o consumo de drag queens.

1.1 Grande Área

Consumo de moda e Drag Queens.

1.2 Tópico Amplo

Design da Informação.

1.3 Tópico Específico

O comportamento de consumo de drag queens da cidade do Recife na criação dos discursos visuais da estética de sua persona.

1.4 Pergunta norteadora de pesquisa

Quais os critérios utilizados pelas drag queens da cidade do Recife na escolha dos artefatos para a criação das suas personas?

1.5 Justificativa e Relevância

De acordo com Geraldi (2002), vestir o corpo é um dos meios pelos quais o ser humano produz significação. Sendo assim, uma pessoa envia mensagens sobre ela mesma, por meio de estilos e roupas que usa. É como se as peças de roupa possuíssem significados que o usuário então combinaria num conjunto: os *looks* (BARNARD, 2003). Dependendo das peças que compõem o *look*, os significados transmitidos e decodificados seriam diferentes.

Segundo Garcia e Miranda (2005), como porta de entrada das sensações e do próprio conhecimento a humanidade privilegia o olhar, e a composição de um *look* formado por roupas e acessórios faz parte dessa leitura visual que fazemos das pessoas. Podemos afirmar então que o que vestimos tem impacto nas mensagens não-verbais que transmitimos ao mundo.

A aparência física humana estabelece e codifica relações significantes entre o visual, o cultural e o corporal, e, ao estudar uma imagem-corpo e desconstruir uma aparência física, revela as representações sociais do corpo relacionadas a este

artefato cultural (MALYSSE, 2008). O sujeito pós-moderno assume identidades distintas em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2003). Os corpos contemporâneos se tornaram mais diversos e difíceis de se classificar. Nesse cenário se enquadram também os sujeitos que, de alguma forma, subvertem as questões de gênero, como – dentre outros exemplos – as *Drag Queens*.

Santos (2012) afirma que o termo “*drag queen*” surgiu na cena gay¹ norte-americana se referindo ao homem que realiza performances artísticas caracterizadas principalmente pela inversão do gênero. Em tradução livre, Santos (*idem*) afirma que “*drag* pode ser usado como adjetivo ou substantivo; no segundo caso pode significar a roupa de um sexo usado pelo outro (terno e gravata vestidos por uma mulher também caracteriza *drag*)”.

Analisando sua indumentária, comportamento e convívio social, tentaremos compreender melhor a representação local da cultura *drag*, buscando compreender suas relações e motivações com esse corpo “montado²” e definir com isso seus padrões sociais de consumo e seus diferentes tipos de discursos estéticos. Isso se torna importante uma vez que esses artistas se fazem cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade.

Segundo LANG *et al.* (2015) as *drag queens* estão aparecendo com mais frequência na mídia de massa e fazendo apresentações para públicos não necessariamente guetificados. Entretanto, ainda passam por dolorosos processos de aceitação por parte da sociedade que continua dotada de preconceitos e pensamentos ultrapassados (GOMES e MOURA, 2015). Por isso a compreensão desse grupo social, suas práticas, arte e cultura se faz relevante, ainda mais diante de um cenário de grande intolerância às temáticas LGBTQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e *Queer*) por uma parcela ideologicamente conservadora da população.

Simões e França (2016) relatam que eventos recentes que envolvem o mercado e também o poder público, como as paradas gays, parecem indicar um modo peculiar

¹ Conjunto de locais de encontros de homossexuais (MOTT, 2000).

² “Montar-se” é o termo “nativo” que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir-se ou produzir-se (VENCATO, 2013).

de combinar mecanismos de diferenciação e segmentação da cena homossexual com tendências a favor de sua massificação e integração social. O Governo Federal vem implementando desde 2004 o programa Brasil Sem Homofobia que, segundo a sua cartilha oficial, é um programa que:

“Apresenta um conjunto de ações destinadas à promoção do respeito à diversidade sexual e ao combate as várias formas de violação dos direitos humanos de GLTB. Neste Programa, portanto, estão envolvidos Ministérios e Secretarias do Governo Federal que, além de serem co-autores na implantação de suas ações, assumem o compromisso de estabelecer e manter uma política inclusiva em relação aos homossexuais, garantindo, assim, a promoção de um contexto de aceitação e respeito à diversidade, de combate à homofobia e de mudança de comportamento da sociedade brasileira em relação aos gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais.” (CONSELHO, 2004. p. 27)

Cabe agora a nós, Designers, com nosso poder de comunicação e produção de significados, ajudar na divulgação, entendimento e assimilação desse conteúdo por parte da população, pois a natureza interdisciplinar de nossa atividade nos confere uma importante dimensão antropológica e cultural (ONO MISUKO, 2004). Além disso, Gomes e Moura (2015) afirmam que o designer é um facilitador das questões humanas e faz-se necessário entender o que é e quais são os sujeitos da contemporaneidade para que possamos efetivamente e afetivamente englobá-los no campo projetual do design.

Romper com a associação entre sexo feminino e masculino e roupas respectivamente apropriadas, pode ser um caminho para a construção de novos princípios sociais e culturais, diminuindo as fronteiras que separam os gêneros, as quais criam os preconceitos e as desigualdades de gênero (PESSOA e SIMILI, 2010).

A preocupação social deveria ser rotina em qualquer projeto de design, pois os profissionais envolvidos muitas vezes tem participação ativa para aumentar ou amenizar os problemas sociais através da cultura material. Por isso, é necessário que os estudos de gênero façam parte de seu repertório, pois os projetos podem ser destinados a diferentes indivíduos, sejam mulheres, homens ou transexuais, e cada um tem direito a participação social, é uma questão de pertencimento das quais todos deveriam ter os mesmos direitos (MACHADO e MERKLE, 2010. p. 4)

O presente trabalho busca, além de compreender a cultura *drag* e suas formas de consumo, apreciar, valorizar e visibilizar no meio acadêmico uma importante forma

de expressão que, apesar de retratada na mídia, muitas vezes é incompreendida e acaba sendo julgada e marginalizada pela sociedade.

1.6 Premissa da Pesquisa

As personas das drag queens da cidade do Recife são criadas de acordo com um conceito ideal de “eu” dos sujeitos.

1.7 Objeto de Estudo

Drag Queens da cidade do Recife.

1.8 Objetivo Geral

Investigar, por meio de análises de imagens e entrevistas, os critérios de consumo utilizados pelas drag queens da cidade do Recife na criação das suas personas.

1.9 Objetivos Específicos

- Compreender o que inspira os sujeitos a criar suas personas;
- Observar os artefatos utilizados na criação dos personagens;
- Investigar as relações entre os sujeitos e suas personas;
- Entender os objetivos que levam o sujeito a se montar como drag queen;
- Identificar os locais de consumo dos artefatos para uma “montação”;
- Investigar as dificuldades encontradas para montar o look de uma drag queen na cidade do Recife;
- Entender as relações dos sujeitos com as questões de gênero.

2 Questões de gênero e suas pluralidades

2.1 Sexo, identidade de gênero e outras questões

Sexo: substantivo masculino. Segundo o dicionário online de português, a palavra sexo denomina reunião das características distintivas que, presentes nos animais, nas plantas e nos seres humanos, diferenciam o sistema reprodutor; aquilo que marca a diferenciação (órgãos genitais) entre o homem e a mulher, delimitando seus papéis na reprodução.

O trecho acima reforça um sistema binário de homem x mulher. De acordo com Vale (2005), a maioria das sociedades admite a existência de dois sexos, masculino e feminino, e determina seus ideais, formas de agir e se comportar a partir do sexo ao qual o indivíduo pertence. Em algumas sociedades, o sexo biológico determina o sexo social, sendo qualquer desvio impensável. Mas qual o espaço na sociedade para os indivíduos que não se encaixam, comportamentalmente, em nenhum dos dois lados que a biologia estabeleceu?

“Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer vem promovendo uma nova articulação entre sujeitos e objetos do conhecimento. Não são apenas novos temas ou novas questões que tem sido levantadas. (...) Desafiando o monopólio masculino, heterossexual e branco da Ciência, das Artes, ou da Lei, as chamadas minorias se afirmam e se autorizam a falar sobre sexualidade, gênero, cultura. Novas questões são colocadas a partir de suas experiências e de suas histórias; noções consagradas de ética e estética são perturbadas.” (LOURO, 2000. p. 24)

Entra em questão, além do sexo biológico, termos como gênero e identidade de gênero. Butler (2008) entende a identidade de gênero como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Gênero: substantivo masculino. Conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum; diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.

Segundo Spizzirri, Pereira e Abdo (2014), a identidade de gênero se exterioriza de acordo com a percepção do sujeito quanto a sua masculinidade e/ou feminilidade, como as pessoas se sentem em relação ao seu sexo biológico e ao seu corpo físico. Em termos mais abrangentes, a diferenciação sexo x gênero trata de uma diferença entre biologia e cultura: a primeira, inerente ao ser, ligada aos hormônios e

características fisiológicas e a segunda resultado da ação cultural e percepção social do indivíduo. A distinção sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente não é nem o resultado casual do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto este (BUTLER, 2008).

A identidade de gênero é uma categoria da identidade social e refere-se à identificação do indivíduo como homem ou mulher, ou, ocasionalmente, com alguma categoria diferente de homem ou mulher. Transgênero refere-se ao amplo espectro de indivíduos que transitoriamente ou persistentemente não se identificam com o seu sexo de nascimento (SPIZZIRRI, PEREIRA e ABDO, 2014. p. 44).

Nos anos 80 é que vai aparecer um movimento autodenominando-se “transgenderismo”, que emerge tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, tendo como bandeira a ideia de que a existência de um sistema de gênero estático é, em si mesma, opressora. De acordo com Sabrina Petra Ramet (1996:14), o princípio desse movimento é que “as pessoas deveriam ser livres para mudar, temporariamente ou definitivamente, o tipo de sexo que lhes foi designado desde o nascimento”. Para tal movimento, a existência de uma cultura de dois gêneros constitui um “apartheid de sexo” (VALE, 2005. p. 65).

Para Jesus (2012) é importante destacar que, se tratando de gêneros, os seres humanos podem ser enquadrados (com todas as limitações comuns a qualquer classificação) como transgênero ou cisgênero. O cisgênero é o indivíduo que se identifica com o gênero biológico. O transgênero – ou trans – é o sujeito que não se identifica com o gênero ao qual foi atribuído quando nasceu, expressões de gênero que fogem da esfera hétero-normativa. Jesus (*op.cit.*) também identifica duas variações de transgêneros e suas subcategorias, de acordo com a vivência do gênero como: Identidade (o que caracteriza transexuais³ e travestis⁴) ou como Funcionalidade (representado por *crossdressers*⁵, drag queens, *drag kings* e transformistas⁶). A diferença entre as duas variações é que os sujeitos de

³ Transexuais: Indivíduos que percebem-se socialmente e psicologicamente pertencentes ao sexo oposto ao seu biológico. Ao contrário do que se costuma pensar, o que determina a identidade de gênero transexual é a forma como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico (JESUS, 2012).

⁴ Travestis: Pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino mas não reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero (JESUS, 2012). É importante desmistificar a ideia equivocada de que toda travesti é profissional do sexo.

⁵ De acordo com Jesus (2012) são homens heterossexuais que se satisfazem emocionalmente ou sexualmente de forma momentânea ao se vestirem como mulheres.

⁶ Drag Queen/King ou Transformista: Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento (JESUS, 2012). Geralmente a performance da drag tem a característica do exagero, enquanto a transformista performa um feminino mais próximo do real. O termo será melhor explorado no tópico 2.2. Cultura Drag: a performance do feminino.

“Identidade” não se identificam de forma alguma com seu gênero biológico, já os de “Funcionalidade” performam uma transgeneridade temporária. Dessa forma os indivíduos que se enquadram na segunda classificação podem ser cisgêneros em sua essência. Vale ainda ressaltar que há ainda os indivíduos que não se identificam com nenhum gênero: agêneros, não-binários, *queers*, dentre outros.

Nos anos 90, a partir do surgimento da Queer Teory, (...) vai se começar a pensar que a masculinidade não é monopólio de quem tem pênis e a feminilidade não é monopólio de quem tem vagina (VALE, 2005). Em 2016 a Comissão de Direitos Humanos de Nova Iorque oficializou o reconhecimento de múltiplos gêneros tornando passível de punição quem desrespeitar a identidade de gênero do próximo. Como forma de instruir a população, foi divulgada a lista (figura 1) com 31 nomenclaturas para denominar expressões de gêneros contemporâneos.

Figura 1 – Lista de expressões de gêneros divulgada pela Comissão de Direitos Humanos de Nova Iorque que contém termos como: cross-dresser, drag queen, transexual, agênero, gênero fluido, dentre outras.

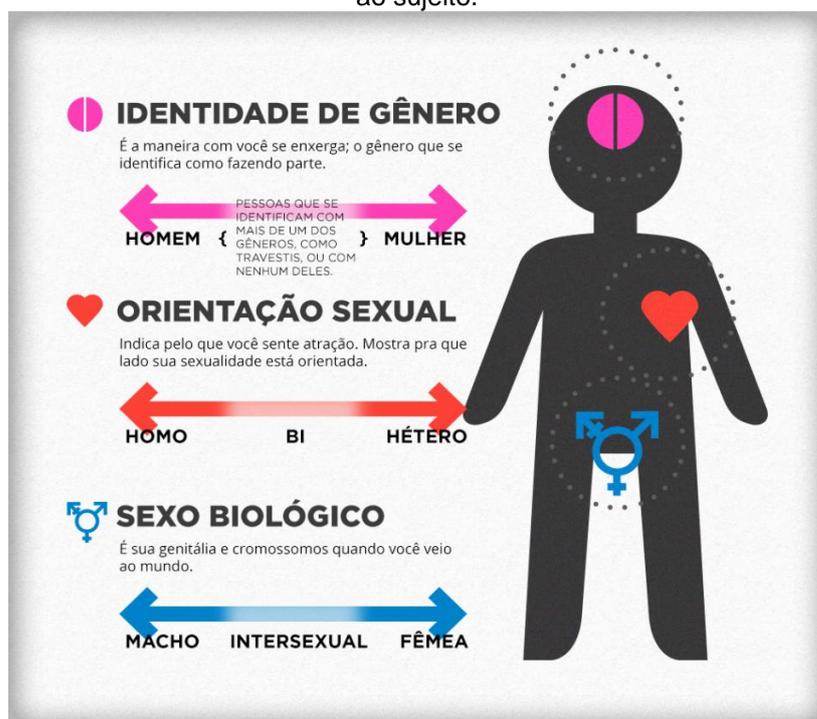


Fonte: <https://www.cheatography.com/davidpol/cheat-sheets/nyc-gender-identities/>

Outro conceito que normalmente é erroneamente compreendido, muitas vezes se confundindo com definições de gênero, é a sexualidade. A sexualidade representa os interesses e desejos sexuais do indivíduo. De certa forma a sexualidade está relacionada ao sexo biológico pois os sujeitos sentem atração afetivossexual por outro de mesmo sexo e/ou pelo sexo oposto. Mas a relação se detém somente às nomenclaturas: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, dentre outras. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual (JESUS, 2012).

Sendo assim, tanto uma mulher cisgênero quanto uma transgênero que sentem atração por homens são consideradas heterossexuais; bem como um homem cisgênero ou um homem transgênero que se relacionam afetivamente com homens são considerados homossexuais. A imagem abaixo (figura 2) ilustra, de forma mais simplista, as diferenças entre os três conceitos abordados: identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico.

Figura 2 – Os conceitos de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológicos aplicadas ao sujeito.



Fonte: <http://mercadopopular.org/2015/07/uma-perspectiva-liberal-sobre-identidade-de-genero/>

Em sua apresentação na mesa redonda “Gêneros em expansão: novas possibilidades estéticas e identitárias no contemporâneo pelo viés da moda”, no XII Colóquio de Moda que aconteceu em João Pessoa – PB, em setembro de 2016, o Prof. Hans Waechter, Dr., de forma mais detalhada, expôs uma categorização diferente em relação a sexo, gênero, orientação e expressão possíveis em um indivíduo, representado no esquema abaixo (figura 3).

Figura 3 – Características inerentes ao sexo, gênero, orientação e expressão.

Sexo | Gênero | Orientação | Expressão

Características Bio-fisiológicas
do indivíduo, como se define sua anatomia sexual
Fêmea | Hermafrodita | Macho

Características Psicológicas
do indivíduo, como se revela sua personalidade
Mulher | Transgênero | Homem

Características Afetivas
do indivíduo, como se relaciona afetiva e sexualmente
Heterossexual | Bissexual | Homossexual

Características Expressivas
do indivíduo, de gênero, como atua, se veste e interage
Feminina | Andrôgena | Masculina

Fonte: Prof. Hans Waechter, Dr.

2.2 Cultura Drag: a performance do feminino

O ato do homem se vestir como o sexo oposto não é uma exclusividade do contemporâneo, há relatos da presença de homens travestidos com indumentárias femininas em rituais sagrados desde civilizações primitivas. Tendo em vista que a aparição desses sujeitos travestidos está conectada diretamente às performances teatrais, faz-se necessário o entendimento da presença dos atores vestidos como mulheres em cena para que possamos compreender o surgimento da cultura e arte *drag*.

Essa prática era também comum entre os atores dos teatros gregos. Segundo Amanajás (2014), Clitemnestra, Medéia, Electra, Ifigênia e Antígona eram personagens femininas vividas por homens na antiga Grécia. O autor ainda afirma que é importante ressaltar que, naquela época, o ator usava não somente a máscara para interpretar papéis femininos; roupas e encheamentos também eram adicionados para a composição da personagem.

Ferreira (2004) narra que, em Esparta, os treinamentos dos meninos para se tornarem cidadãos terminava numa grande mascarada, em que eles se fantasiavam de, dentre outros personagens, mulheres em encenações obscenas ou

humorísticas. O autor completa que se vestir de mulher também era uma prática comum no Egito Antigo, onde “uma numerosa multidão enchia as ruas da cidade desde o início da manhã para assistir ou participar da procissão em honra à deusa. A comemoração era aberta por pessoas com disfarces variados como [...] homens travestidos de mulher” (FERREIRA, 2004). Sob máscaras e fantasias, sob os efeitos do vinho, da música e da agitação ambiental, os indivíduos se sentiam livres para dizer e fazer quanto as normas do convívio social lhes vedavam no tempo comum (BELTRÃO, 1980).

No século XVI, nos teatros ingleses, as mulheres eram proibidas de entrar em cena e ficava ao cargo dos atores homens a incumbência de desempenhar os papéis femininos. Baker (1994) afirma que a participação de mulheres em cenas, até o século XVII, era proibida por razões sociais e religiosas. Segundo Amanajás (2014), assim como ocorria na antiga Grécia, as famosas personagens das peças escritas por Shakespeare, como Julieta, Desdêmona, Ofélia e Lady MacBeth foram interpretadas por atores travestidos.

A arte de se travestir não era uma exclusividade do Ocidente. No Japão, o tradicional teatro Kabuki, criado pelos meados do século XVII, também proibiu a participação de mulheres em seus palcos por causa de negócios paralelos ligados à prostituição que envolviam as apresentações. Com isso, a presença dos *onnagatas* – atores que interpretam papéis femininos – (figura 4) em cena acaba se tornando uma das principais características nos teatros *Kabuki*. Segundo informações presentes no website da Embaixada do Japão no Brasil, “O ideal do *onnagata* não é imitar mulheres, mas conseguir expressar simbolicamente a essência do feminino”. O intuito não era enganar o público mas sim performar feminilidade.

Figura 4 – *Onnagata*.



Fonte: <https://prezi.com/x1pdoqim3jnc/japanese-theater/>

Na China, na Ópera de Pequim, estabelecida no século XVIII, as mulheres também foram proibidas de atuar nos espetáculos, por questões morais, ficando a cargo dos atores masculinos os papéis femininos. Assim como o *onnagata* japonês, o *tan* (figura 5) – como era chamado na China o ator que interpreta a personagem feminina – se tornou característico do espetáculo.

Figura 5 – *Tan*.



Fonte: <http://www.resurrectionvintage.com/blog/author/admin/page/9/>

Sobre a presença dos homens travestidos em cena no Brasil, Trevisan (2011) relata que durante o

reinado de Dona Maria I (...) foi promulgado, em 1780, um decreto proibindo a presença de mulheres no palco, para evitar abusos da gentalha contra elas. (...) A eficácia do decreto é comprovada pela ausência de atrizes no grupo teatral português de Antônio José de Paula, que visitou o Brasil no fim do século XVIII. No entanto, é bem provável que essa proibição seguisse uma tradição específica. Já desde os autos catequéticos dos jesuítas no Brasil, os raros papéis femininos eram interpretados por homens, como a

personagem de uma velha em Na festa de São Lourenço, do padre José de Anchieta, representada pelos índios ainda no século XVI. Sabe-se também que a *Ratio Studiorum* – livro de regras promulgado pela Companhia de Jesus em 1599 – proibia papéis femininos nos teatros dos seus colégios, com excessão dos personagens da Santa Virgem. A justificativa era evitar que a mocidade de então se distraísse ou mergulhasse nas paixões. (p. 231)

Trevisan (2011) ainda afirma que a presença desses atores era um costume inserido nos padrões de moralidade, não havendo estranhamento por parte da sociedade, de forma que era utilizado como artifício para atrair o público. A revista teatral de maior sucesso entre o público carioca em 1886 foi “A mulher-homem” que contava a história verídica de um homem que se travestia para trabalhar como doméstica e era interpretado por Francisco Correia Vasques, o mais importante ator da época.

A partir do final do século XVII e começo do século XVIII, segundo Dourado (2009), a presença de mulheres em cena passa a ser permitida no teatro europeu. Como não havia mais a necessidade de substituir a ausência feminina nos palcos, essa mudança transfere o papel do homem travestido para um caráter mais cômico. Com o passar do tempo a prática passa a ser associada a um desejo homossexual de se vestir como mulher e passa a ser vista com maus olhos. As transformistas se tornaram figuras marginalizadas.

Baker (1994) traz a diferença entre o transformista presente nos palcos antes do século XVII e os atores que se travestiam como mulheres em cena após a volta das atrizes aos palcos: o primeiro – que ele chama de “*real disguise*” (disfarce verdadeiro) – tem a intenção de enganar a platéia, vestindo-se de forma convincente para suprir a ausência de atrizes; já o segundo – “*false disguise*” (falso disfarce) – representa nitidamente uma cópia, de forma mais cômica.

Em um cenário mais local Trevisan (2011) relata que em 1922, no Recife, durante as comemorações do 1º Centenário da Independência do Brasil, há registros da encenação da comédia de Aluísio de Azevedo, *A Sogra*, onde os dois personagens femininos foram interpretados por rapazes.

No início do século XX a cultura *drag* ainda se mantinha apenas no meio teatral, nas apresentações burlescas. Segundo Crane (2006) as subculturas gays na Europa e nos Estados Unidos puderam florescer mais abertamente a partir da década de 60 por causa do movimento de libertação sexual que ocorreu na época, culminando

assim em experimentações com identidades de gênero e estilos de vida que surgiam dos questionamentos sobre as definições de masculinidade e feminilidade estipulados pela sociedade.

Na década de 60, de acordo com Trevisan (2011), mesmo enfrentando o desemprego, o baixo nível dos espetáculos e os salários de fome, os atores travestidos passaram a contar com um espaço mínimo no teatro. Ainda nessa mesma década, Dourado (2009) afirma que há a explosão do *Happening* e da Performance que trazem a superação das fronteiras entre o teatro e a vida, sendo assim, o corpo passa a ser a principal ferramenta discursiva nessas formas de expressão e estar em cena não significa mais interpretar uma personagem mas performar a própria identidade do ator. Em paralelo a isso, segundo Dourado (2009), a partir da década de 60:

Com o fortalecimento do movimento gay, a presença do transformista assume contornos decididamente políticos. No dia 28 de julho de 1969, no bar gay Stonewall Inn, Nova Iorque, os frequentadores se insurgem contra uma rotineira batida policial e o lugar transforma-se num campo de batalha. A polícia é expulsa do local, sob gritos de protesto de uma comunidade indignada com as frequentes humilhações e proibições às quais é submetida. O episódio logo vira marco da luta política homossexual e, desde então, a maioria das paradas do orgulho gay em todo o mundo acontece na mesma data, em memória ao confronto em Stonewall. O conflito teve participação decisiva de travestis e transformistas, que naquele período, eram a expressão de maior visibilidade do sujeito homossexual. (p. 63)

Em meados dos anos 70, a cultura pop também ajudou a popularizar as drag queens com sua inclusão no cinema e na música. Segundo Crane (2006) a música popular, como forma mais acessível de cultura de mídia, desempenha um papel importante na criação da identidade entre os adolescentes do mundo contemporâneo. Com base nisso, podemos citar dois ícones da música que foram importantes no movimento de subversão dos padrões de gênero: David Bowie e Boy George (figura 6). Ambos desafiavam estereótipos de gênero abertamente com suas formas de se vestir, maquiagem e adereços. Além disso, o cinema lançava em 1978 a primeira versão do filme *A Gaiola das Loucas* (figura 7) que foi indicado ao Óscar de melhor direção, melhor roteiro adaptado e melhor figurino e ganhou o Globo de Ouro como melhor filme estrangeiro em 1980.

Figura 6 – David Bowie (esquerda) e Boy George (direita): ícones da música que combatiam os estereótipos de gênero com o seu visual e modo de agir.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/567875834245192207/?lp=true>

Figura 7 – Cena do filme A Gaiola das Loucas (La Cage Aux Folles) de 1978.



Fonte: <http://ocafe.com.br/cinema/a-gaiola-das-loucas-o-classico-contra-a-homofobia/>

Nesse espaço de tempo, segundo Dourado (2007), no Recife, diversos grupos teatrais dos anos 1970-80, trabalham com referências de sexualidades não ortodoxas, borrando as fronteiras que separam teatro e vida, encenando a trajetória de corpos e vidas “desviantes” como instrumentos de resistência ao regime de exceção que havia se instaurado no país. O autor cita grupos como Vivencial Diversiones, Teatro Ambiente do Mac e Teatro Experimental de Olinda.

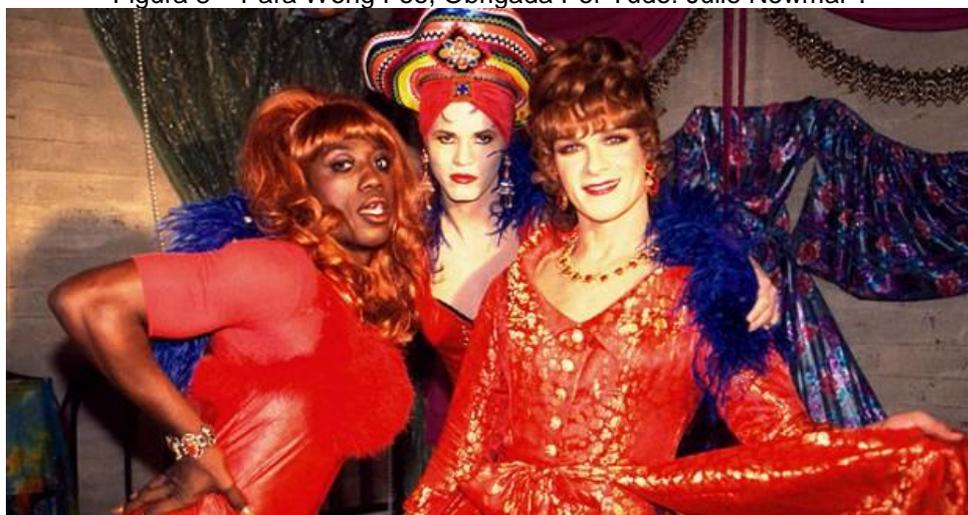
A cultura *drag* vai tomando mais força e, segundo Trevisan (2011), na década de 90:

Entraram em cena as drag queens, atuando a partir de um conceito mais flexível do travestismo. Além de atores transformistas, eles se distinguem dos travestis comuns por andarem vestidos como homens, no cotidiano, e até exercem profissões respeitáveis. (...) A atuação das drag queens foi facilitada por englobar um componente lúdico e satírico semelhante aos das caricatas do carnaval, o que as levou a transitar por áreas jamais

imaginadas, como as concorridas festas de socialites, shows beneficentes e colunas sociais da grande imprensa. (p. 246)

A atuação e inserção das drag queens na sociedade foram facilitadas pelos componentes lúdicos e satíricos que envolvem suas performances. Mais uma vez o cinema serviu como plataforma para que essa inserção na sociedade fosse possível. O documentário *Paris Is Burning* (1990) e filmes como *Priscilla, a Rainha do Deserto* (1994), *Para Wong Foo, Obrigada Por Tudo! Julie Newmar* (1995 – figura 8) e o *remake* hollywoodiano de *A Gaiola das Loucas* (1996) ajudaram a difundir as práticas e costumes da cultura drag.

Figura 8 – Para Wong Foo, Obrigada Por Tudo! Julie Newmar⁷.



Fonte: <http://cinemascope.com.br/colunas/para-wong-foo-obrigada-por-tudo-julie-newmar/>.

É importante também destacar que, na contemporaneidade, o ato do homem se vestir de mulher não é uma exclusividade de grupos LGBTQ. A prática muito comum em manifestações culturais do carnaval brasileiro tem, inclusive, relações com a tradição de certos folguedos. Em consulta online feita por Gadini (2010), Roberto Benjami informa que

“há outros folguedos em que a figura do travesti comparece, na maioria dos casos porque, nas suas origens e por muito tempo, a mulher não participava dos folguedos. Ela era substituída por homens caracterizados de mulheres. E ainda é assim no folguedo Cavalo-marinho, uma variante pernambucana/paraibana do bumbameu-boi (ocorrente na zona da mata norte de Pernambuco e zona da mata sul da Paraíba), onde são representadas por homens as figuras da pastorinha e das damas do baile dos galantes. A situação limite da mulher também é representada pela figura da 'catirina', do cavalo-marinho (uma pescadora que se apresenta grávida). Hoje, essa figura da catirina compõe, também, o folguedo

⁷ O filme narra a história das drag queens Noxeema Jackson (Wesley Snipes), Chi-Chi Rodriguez (John Leguizamo) e Vida Boheme (Patrick Swayze) que à caminho de Los Angeles para participar de um concurso de beleza de nível nacional, precisam passar alguns dias em uma pequena cidade do interior onde o choque entre culturas causa várias situações peculiares.

carnavalesco maracatu rural (disseminado na zona da mata de Pernambuco e Paraíba e ocorrente também nas cidades das regiões metropolitanas do Recife e de João Pessoa). [...] Em diversos grupos de diferentes folguedos os papéis femininos são desempenhados por homens; a mulher é proibida de participar. [...] Os papéis femininos são desempenhados por rapazes, quase sempre adolescentes imberbes, que vestem trajes femininos. A presença desta forma de travesti é sempre um sinal de tradicionalismo do grupo e de antigüidade do folgado.” (GANDINI, 2010. p. 6)

“No carnaval, não há regras. Todo o excesso é permitido. As relações sociais em períodos ordinários castram o masculino em suas manifestações mais exageradas. Entre outras coisas, ser um homem brasileiro é ser comedido no modo de falar, gesticular, dançar e de tratar os outros. No imaginário masculino do brasileiro, não é permitido o exagero.” (TABOSA JR, 2006)

Afinal, o que são drag quees? Segundo Dourado (2009), são os transformistas que não tem pretensão em parecer autênticas mulheres, mimetizando a imagem de uma hipperfeminilidade, de visual exagerado, cujas divas do cinema e da música e os ícones gays da cultura pop são suas fontes de inspiração. É uma montagem (ou montagem) transitória, realizada em alguns momentos específicos, envolvendo graus variados de intervenção corporal, dependendo dos resultados pretendidos naquela produção (VENCATO, 2013). Segundo Pessoa e Simili (2010), a *drag* demonstra que todo corpo é uma construção social e cultural e, através do seu corpo e sua indumentária, ela se transforma em vetor de leituras e interpretações dos gêneros, desconstruindo e transformando os conceitos de masculinidade e feminilidade.

Schacht e Underwood (2004) apontam que a performance drag ilumina as estruturas dominantes da sociedade, como o sexismo, a homofobia, o racismo, o classismo e as práticas de opressão, além da exploração, a marginalização, e violência, sendo assim, podem ser enquadrados como subversivos em sua intenção. Ou seja, configura um ato político de subversão, denúncia e resistência contra os males da sociedade.

Butler (2000) afirma que a performance da *drag* brinca com a distinção entre a anatomia de quem performa e o gênero que está sendo performado, apresentando três dimensões contingentes da corporeidade significante: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Podemos então afirmar que uma drag queen é um ato performático de gênero. Ela não é um sujeito feminino mas performa feminilidade dentro de uma persona.

A palavra *persona* tem origem latina e era usada para designar as máscaras que os atores usavam em suas apresentações. Jung (2000) define *persona* como o sistema da adaptação ou estilo de nossa relação com o mundo. É como uma máscara criada para nos relacionarmos com o outro. *Persona* é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite (HALL e NORDBY, 2005). Podemos então afirmar que a drag queen é uma personagem criada, uma máscara.

A performance do feminino da drag vai além das questões transgressoras, como, por exemplo, o caso de um homem que usa saia, em que Miranda, Casotti e Chevitaese (2017) afirmam haver uma negociação simbólica que busca o equilíbrio entre o feminino e o masculino mas que ainda usa os aspectos do masculino como proteção, onde há a predominância dos tons escuros e modelagens retas em oposição à elementos que denotariam um discurso de fragilidade, como o colorido, o babado e o suave. A performance drag renega as características masculinas e, por meio de artifícios como truques de maquiagem (figura 9), perucas, enchimentos, roupas e acessórios, o corpo masculino performa a feminilidade do personagem.

Figura 9 – Processo de transformação da drag queen Miss Fame.



Fonte: <https://i.pinimg.com/236x/a9/32/71/a932713c42116d83eeca7c25dcdd2569--male-makeup-makeup-class.jpg>

Chidiac e Oltramari (2004) associam *drag* ao trabalho artístico, pois há a elaboração de uma personagem que se expressa por meio de artes performáticas como dança,

dublagem e encenação de pequenas peças. Para Louro (2003), ao exagerar os traços femininos não o faz no intuito de passar por uma mulher, mas de exercer uma paródia de gênero. Chidiac e Oltramari (2004) concordam com Morais-Alexandre (2009) sobre a ambivalência dos signos masculinos e femininos, pois embora exista um vestuário feminino, não se omite as características masculinas.

A drag demonstra através do seu corpo e de sua indumentária, que todo corpo é uma construção social e cultural e que o feminino e o masculino podem ser pares de experimentação realizadas sobre o corpo. Experimentando e vivenciando as roupas e acessórios, a drag se transforma em vetor de leituras e interpretações dos gêneros, ao desconstruir e transformar os conceitos de masculinidade e feminilidade (PESSOA e SIMILLI, 2010).

Ícones da homocultura e um dos símbolos da expressão da identidade gay, as *drag queens* se destacam na cena noturna repletas de cores e gestos. Na explicitação de um personagem divertido e ousado, elas carregam em si o teor de questionamentos acerca dos valores morais e sociais presentes em nossa sociedade, principalmente nos que se referem a uma normatização heterossexual do comportamento humano (SANTOS e PAVAN, 2009). Estudiosos da cultura *queer* reconhecem ou até mesmo celebram as transformações dos corpos e as transgressões dos gêneros como um importante evento da contemporaneidade.

É indispensável encará-la como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais com base na lógica da oposição e da exclusão binárias, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa. Um tempo em que a multiplicidade de sujeitos e de práticas sugere o abandono do discurso que posiciona, hierarquicamente, centro e margens, dominantes e dominados, em favor de outro discurso que assume a dispersão e a circulação do poder (LOURO, 2003).

Na atualidade as drag queens ganharam maior notoriedade através do programa *RuPaul's Drag Race* (figura 10) – um *reality show* americano onde as competidoras, todas *drag queens*, se submetem a desafios de costura, atuação, dança e canto para, no final, a vencedora receber, além de uma quantia grande de dinheiro e contratos com empresas de cosméticos, o título de *Drag Superstar*. A drag queen *RuPaul Charles*, criadora e também apresentadora do programa ficou muito famosa na década de 90 com o seu single *Supermodel (You Better Work)* chegando à

segunda posição na categoria *Hot Dance Club Songs* da *Billboard*⁸. Além disso, RuPaul conquistou em 2017 o prêmio Emmy de “melhor apresentador de *reality show* ou programa de competição”, além de aparecer na lista da revista Forbes como uma das personalidades mais influentes de 2017.

Com a compra dos direitos de transmissão da série pela Globosat e a sua transmissão no canal Multishow, a cultura drag vem sendo ainda mais difundida pelo país. Lang *et.al.* (2015), discutem esse tema, relacionando-o a influência da mídia na sociedade, segundo eles através da humanização as drag queens foram retiradas da marginalização estética, e ganharam brilho, glamour e fama, alavancando com isso o surgimento de subindústrias de celebridades onde elas são o foco. Hoje é possível encontrar esses artistas (nacionais ou internacionais) marcando presença em festas, boates e até animando eventos particulares fora da esfera LGBTQ.

Figura 10 – Imagem de divulgação da sexta temporada do reality show *RuPaul's Drag Race*.



Fonte: <https://filmow.com/noticias/9204/rupaul-s-drag-race-season-6-full-contestant-list/>

Antes designados a se restringirem aos guetos em que a comunidade LGBTQ frequenta, os artistas *drag queen* alcançam hoje um espaço mais expandido, seja nos meios de comunicação e propaganda em massa ou no cenário artístico (AMANAJÁS, 2015). Podemos comprovar essa afirmação baseando-se em números de usuários do Youtube inscritos⁹ nos canais oficiais de duas drag queens famosas por serem cantoras e terem participado do programa: Adore Delano (374.849 inscritos) e Alaska Thunderfuck (186.911 inscritos). O canal Word of Wonder (figura

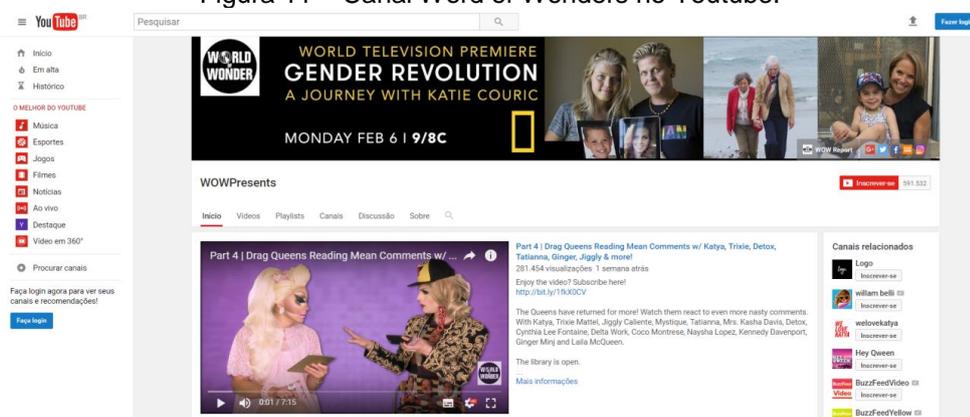
⁸ Revista semanal norte-americana especializadas em informações da indústria musical. Ela lança periodicamente uma tabela com as músicas mais vendidas (físicas ou digitalmente) no decorrer da semana. Além da lista principal – a *Billboard Hot 100* - ela também lança as listas segmentadas em categorias musicais como *Pop*, *Dance*, *Country*, dentre outras.

⁹ Dados recolhidos no dia 30 de janeiro de 2017.

11) que costuma postar vídeos com as queens do programa tem um total de 591.532 inscritos.

No Brasil, a drag queen maranhense Pablllo Vittar vem conquistando cada vez mais o gosto popular, fazendo história como a primeira drag queen do mundo a ter um álbum – Vai passar mal (figura 12) – onde todas as faixas possuem mais de 1 milhão de *streamings*¹⁰ no Spotify¹¹, além de ser a drag mais seguida no seu perfil da rede social Instagram, tendo aproximadamente 4,8 milhões de seguidores. Numa esfera ainda mais local, pode ser citada a página do Facebook DragR TV¹² (figura 13) que contém fotos, divulgação de eventos e vídeos produzidos por drag queens da cidade do Recife e região metropolitana tem 6.585 inscritos.

Figura 11 – Canal Word of Wonders no Youtube.



Fonte: <https://www.youtube.com/user/WOWPresents>

¹⁰ *Streaming* é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet. Essa tecnologia possibilita a reprodução de músicas e vídeos livremente sem que se viole os direitos autorais das mídias.

¹¹ Serviço de música em streaming que dá acesso a milhões de músicas online.

¹² “Portal de humor com conteúdo estrelado, produzido, dirigido e editado apenas por drag queens.” Disponível em <www.facebook.com/dragreproducoes> Acesso: 30/01/2017

Figura 12 – Capa do álbum Vai passar mal, da cantora Pablo Vittar, lançado em 2017.



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Vai_Passar_Mal

Figura 13 – Página DragR TV no Facebook, feita por drag queens recifenses.



Fonte: <https://www.facebook.com/dragrecproducoes/>

2.3 O gênero na moda e design

No campo projetual do design, como um todo, o gênero sempre foi um questionamento presente no briefing, um requisito. Esse costume demonstra como as características de gênero – numa restrição entre masculino e feminino – estão geralmente intrínsecas nos artefatos produzidos. Mas existem mesmo características que dissociam os produtos masculinos dos femininos?

Waechter, Lins e Xavier (2011) afirmam que as construções de identidade de gênero estão presentes em todos os indivíduos e conseqüentemente na escolha de todos os produtos que consumimos.

Segundo Leite, Waechter e Campos (2010)

muitos valores estão impregnados na cultura de tal forma, que no próprio fazer metodológico do design, o designer, mesmo inconscientemente reproduz valores ditos "patriarcalistas" e sexistas nos artefatos, mostrando produtos estereotipados, que muitas vezes não apresentam aceitação, especialmente do público feminino. E que o poder de dominação ainda persiste na sociedade com seus valores tradicionais, mesmo com a mudança e conquistas no que se refere a identidade de gênero na contemporaneidade. (p. 11)

Segundo Waechter, Lins e Xavier (2011) os papéis dos homens e mulheres na sociedade sofreram grandes transformações ao longo do tempo e propiciou também grandes mudanças na construção da identidade de cada gênero, e, por consequência, nos produtos que atendam as exigências dessas novas construções. O vestuário, como parte importante das construções das identidades também passaram por grandes transformações. As civilizações da Antiguidade traziam pouca diferença da maneira de se vestir entre homens e mulheres, sendo os comprimentos e adornos as principais características que os diferenciava. A maior parte do vestuário masculino dos séculos XIV, XV, XVI e do início do século XVII tendia a imitar a armadura ao constituir formas abstratas e rígidas em torno do corpo; neste mesmo período, as roupas femininas permaneceram essencialmente conservadoras, modificando muito pouco de suas formas clássicas originais (HOLLANDER, 1996).

De acordo com Laver (1989) a linha divisória mais óbvia é a que divide as vestimentas entre homens e mulheres: calças e saias. Mas a autora aponta que essa divisão não é absolutamente verdadeira, visto que os gregos e romanos usavam túnicas (saias), assim como povos de regiões montanhosas - escoceses e gregos modernos. A depender de variáveis como época e território a divisão acaba não sendo tão acurada. Segundo Hollander (1996) o vestuário masculino e feminino, considerado em conjunto, ilustra como as pessoas querem que a relação entre homens e mulheres seja, além de indicar a tréguia em separado que cada sexo está fazendo com a moda ou costume em dado momento. De acordo com a autora, a história do vestuário tem sido entendida como um dueto para homens e mulheres que se apresentam no mesmo palco. Seguindo a linha de raciocínio, só existe "roupa de mulher" porque existe "roupa de homem".

Podemos verificar com facilidade na historiografia da moda que os homens apresentam insistentemente a utilização e a valorização de formas com linhas verticalizadas e que ressaltam principalmente os ombros e as pernas

como indicadores de sua força e virilidade. Já no design de trajes femininos, consta-se na sua construção o uso de linhas horizontais e a valorização do decote, da cintura e principalmente, considerando sempre a história da moda, dos quadris que se movimentam com intensa frequência (CASTILHO E MARTINS, 2005. P. 33).

Hollander (1996) narra que um grande marco aconteceu em 1675, durante o reinado de Luís XIV na França, em que um grupo de costureiras francesas solicitou e recebeu autorização real para formar uma guilda de alfaiates femininos que confeccionaria roupas para mulheres. Essa mudança acentuou cada vez mais as diferenças entre os trajes masculinos e femininos, já que antes disso ambos os sexos eram vestidos pelos alfaiates e certa harmonia era mantida:

As roupas para homens e mulheres diferiam na forma; eram criadas com ênfase erótica diferente, e a moda masculina havia tomado sempre a liderança imaginativa; mas, não obstante, as peças de vestuário feminino e masculino eram coisas bastante similares até antes do final do século XVIII. Com todos os seus componentes sugestivos diferentes, eram, entretanto, concebidas e confeccionadas utilizando o mesmo princípio artesanal e com os mesmos materiais; e durante séculos nenhum dos sexos apresentou-se mais ornamentado do que o outro (HOLLANDER, 1996).

Como toda a Europa copiava a moda francesa, mulheres passaram a vestir mulheres e homens vestiam homens. Depois da fundação da guilda das modistas, a alfaiataria masculina prosseguiu com sua tradição artesanal, enquanto a moda feminina oferecia maiores possibilidades ornamentais, visto que as mulheres - antes empregadas pelos alfaiates para fazer trabalhos com costura, acabamentos, bordados e ornamentações - possuíam maiores habilidades em produzir produtos mais elaborados.

Segundo Crane (2006), a moda é uma das principais marcas de status social e de gênero, indicando como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status.

Hollander (1996) afirma que as identidades sexuais de homens e mulheres - dividida em uma dicotomia, denotada por Thomas Laqueur em *Making Sex*, como "modelo bissexual" - foram reconstruídas durante o século XVII, em que os sexos foram separados como opostos; a visão antiga considerava a mulher como um estágio

menos evoluído do homem, dentro de uma lógica de versões correspondentes arranjadas dentro do mesmo sexo humano. As mudanças, em termos de vestuário, após 1675 reforçam a alteração descrita por Laqueur. As mulheres começaram a criar silhuetas mais evocativas ainda a partir de seus próprios corpos; os homens continuaram de modo seguro a depender da tradição externamente estabelecida da alfaiataria para a criação de um corpo aceitável, (...) suas fantasias a respeito das mulheres eram agora interpretadas livremente pelas próprias mulheres no domínio da moda feminina (HOLLANDER, 1996).

As roupas da moda são usadas para fazer uma declaração sobre classe e identidade sociais, mas suas mensagens principais referem-se às maneiras pelas quais mulheres e homens consideram seus papéis de gênero, ou como se espera que eles os percebam. No século XIX as roupas da moda geralmente expressavam os papéis das mulheres da classe alta. (CRANE, 2006. p. 47)

Conforme afirmado, no século XIX as roupas femininas da classe alta refletiam status e acabavam por conferir à mulher um valor simbólico e ornamental: ela representava o poder aquisitivo da família. Freyre (1987) confirma essa afirmação completando que o modo das mulheres casadas de se apresentarem em público, bem como o modo de se vestir das suas filhas, era uma das formas que possibilitavam seus maridos e pais a afirmarem sua situação de prosperidade social. Crane (2006) afirma que as mulheres casadas da classe média tentava copiar essas vestimentas mas com menos recursos econômicos. Já as mulheres casadas da classe operária direcionavam o orçamento familiar para outras necessidades, ou seja, os gastos com roupas eram ínfimos.

A moda sempre estabeleceu uma pauta social para as mulheres, e as maneiras de vestir-se são sempre motivadas socialmente. No século XIX, essa pauta era conservadora, calcada numa concepção amplamente aceita dos papéis femininos. Nas décadas de 1920 e 1960, a pauta da moda revelou-se mais progressista para as mulheres ao reformular sua aparência em consonância com as mudanças ocorridas em seus papéis sociais e no restante da sociedade.¹³ Hoje em dia, a moda tem pautas diversificadas e contraditórias, indo de representações que refletem sadomasoquismo e pornografia a descrições das mulheres como poderosas e andróginas. Isso levanta a questão de como e em que medida as mulheres percebem as várias pautas sociais ligadas às roupas na imprensa de moda, e em que grau aceitam ou rejeitam essas imagens como significativas para a construção de sua própria aparência. (CRANE, 2006. p. 53)

¹³ Mary Louise Roberts, *Civilization without Sexes: Reconstructing Gender in Postwar France, 1917-1927* (Chicago: University of Chicago Press, 1994)

No final do século XIX as roupas se tornaram mais acessíveis, sendo assim, as diversas classes tinham acesso a semelhantes tipos de vestuário.

Crane (*idem*) revela que os historiadores da moda frequentemente afirmam que os homens no século XIX evitavam a moda em prol de uma aparência propositalmente insípida e conservadora. Já no final do século XX as noções fixas de gênero e a intolerância aos desvios de padrão foram gradualmente desaparecendo. Apesar disso, Crane (2006) afirma que os homens se vestiam de acordo com uma dicotomia roupas de trabalho/ roupas de lazer. Enquanto as indumentárias utilizadas no ambiente de trabalho tinham regras mais rígidas e padronizadas – onde qualquer alteração do padrão representava um poder aquisitivo maior para essa customização –, as roupas de lazer representavam melhor a individualidade do sujeito.

No século XX tanto o homem quanto a mulher adquiriram uma maior liberdade na forma de se vestir, podendo assim expressar-se através de suas roupas. Jones (2008) apresenta o comparativo entre as mensagens de masculinidade e feminilidade tradicionalmente transmitidas pelo vestuário ocidental do século XX:

Quadro 1 – Mensagens tradicionalmente transmitidas pelo vestuário ocidental do século XX.

Masculinidade	Feminilidade
Calça, gravata, ombros largos, tecidos pesados ou rústicos, roupas para atividades ao ar livre.	Saia, decotes, cintura marcada, tecidos delicados.

Fonte: Jones (2008)

Podemos perceber claramente a diferença entre as silhuetas masculinas e femininas em uma linha do tempo da moda na imagem abaixo (figura 14). Enquanto as figuras femininas sofrem grandes alterações em sua forma de se vestir, as modificações sofridas pelas silhuetas masculinas foram muito pequenas. A sobriedade masculina também se refletiam nas cores: dentre os tons mais comuns se destacavam o preto, o cinza e o marrom. Como explica Hollander (1996), com a convicção da sociedade de que os homens poderosos devem vestir-se sobriamente e de modo similar, e que caberia ao público feminino o ônus da fantasia pessoal deliberada, a indústria da moda acabou sendo dirigida principalmente para as mulheres consumidoras, em vez de ser algo no qual homens e mulheres pudessem mostrar o mesmo tipo de

interesse de forma apropriada. Os esforços feitos em direção à moda masculina são mais recentes, visto que, em concordância com as regras modernas, muitos homens sentem-se bastante à vontade em não a considerar um fator importante.

Figura 14 – Linha do tempo da moda em silhuetas.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/167266573630984982/?autologin=true>

Segundo Jones (2008), atualmente a moda feminina é o maior segmento, detendo 75% da participação do mercado enquanto a moda masculina responde por aproximadamente 24% dessa parcela. Na moda masculina do último século os ternos de alfaiataria representava metade das compras mas atualmente as preferências de consumo tem sido as roupas mais casuais e confortáveis.

Ainda sobre a identidade masculina na moda, Crane (2008) afirma que essa identidade é fixa, e é fortemente influenciada pela mídia que associa a masculinidade com os valores de: potência e controle físico; heterossexualidade; conquista profissional por meio dos “trabalhos de homem”; e a figura do pai e a família patriarcal. Hollander (1996) conta que, com o início do movimento romântico, a diferença entre a forma de se vestir dos homens e mulheres era um reflexo da necessidade criativa da época: o costume de vestir as mulheres com fantasias ornamentadas e coloridas e os homens com formas simples, de acabamento discreto e sem adornos. Daí em diante, pela primeira vez nos cem anos de sua

história, a moda do mundo moderno passou a mover-se por caminhos distintamente divididos, tomando dois percursos separados que somente agora estão começando a convergir (HOLLANDER, 1996).

Apesar dos valores estéticos do masculino e feminino bem definidos, no século XIX surge a noção da moda sem gênero, andrógina ou neutra. As características físicas que diferenciam homens e mulheres estão desaparecendo continuamente através da moda andrógina (GOULD e STERN, 1989). Esse movimento propõe a ruptura dos estereótipos tradicionais, feminino e masculino, teve início quando um modelo transexual desfilou apresentando coleções femininas ainda antes da sua transição e fora abraçado por marcas de Alta-Costura na Europa (ARAÚJO e SAMPAIO, 2016). Apesar disso, a prática ainda não é difundida, por exemplo, nas disposições de araras em lojas. Em 2016 a C&A lançou uma linha de roupas com a proposta de não haver distinção de gêneros em que, na prática, suas peças foram fragmentadas entre as seções masculinas e femininas da loja. A Zara, por sua vez, lançou também uma coleção “sem gênero” que trazia peças de moletom em tons branco e cinza (figura 15).

Figura 15 – looks da coleção “sem gênero” da Zara.



Fonte: <http://modasemcensura.com/zara-lanca-colecao-de-roupas-neutras-sem-genero/>

Algumas marcas como Another Place, Medusa, Cris Moura, dentre outras (figura 16) apostam na confecção de roupas que podem ser vestidas por qualquer pessoa, de qualquer gênero, desenvolvendo suas coleções exclusivamente dentro dessa premissa.

Figura 16 – Marcas que trabalham com o conceito de moda sem gênero.



Fonte: <http://www.cartolamag.com/2016/06/5-novas-marcas-brasileiras-para-ficar.html>

3 Design, Moda e Consumo

3.1 Entendendo a moda e o consumo de moda

A moda é um fenômeno cíclico temporário, adotado pelos consumidores por tempo e situação em particular. Miranda (2008) adiciona que a moda é também um processo de adoção de símbolos que dotam de identidade os indivíduos, uns em relação aos outros. A moda é um dos instrumentos mais poderosos de integração e desempenha uma função niveladora importante, ao permitir que o indivíduo se confunda com o grupo e desapareça num todo maior, que lhe dá apoio e segurança (MELLO E SOUZA, 1987). Vale ressaltar que o modo de se vestir não é um processo unicamente relacionado à identidade pessoal e individual de um sujeito. As roupas constituem um fenômeno social: mudanças no vestuário são mudanças sociais. E mais, diz-se que transformações políticas e sociais refletem-se no vestuário (HOLLANDER, 1996).

Para entendermos o a moda, seus simbolismos e processos, se faz necessário buscar as origens desse fenômeno. Segundo Treptow (2007), desde a pré-história o ato de se vestir já tinha um significado místico: os homens vestiam a pele dos animais por eles abatidos não apenas para protegê-los do frio, mas também porque acreditavam que vestindo tal pele iriam adquirir a força daquele animal.

BRAGA (2008) relata que, desde o passado, colocamos sobre o corpo, elementos, tais como dentes, presas, garras, conchas, ossos e pedras, para distinguir a identidade dos membros das tribos em meio aos demais. Apesar de os detalhes das roupas poderem ter sido determinados por implicações sociais e psicológicas, o motivo principal para se cobrir o corpo era afastar o frio (LAVÉR, 1989). A função do vestir era, prioritariamente, prática.

Laver (1989) narra que uso das peles dos animais caçados para proteção tolhia os movimentos, além de deixar expostas algumas partes do corpo. Com a invenção da agulha de mão - encontradas com registros de 40 mil anos, feitas de marfim, ossos e presas - tornou possível a costura das peles para que se ajustassem melhor ao corpo. Enquanto isso, em regiões de climas mais temperados, os povos utilizavam fibras animais e vegetais para se proteger/vestir. Se avançarmos um pouco no tempo [...] as primeiras civilizações (assírios, babilônicos e egípcios) produziam

vestimentas com características em comum, mas em diferentes tecidos. Não se tratavam mais de peles curtidas e amarradas sobre o corpo, mas de fibras naturais tecidas, como lã e linho. (TREPTOW, 2007). Essa diferenciação percebida nos tecidos utilizados em suas vestimentas era o que, nesse momento da história, identificava qual era a condição social do indivíduo a estava usando. Segundo Embacher (1999), no contexto social primitivo, a indumentária aparece como um diferenciador de posições sociais. As roupas serviam a três finalidades principais: proteção, pudor e enfeite. Sendo assim, as pessoas das classes mais baixas e os escravos andavam praticamente nus. A função simbólica das roupas já fazia grande diferença nas sociedades.

Com o passar do tempo, já na Idade Média, principalmente após a Revolução Comercial e com o enriquecimento da classe burguesa, notou-se uma necessidade maior de diferenciação entre os indivíduos, de acordo não só pelas camadas sociais, mas também de acordo com sua origem e seu gosto pessoal (MORAES, 2008). Embacher (1999) afirma que, durante o Renascimento, as classes intermediárias imitam ao máximo os trajes dos abastados, porém, além de limitações econômicas, existiam leis que proibiam o uso de determinadas cores - como fios de ouro e prata que eram reservados apenas aos nobres, sob pena de multas aos burgueses que desrespeitassem.

Wilson (1985) afirma que foi a partir do período industrial que a produção em massa do vestuário torna possível a utilização da moda como meio de auto-afirmação e de auto-expressão pela maioria das pessoas. A partir dessa necessidade de diferenciação surge o fenômeno da moda. As pessoas passam a se vestir sob a influência de outros motivos que não o de apenas cobrir seus corpos. Moda teria um significado muito próximo à construção da identidade subjetiva e individual do sujeito e estaria presente a partir do momento em que se começa a obedecer a mudanças cíclicas e estilísticas propagadas e aceitas socialmente (CASTILHO e MARTINS, 2005).

O conceito de moda se refere não apenas às roupas, já que este conceito moda/roupa está enraizado a ponto de que quando nos referirmos à “moda”, imediatamente nos lembramos dos objetos e formas vestíveis (AGUIAR, 2003), mas a tudo que vigora em um determinado período.

É a materialização do espírito de um tempo em diversos contextos, entre eles podemos citar a música, a arquitetura, a decoração, os meios de transporte, os objetos, e os elementos observados nas roupas, como cor, forma, volume, textura. Moda também pode ser definida como a proposta dos estilistas e da indústria por um período de tempo ou estação, ela é um fenômeno sociológico (TREPTOW, 2007). A moda inventou um vocabulário visual poético para demonstrar, mesmo de modo inconsciente, os temas sobrepostos e simultâneos de temporalidade e contingência, ou de localização social e personalidade (HOLLANDER, 1996).

O pensador Anatole France traduz essa idéia ao afirmar que uma revista de moda é capaz de dizer mais sobre a história de uma humanidade do que filósofos, romancistas, pregadores e sábios. Ou seja, moda não é só o que vestimos, mas também o que nos circunda, o que comemos, vemos, usamos, fazemos e até sentimos. Para que ela exista é preciso que existam pessoas para segui-la e consumir as suas idéias, ou seja, sua tendência.

Ainda, para o entendimento do conceito “moda”, é importante saber a partir de que ela é criada, de onde surgem as tão citadas tendências, principalmente na contemporaneidade.

Para Treptow (2003) a moda é um fenômeno dividido em fases, que se iniciam no lançamento, passam pela aceitação e replicação e finalizam no desgaste. Churchill (2000) distingue cinco etapas para o processo de compra – ou consumo – de um produto ou serviço, são elas: reconhecimento da necessidade, busca de informações, avaliação das alternativas, decisão de compra e avaliação pós compra.

Essas fases estão inseridas dentro dos dois conceitos de surgimento de tendência de moda e suas formas de adoção, explanados por Jones (2005) e Miranda (2008): o efeito trickle-down (gotejamento) ou o bubble-up (ebulição).

O efeito trickle-down surge das camadas da elite e de pessoas de influência na mídia, ou seja, do topo da pirâmide social e, assim que é captada e aceita pela classe média, começa a ser propagada pelas marcas chamadas “independentes” chegando ao alcance das classes populares onde ocorre seu desgaste. A teoria do trickle-down foi introduzida pelo sociólogo alemão Georg Simmel em que, segundo ele, “as classes inferiores olham para cima e procuram subir e conseguem isto

sobretudo nas áreas que estão sujeitas à moda, porque estas são, de longe, as mais acessíveis à imitação externa" (SIMMEL, 2008).

Já no efeito bubble-up ocorre o contrário, a moda surge na base da pirâmide social e chega ao topo. Um bom exemplo desse efeito é o movimento punk que surgiu nas ruas de Londres e foi absorvido, editado, divulgado e comercializado pelas grifes famosas, chegando às passarelas do mundo fashion. A imagem abaixo (figura 17) ilustra como acontecem, de forma geral, os efeitos trickle-down e bubble-up.

Figura 17 – O efeito trickle-down e bubble up.



Fonte: Próprio autor (adaptada de Jones (2005), p. 51).

Podemos também citar a teoria do trickle across, em que líderes de grupos sociais influenciam tendências e comportamentos entre seus pares. A moda implica assim imposição do grupo e depende de sentimento especial de aprovação coletiva (SOUZA, 1987).

Relacionando moda com o meio social, Garcia e Miranda (2005) conceituam moda como o conjunto atualizável dos modos de visibilidade que os seres humanos assumem em seu vestir com o intuito de gerenciar a aparência, mantendo-a ou alterando-a através de seus corpos, adornos adicionados e atitudes, de forma a produzir sentido e interagir com o outro. "As roupas mostram que a forma visual tem capacidade própria de, independente das forças mundanas práticas, satisfazer as pessoas, perpetuar-se e fazer a sua própria verdade longe de referências linguísticas e alusões tópicas. As formas sobrevivem e são usadas repetidamente

em muitas variantes, atribuindo um significado temporário diferente ao seu apelo visual permanente. A linguagem das roupas é essencialmente destituída de palavras - foi criada para ser assim, para que possa operar livremente abaixo do nível do pensamento consciente e do discurso." (HOLLANDER. 1996. p. 25)

Observa-se então que, o modo de vestir do indivíduo é o meio pelo qual ele expressa sua personalidade e, provavelmente, a forma pela qual ele indica o grupo social a que pertence, ou gostaria de pertencer. A indústria da moda percebendo a diferenciação entre esses grupos, e as semelhanças entre os indivíduos de um mesmo grupo identificou a conveniência em classificar seu público-alvo de acordo com os segmentos de mercado. Segundo Ferreira (2011) existem várias maneiras de segmentar o mercado, isso vai depender muito do tipo de produto comercializado e principalmente do seu público-alvo. Para Kotler (2006), segmento de mercado é um grupo de consumidores que possuem as mesmas preferências e podemos classificá-los de acordo com as suas quatro variáveis:

- a) a geográfica (cidade, estado, região, país...), que os localiza;
- b) a demográfica (idade, tamanho da família, sexo, renda, ocupação, classe social...), que os descreve;
- c) a psicográfica (estilo de vida e personalidade)
- d) e a comportamental (define o comportamento de compra: ocasiões, benefícios, fidelidade...) que entendem suas necessidades.

Para prosseguir o entendimento, faz-se necessária a compreensão do termo "consumo". Miranda (2017) conceitua o consumo como processo mediante o qual os bens e serviços são criados, comprados e usados. Segundo a autora o ato de consumir está além do ato de possuir, é uma forma de comunicação, o compartilhamento de valores, ideias, estilos, dentre outros fatores simbólicos.

Solomon (2002) compreende que o consumidor, ao consumir, sofre influências psicológicas, pessoais, sociais e culturais. Dentre os fatores psicológicos, identificamos a influência da imagem social do consumidor e seu autoconceito, sua autoimagem. Conceitua-se autoimagem como a imagem, o conceito que um indivíduo tem de si mesmo. Segundo Oliveira Filho, Sobral e Miranda (2011), a

preferência por produtos com imagens congruentes com a autoimagem que o consumidor tem de si ocorre em função da crença de que a aparência física e as posses afetam e refletem o seu eu.

3.2 Criação de identidade pessoal de moda: o gerenciamento de aparências

Estilo, para Garcia e Miranda (2005), é a busca da autenticidade expressando a identidade do indivíduo. Kalil (2008) completa afirmando que estilo é mais do que um simples modo de se vestir: é um modo de ser, de viver e de agir; são os modos e não a moda. Enquanto a moda é uma proposta da indústria, o estilo é uma escolha pessoal. Jones (2005) adiciona que, ao consumirmos uma marca, buscamos nos apropriar das qualidades intrínsecas. Podemos citar como exemplo a Versace, marca que expressa em sua identidade glamour, sensualidade e extravagância, características que, possivelmente, o seu usuário também pretende transmitir ao vestir-se com uma de suas peças.

A moda, como um movimento social, Segundo Castilho e Martins (2005), significa os sujeitos e o modo como eles se vestem se torna parte de sua identidade; eles selecionam determinadas combinações que revelam suas individualidades e refletem traços de suas identidades, assim como suas subjetividades.

À mistura e edição de significados que os indivíduos fazem ao vestir-se damos o nome de gerenciamento de aparências. Kaiser (1998) define esse termo como o modo de compor a sua imagem pessoal, não somente pelas escolhas realizadas ao se vestir, mas também pelo próprio corpo humano, suas ações e modificações realizadas nele que sejam visualmente preceptivas. Então, por meio do gerenciamento de sua aparência, cada indivíduo é capaz de planejar e transmitir o seu próprio discurso de identidade e personalidade.

Kaiser (1998) também demonstra por meio do quadro a seguir (quadro 2) os “tipos de se vestir” com o intuito de gerenciar a aparência:

Quadro 2 – Three types of dressing.

Três tipos de se vestir

- 1. Modificações do corpo** – inclui qualquer mudança ou redesign temporário ou permanente do corpo em si (a cor, textura, ou forma do corpo podem ser modificadas).

- a. Modificação da cor do corpo: pintar ou dar luzes no cabelo, tatuagem, uso de cosméticos, pintura, bronzamento, ou clareamento da pele; usando maquiagem ou esmalte de unha;
- b. Modificação da textura do corpo: cacheando ou alisando o cabelo; amaciando a pele por plástica cirúrgica; usando cremes ou loções para amaciar a pele;
- c. Modificação da forma do corpo: cabelo estiloso, barba ou bigode recortado; reformar o corpo pelo uso de roupas de baixo; reformar o corpo através de dietas.

2. **Envoltórios de corpo** – inclui o envolvimento e cobertura do corpo ou parte do corpo, o item pode estar ao redor do corpo, suspenso de uma parte do corpo, pré-formado para caber tal parte do corpo (por exemplo, anéis de ouro, galochas, partes de peças de vestuário projetadas para acompanhar as formas e contornos de partes do corpo), ou combinações do tipo.

3. **Adereços para o corpo ou para envoltórios de corpo** – a cobertura de pequenas áreas do corpo ou de envoltórios de corpo aos quais são fixados.
- a. Inserções: brincos para orelhas furadas; presilhas ou laços interlaçados no cabelo (preso ao corpo); abotoaduras ou pinos (presas a envoltórios de corpo);
 - b. Clips: brincos (presos no corpo) ou clips em gravatas borboletas (presas a um envoltório de corpo – uma camisa);
 - c. “Adesivados” (adherends): cílios postiços; unhas artificiais;
 - d. Itens pendurados no ombro ou segurados na mão: bolsas de ombro, bolsa de mão, guarda-chuva, bengala.

Fonte: ROACH and MUSA apud KAISER (1998, p. 7)

Garcia e Miranda (2005) completam que esse processo de construção de aparências se dá por meio da aquisição e uso de produtos; o produto, quando em uso, expressa a personalidade de quem o possui. Segundo Hollander (1996), a moda vai além do vestir, ela adere à ideia de que um corpo individual tem uma psique individual e uma sexualidade particular, uma juventude e maturidade únicas, e um conjunto único de experiências e fantasias pessoais; a moda é incansavelmente pessoal. Podemos dizer que nos vestimos pensando em nossa aparência, na forma que seremos vistos pelo “outro” e programamos um certo discurso, adequado ou não, a certo grupo, mas que sentencie ou que materialize (concretize) nossos desejos (CASTILHO E MARTINS, 2005).

As roupas mostram que a forma visual tem capacidade própria de, independente das forças mundanas práticas, satisfazer as pessoas, perpetuar-se e fazer a sua própria verdade longe de referências linguísticas e alusões tópicas. As formas sobrevivem e são usadas repetidamente em muitas variantes, atribuindo um significado temporário diferente ao seu apelo visual permanente. A linguagem das roupas é essencialmente destituída de palavras - foi criada para ser assim, para que possa operar livremente abaixo do nível do pensamento consciente e do discurso. (HOLLANDER. 1996. p. 25)

O que as roupas codificam é um gosto específico e efêmero, um papel actancial (ou atorial, talvez) em uma história localizada no tempo e espaço, mas também uma concepção do corpo, da posição sócio-econômico-cultural do indivíduo no seu grupo de origem, seu caráter psicológico, seus humores (OLIVEIRA, 1995). Para Kaiser (1998) nossa seleção de roupas e estilo são influenciadas por como nós gostaríamos de ser vistos, e o gerenciamento de aparência se torna um meio de não somente criar um visual de nós mesmos, mas também um meio de nos compreendermos através dos símbolos selecionados. Ela afirma que todos os indivíduos, de alguma forma, passam pelo processo de gerenciamento de sua aparência no dia-a-dia. Quando, por exemplo, vestimos uma roupa de cor clara ao invés de uma de cor escura, estamos fazendo por algum motivo que pode ser desde a temperatura do ambiente, nossa cor preferida ou até para representar o estado de humor; inconscientemente ou não estamos gerenciando nossa aparência.

Castilho (2009) relata que a imagem que um sujeito cria de si mesmo exprime-se, então, em codificações, em seu modo de parecer, de mostrar-se para ser visto. Ao comprarmos e usarmos uma roupa, montamos combinações que são concebidas, deliberadas ou inconscientes, transmitindo às outras pessoas impressões falsas ou verdadeiras sobre nós mesmos (JONES, 2005). Para Moraes (2008) o indivíduo cria seu estilo pessoal com liberdade, combinando peças diferentes, na busca de expressar sua identidade. Para que haja esse gerenciamento de aparências, deve haver também o consumo de produtos de moda.

Segundo Miranda (2008), o indivíduo no ato de consumo, imita, representa e cria mecanismos simbólicos para instaurar a comunicação, abrindo assim, o diálogo com o mundo. Garcia e Miranda (2005) retificam essa afirmação ao dizerem que a imagem que o indivíduo tem de si mesmo motiva o seu comportamento no “lugar de consumo”. Isso nos leva a ponderar sobre a teoria do autoconceito.

O autoconceito real refere-se a como as pessoas percebem a si próprias. O significado escolhido no ato de vestir é entendido como apropriado quando reforça a maneira pela qual o consumidor pensa sobre si. Já o autoconceito ideal, refere-se a como a pessoa gostaria de ser percebida – trata-se da concepção de como a pessoa gostaria de ser. Este “eu ideal” é parcialmente moldado por elementos da cultura do consumidor, como heróis ou as pessoas nos anúncios que servem como modelos de realização ou aparência. Por outro lado, o autoconceito social refere-se a como a pessoa apresenta o seu eu para os outros. É definido como resultado da imagem que o indivíduo faz de si diante da percepção dos outros em situação

específica. Assim sendo, o eu do indivíduo seria determinado amplamente pela projeção de como os outros o vêem. Garcia e Miranda (2005)

Os “eus” são reflexos do nosso autoconceito. No trecho acima são entendidos três tipos de “eu”: o “eu social” (como a pessoa se apresenta para os outros indivíduos da sociedade, em ambientes e situações diferentes, ou seja, o autoconceito social é mutável de acordo com a ocasião), o “eu real” (como a pessoa se percebe, “a imagem que um sujeito cria de si mesmo” (CASTILHO, 2009)) e o “eu ideal” (como a pessoa gostaria de ser representada ou percebida, suas aspirações e idealizações).

Belk (1988) afirma que os indivíduos são a soma de suas posses, ou seja, o que consumimos se torna extensões do "eu" (self). Sendo assim, para entender o comportamento dos consumidores - e a criação de sua identidade - precisamos compreender suas relações simbólicas de consumo. O "eu" estendido não se limita apenas a posse de objetos e sua relação com o dono, mas tem relação com partes do corpo, processos psicológicos, ideias, pessoas, lugares, coleções e presentes (BELK, 1988). No conceito do "eu" estendido de Belk o "ter" faz parte do "ser".

3.3 As relações entre o Design da Informação e os looks

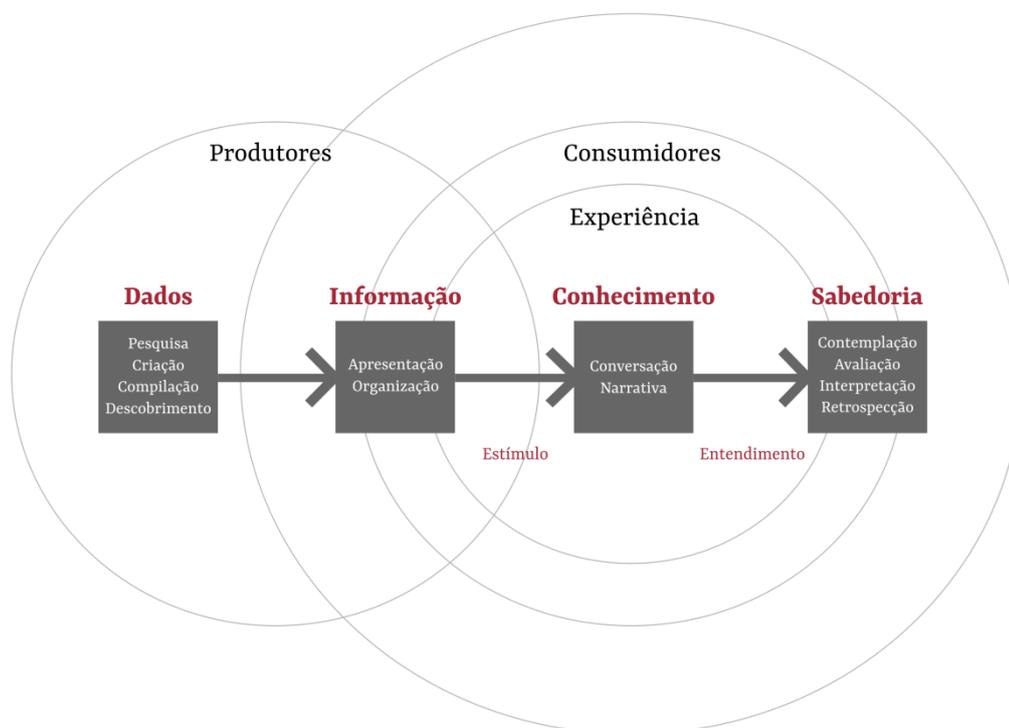
O Design da Informação pode ser compreendido como disciplina que atua no processo comunicacional facilitando a compreensão de uma mensagem ou como atividade que exerce ações em torno da organização, planificação e apresentação de determinadas informações (GIANNELLA, 2014). Ele atua na configuração da forma como o indivíduo absorve e percebe as informações ao seu redor.

Internacionalmente, este tem sido um tema de discussão importante para o Design desde meados dos anos 1970, com eventos como a criação do IIID (International Institute for Information Design, sediado na Áustria), a edição do Design Information Journal, e do boletim da Glyphs Inc. (REDIG, 2004). No Brasil, o campo de estudos sobre o Design da Informação é considerado relativamente recente. Exemplo disso é o fato de que a Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI – foi fundada em Recife no ano de 2002.

Apesar de, como apontado por Passos, Mealha e Lima-Marques (2015), o Design da Informação ser constantemente considerada uma subárea do design gráfico, essa linha de pensamento pode tornar-se restritiva ou limitante para expressar a

potencialidade do design da informação enquanto agente de configuração da informação em interfaces diversas, em contextos diversos. Redig (2004) afirma que, em níveis diferentes, todo design é de informação. Carliner (2000) apresenta o designer da informação como o profissional capaz de produzir, editar e configurar informações dos mais variados tipos e para as mais variadas finalidades. Shedroff (2014) afirma que, para que os dados – produto da descoberta, pesquisa, coleta e criação; matéria-prima que usamos para construir nossas comunicações – tenham valor de informação, eles devem ser organizados, transformados e apresentados de um modo que haja significação em sua transmissão. O autor ainda complementa que uma comunicação eficaz deve levar em conta o nível de conhecimento do público ao qual ela se destina. O percurso dessa informação passa é entendido através das experiências de seu consumidor, seus conhecimentos e entendimentos através do seu campo do saber – ou sabedorias. O esquema apresentado por Shedroff (figura 18) ajuda a compreender melhor a teoria apresentada acima.

Figura 18 – Shedroff, N. Teoria Unificada de Campo do Design, 2014.



Fonte: <http://nathan.com/thoughts/>

A partir dos fundamentos do Design da Informação apresentados pela Prof^a. Dr^a. Solange Coutinho, entendemos que um dado bruto, depois de tratado e estruturado, vira informação; que um dos objetivos da área é organizar e otimizar as informações dentro de um contexto, sem delimitar interface ou artefato. Apesar disso, em uma

busca pelo estado da arte que relaciona o Design da Informação com outro campo de atuação do design fora do eixo comum de interfaces gráficas ou digitais, como a moda, os resultados encontrados diminuem drasticamente. Poucos são os pesquisadores que fazem a relação das informações transmitidas na composição de um look com as teorias do infodesign.

Recapitulando a afirmação de Geraldi (2002), vestir o corpo é um dos meios pelos quais o ser humano produz significação. Flugel (1966) afirma que a primeira impressão que formamos de nossos semelhantes se dá através das roupas pois, segundo Jones (2005), todas as sociedades, desde as primitivas, usam suas roupas e ornamentos para transmitir informações pessoais e sociais. Com o passar do tempo as roupas também passaram a transmitir outras informações sobre o seu usuário, tais como gênero, faixa etária, profissão, localidade, identidade, dentre outras. Os looks são capazes de informar – ou enganar – muito sobre o sujeito. Ao consumir uma música, uma roupa, uma cerveja, uma marca ou uma tela estamos nos utilizando dos signos desses elementos para comunicar mensagens e significados, tanto para se inserir num grupo quanto para compor nosso mundo culturalmente constituído (MCCRACKEN, 2003). O sujeito, por meio do corpo como suporte e meio de expressão, revela uma necessidade latente de querer significar, de reconstruir-se por meio de artifícios inéditos, geradores de significações novas e desencadeadoras de estados de conjunção ou disjunção com os valores pertinentes à sua cultura (CASTILHO E MARTINS, 2005).

Segundo Garcia e Miranda (2005) as vestimentas são usadas como formas de leitura de personalidade e essa leitura é feita através de formantes, que são: cromático (cor), eidético (formas), matérico (materiais) e topológico (distribuição dos demais nas figuras expressivas). Portanto, pode-se observar que cada elemento que compõe o visual tem sua importância e seu significado a ser “lido”. Sendo assim, se a moda gera signos é porque ela é portadora de uma linguagem que comunica, ou seja, “as roupas são 'máquinas de comunicar'” (MAFFESOLI, 1999). Tanto a Moda, como o vestuário transmitem sinais que estão prontos para serem interpretados e que podem possuir diversos significados (SEFERIN; LINDEN, 2014).

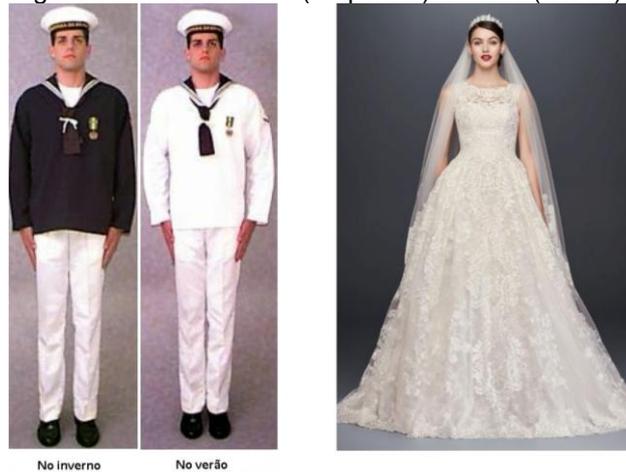
Se levarmos em consideração os conceitos previamente apresentados de gerenciamento de aparências de Kaiser (1998), em que o sujeito seleciona o “texto”

que vai usar sobre o corpo (dados), de forma intencional, e apresenta em um look (informação), utilizando-se dos elementos da linguagem visual, ele cria um discurso (conhecimento) passível de entendimento, contemplação, avaliação e interpretação (sabedoria). Em um certo nível de compreensão, o indivíduo, ao gerenciar sua aparência, acaba passando pelo processo descrito por Shedroff (2014).

Nos entendimentos de Shedroff (2014), a compreensão dos significados transmitidos pelos looks também dependem de interpretação e contexto ao qual o seu consumidor está inserido. O autor afirma que existem muitos tipos de experiências que conferem diferentes tipos de conhecimento. O conhecimento pessoal: tendo significado exclusivo para as experiências, pensamentos ou ponto de vista de uma pessoa; o conhecimento local: compartilhado por poucas pessoas por causa de suas experiências compartilhadas; e o conhecimento global: mais geral, limitado e baseado em processos, já que se baseia em níveis tão elevados de entendimentos e acordos compartilhados sobre comunicação. Barnard (2003), autor na área de moda, apresenta um conceito semelhante aplicado ao campo quando afirma que moda e indumentária são formas de comunicação não-verbal uma vez que não usam palavras faladas ou escritas e essas mensagens podem produzir diferentes significados ou interpretações, de acordo com a bagagem cultural do receptor, sendo a “bagagem cultural” referindo-se ao nível de alfabetização visual do receptor. Sendo assim, de acordo com as referências do receptor, através da leitura e interpretação dos elementos da linguagem visual presentes na composição, o look transmite informação – real ou não – sobre quem o veste – personalidade, época em que vive, grupo social, função, dentre outras.

Podemos usar como exemplo as duas imagens abaixo (figura 19). Fazendo a leitura interpretativa dos looks apresentados, em um contexto de conhecimentos globais, reconhecemos as imagens da esquerda como marinheiros em seus uniformes, assim como na imagem da direita identificamos uma mulher vestida para a cerimônia de seu casamento. Apenas em posse de conhecimentos mais específicos, dentro do contexto local da marinha, é possível ler os códigos, e assim diferenciar, os dois looks da direita: um para o uso nos períodos de inverno e o outro no verão.

Figura 19 – Marinheiros (esquerda) e noiva (direita).



Fonte: Composição criada pelo autor com imagens capturadas do Google Imagens.

As indumentárias são elementos de informação desde a Antiguidade, como podemos perceber na imagem a seguir (figura 20). De acordo com a coroa utilizada pelos faraós podemos identificar em qual período histórico se deu o seu reinado.

Figura 20 – as coroas do Faraó.



Fonte: <http://egiptologiaportugal.blogspot.com/2015/08/os-simbolos-farao-duplacoroa-sekhemy.html>.

Ainda na Antiguidade, nas ilustrações abaixo (figura 21) que representam os modos de se vestir em Roma, percebemos como as indumentárias informavam – de forma não verbal – a que classe social pertenciam os membros da sociedade.

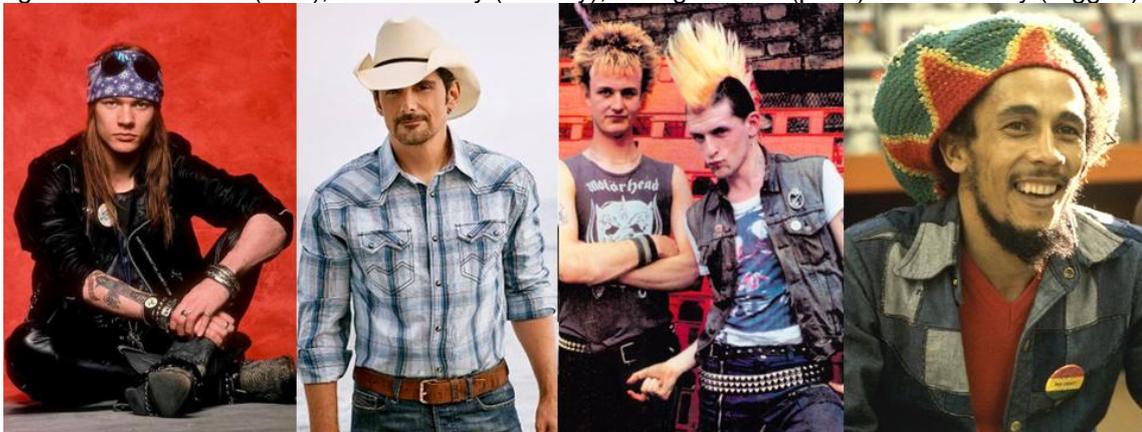
Figura 21 – Vestes romanas.



Fonte: <http://www.thinglink.com/scene/832275399030341634>.

Outro exemplo que podemos apresentar é o da imagem abaixo (figura 22). Através das composições dos figurinos dos artistas, sem auxílio textual, mesmo que não sejamos capaz de reconhecer os artistas, podemos identificar – ou ao menos supor – a quais estilos musicais pertencem os sujeitos presentes nas imagens.

Figura 22 – Axl Rose (rock), Brad Paisley (country), Charged GBH (punk) e Bob Marley (reggae).



Fonte: Composição criada pelo autor com imagens capturadas do Google Imagens.

Com as drag queens não seria diferente. Quando um sujeito se utiliza de maquiagens, enchimentos corporais, perucas, roupas e tecidos diversos para transformar o seu corpo – utilizando-se de elementos da linguagem visual –, ele também transmite mensagens visuais a serem recebidas e interpretadas. Lembrando que o êxito na transmissão da mensagem desejada vai sempre depender de como os dados foram organizados em informação – o fazer prático – e do entendimento do receptor, de acordo com o seu nível de alfabetização visual.

4 A imagem

4.1 Linguagem visual

Frutiger (2007) afirma que a técnica de comunicação dispõe de dois meios básicos: a linguagem verbal e a pictórica (ou visual). Linguagem visual é o tipo de comunicação transmitida através de imagens ou símbolos, sejam eles estáticos ou dinâmicos, planos ou tridimensionais. Segundo Joly (2008) a linguagem visual não se trata de uma linguagem discreta ou descontínua, é uma linguagem contínua. Processo de combinação de elementos percebidos visualmente para gerar significado, informação e comunicação (COELHO, 2008).

A linguagem visual destina-se a ser percebida pelo olho, receptor sensível à luz que pode perceber as formas, analisar distâncias, distinguir cores e movimento, sendo espacial e global. O objecto, tal como a imagem fixa que representa objectos, está situado no espaço a três dimensão, mesmo na imagem em que a perspectiva cria a ilusão de profundidade. (LENCASTRE; CHAVES, 2007)

Dondis (2007) apresenta os elementos que compõem a linguagem visual: ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura dimensão, escala e movimento. O autor afirma que "os elementos visuais são manipulados com ênfase cambiável pelas técnicas de comunicação visual, numa resposta direta ao caráter do que está sendo concebido e ao objetivo da mensagem". Para a presente pesquisa julgou-se necessário ater-se apenas aos elementos que serão utilizados no método de análise: forma, cor e textura (elementos presentes também nos signos plásticos¹⁴).

4.1.1 Elementos da linguagem visual

Conforme citado no tópico anterior, os elementos que compõem a linguagem visual que abordaremos no estudo são:

- **Forma:**

Segundo Wong (1998), forma é tudo que pode ser visto, baseada em algo real ou abstrato, simples ou complexa, harmoniosa ou discordante, criada para transmitir um significado, uma mensagem ou ser meramente decorativa.

Wong (idem) também afirma que uma forma plana é limitada por linhas conceituais que constituem as bordas da forma, e elas tem uma variedade de formatos:

¹⁴ Ver tópico 4.2.2. Signos plásticos.

geométricos, orgânicos, retilíneos, irregulares, feitos à mão ou acidentais. Segundo Dondis (2007), a linha descreve e articula a complexidade da forma; "existem três formas básicas: o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero" e a partir de combinações e variações infinitas das três, derivam-se todas as formas físicas da natureza e da imaginação humana.

- **Cor:**

A cor é a percepção que a luz refletida ou absorvida pelos objetos produz nos olhos. Todo o espectro de cores está contido na luz (laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta), sendo assim, ao enxergarmos uma determinada cor, estamos observando a cor que o objeto reflete. A cor branca reflete todo o espectro de luz enquanto a cor preta absorve todas as cores.

De acordo com Ambrose e Harris (2009), olho contém três diferentes tipos de receptores que são sensíveis a cada uma das cores primárias luz: vermelho, verde e azul que, quando misturadas, produzem a luz branca. Coelho (2008) explica que o entendimento da composição das cores passa por dois universos: a cor luz e a cor pigmento - composta para refletir e/ou representar graficamente uma cor luz. Na cor pigmento, o ciano, magenta, amarelo e preto são as primárias que dão origem às demais, de acordo com suas combinações e diferentes percentuais na composição.

A cor está amplamente relacionada com os nossos sentimentos (aspectos psicológicos), ao mesmo tempo em que sofre influência da cultura tornando-se símbolo, além dos aspectos puramente fisiológicos (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

Como a percepção da cor é o mais emocional dos elementos específicos do processo visual, ela tem grande força e pode ser usada com muito proveito para expressar e intensificar a informação visual. A cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela vinculados. (DONDIS, 2007)

Sendo assim ela é capaz de transmitir valores sensoriais, psicológicos, fisiológicos, culturais, espirituais para os indivíduos, sendo esses valores mutáveis de acordo com fatores pessoais de quem a enxerga. Indivíduos diferentes, de culturas diferentes, associam – por exemplo – o luto à cores distintas: enquanto no ocidente o luto está relacionado à cor preta, no oriente ele é representado pela cor branca.

Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir. A cor é vista : impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma idéia (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

- **Textura**

De acordo com Dondis (2007), a textura é o elemento visual que, frequentemente, serve de substituto para o tato. Mas a textura não se limita apenas ao toque. As texturas podem ser classificadas, segundo Wong (1998), como visual - estritamente bidimensional - ou tátil. Onde há uma textura real, as qualidades táteis e óticas coexistem, não como tom e cor, que são unificados em um valor comparável e uniforme, mas de uma forma única e específica, que permite à mão e ao olho uma sensação individual, ainda que projetemos sobre ambos um forte significado associativo (DONDIS, 2007). Por isso a textura pode produzir leituras coesas ou ambíguas: enquanto visualmente a percebemos de uma forma, o seu toque pode trazer uma leitura distinta.

Wong (1998) afirma que toda superfície das formas tem determinadas características, como suave ou áspera, lisa ou decorada, etc. Sendo assim, a textura se apresenta como um elemento visual presente também em todas as composições.

4.2 Teoria dos signos

A definição de signo adotada por Niemeyer (2003) é de algo que representa alguma coisa para alguém em certa circunstância; ele funciona como signo se carregar esse poder de representar algo. Joly (2007) afirma que tudo pode ser signo a partir do momento que se deduza uma significação, dependendo de aspectos culturais, assim como do contexto da sua aparição.

Em uma definição mais detalhada, o signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo, etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. (SANTAELLA, 2004)

Como afirma Joly (2007), podemos perceber um signo com um ou vários de nossos sentidos, desde que designe ou signifique outra coisa ausente, concreta ou abstrata. Para que seja percebido o signo mantém uma relação com três agentes: “a face

perceptível do signo, “representamen”, ou significante; o que ela representa, “objeto” ou referente; e o que significa, “interpretante” ou significado” (JOLY, idem). Ou seja, o significante é o elemento tangível do signo, perceptível aos sentidos; o significado é o conceito abstrato, imaterial; e o referente é o objeto da relação entre significante e significado formado a partir do contexto do receptor.

Para a melhor compreensão do instrumento de análise – apresentado no capítulo seguinte – se faz necessário entender os conceitos de signos icônicos e signos plásticos. Joly (idem) afirma que os signos plásticos e icônicos são considerados signos visuais, ao mesmo tempo distintos e complementares.

4.2.1 Signos icônicos

De acordo com Ribeiro (2011) os signos icônicos correspondem às figuras que podemos reconhecer através da semelhança visual com o que representam. São as associações com conceitos reais e tangíveis que fazemos com os signos. Os signos icônicos são arbitrários, motivados e fora de contexto não são realmente signos (DA SILVA, 2012) .

4.2.2 Signos plásticos

Joly (2007) classifica os signos plásticos em: formas, cores, composição e textura. Os signos plásticos relevantes para a presente pesquisa se encontram melhores descritos no tópico 4.1.1. “Elementos da linguagem visual”.

5 Metodologia

Métodos científicos, segundo Marconi e Lakatos (2010) é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões. Por isso se faz de extrema importância a definição das etapas, métodos e instrumentos para nortear os caminhos a se seguir.

5.1 Metodologia Geral

O método de abordagem é o indutivo, de natureza exploratória e descritiva e caráter qualitativo. Para tal serão aplicados os métodos de procedimentos bibliográfico, histórico, analítico e comparativo.

5.2 Metodologia de Pesquisa

A pesquisa realizada no presente trabalho se divide em 12 etapas que serão explicadas abaixo:

5.2.1 Definição de uma amostra de sujeitos

O corpus da pesquisa é constituído por 20 homens que residem na cidade do Recife e Região Metropolitana, com idade de 18 a 35 anos e que se montam e saem às ruas vestidos como suas personas por um período superior a seis meses da entrevista, ou seja, *drag queens* que começaram a sua atuação antes do mês de Abril de 2017. O quadro abaixo (quadro 3) apresenta o corpus da pesquisa:

Quadro 3 – Corpus da pesquisa.

Drag Queen	Cidade / Bairro	Idade
Vicky Venenosa	Recife / Iputinga	30
Alexia Tarantino	Recife / Boa Viagem	30
Margareth Tarantino	Recife / Boa Viagem	27
Dahlia Mayfair	Olinda / Casa Caiada	24
Safira Blue	Recife / Jd. São Paulo	20
Tory Milicent	Jaboatão / Prazeres	20
Charlotte Delfina	Recife / Casa Amarela	23
Dita Dura	Recife / Várzea	21
Milla Perón	Recife / Espinheiro	21
Nina Poison	Recife / Espinheiro	30
Vanda	Recife / IPSEP	25
America	Recife / Prado	21

Kelly Venenosa	Recife / Torrões	25
Moon Moon	Paulista / Pau Amarelo	21
Cassia Blue	Recife / San Martin	20
Chloe Noriega	Recife / Casa Amarela	26
Ruby Nox	Recife / Cordeiro	24
Emily Amber Nox	Recife / Iputinga	24
Diesel Nox	Recife / Jordão	25
Zizara Caralhon	Recife / IPSEP	20

Fonte: próprio autor

5.2.1.1 Critérios de Inclusão e Exclusão

Critério de Inclusão: Homens que residem na cidade do Recife e Região Metropolitana, com idade de 18 a 35 anos e que se montam e performam como drag queens.

Critério de Exclusão: drag queens, menores de 18 anos de idade, que começaram a sua atuação depois de abril de 2017.

5.2.2 Tratar as informações sobre os sujeitos

A identificação e abordagem de alguns dos entrevistados foi realizada através de seus perfis nas redes sociais (Facebook e Instagram). Além disso, para alcançar alguns dos sujeitos, foi aplicada a técnica de amostragem por Bola de Neve (snowball sampling), onde o indivíduo entrevistado indica outro indivíduo que também faça parte do recorte definido. Segundo Ochoa (2015), a técnica da Bola de Neve é usada com frequência para acessar a população de baixa incidência ou indivíduos de difícil acesso. Nesta técnica o acesso aos possíveis entrevistados dá-se pelas redes sociais naturais - amigos, parentes, contatos pessoais e conhecidos (GODÓI; MATTOS, 2006).

Em seguida é solicitado ao entrevistado que selecione e envie uma foto da sua *drag*, em que o look utilizado na imagem represente a sua persona, para que possa ser aplicada a análise visual da etapa 7. Essa seleção feita pelo próprio sujeito é importante para que a imagem comunique os conceitos que ele entende como transmitidos pela sua personagem.

5.2.3 *Elaborar a entrevista*

A entrevista elaborada com roteiro semiestruturado, foi dividida em duas partes, sendo a primeira com perguntas objetivas sobre informações pessoais dos sujeitos - como idade, nome da drag -, sendo a última pergunta dessa etapa com múltiplas opções de resposta pois se trata das atuações como *drag* - dança, atuação, canto, dublagem, comédia, DJ, hostess e outros.

A segunda parte do roteiro continha perguntas mais abrangentes sobre a persona criada, sua estética, personalidade e valores gastos nas produções. Para melhor entendimento o roteiro completo se encontra em anexo (ANEXO 1).

Para testes, ajustes e adequações a entrevista foi aplicada em uma amostra de três sujeitos no dia 1 de outubro de 2017. Suas transcrições passaram pela análise da banca avaliadora durante a qualificação.

5.2.4 *Aplicação da entrevista*

As entrevistas foram aplicadas pessoalmente com todos os sujeitos, fora da montagem da sua *drag*, em ambientes públicos na cidade do Recife. A primeira parte era respondida ao pesquisador que ia anotando as respostas em um papel à parte. A segunda parte das perguntas foram respondidas pelos sujeitos enquanto o áudio era gravado pelo aplicativo Gravador do celular *Iphone* modelo 5C. Por se tratar de um modelo de entrevista semiestruturado, algumas perguntas eram espontaneamente adicionadas a fim de se obter uma resposta mais completa para os questionamentos. As entrevistas levavam em média 31 minutos e eram gravadas individualmente.

5.2.5 *Análise da entrevista*

Após coletados os dados, todas as entrevistas foram escutadas e transcritas na íntegra para uma melhor visualização de sua totalidade

5.2.6 *Tratar dados qualitativamente*

Após transcritas as entrevistas, por meio da análise de conteúdo dos discursos, alguns trechos foram selecionados e depois agrupados dentro de categorias que não foram previamente estabelecidas, mas detectadas durante a análise do

conteúdo transcrito. De acordo com sua aparição, os temas foram selecionados e representados por trechos das entrevistas que ilustravam sua conotação.

Essa etapa é importante pois faz a conexão de trechos dos discursos com as teorias previamente apresentadas, validando-as dentre os sujeitos entrevistados.

5.2.7 *Análise das imagens*

Nas imagens enviadas pelos sujeitos ao pesquisador foi aplicado outro procedimento de análise, onde essas fotos eram inseridas nas fichas de análise desenvolvidas para a pesquisa (ANEXO 2), ao lado das respostas da primeira parte da entrevista. Logo abaixo, na ficha, foi desenvolvido um quadro de análise, baseado no método de análise de Joly (2008).

Os looks foram fragmentados em quatro partes: vestuário, acessórios, maquiagem e cabelos. Cada uma das partes eram analisadas de acordo com alguns dos signos plásticos que demonstraram ser mais relevantes para a pesquisa: formas, cores e texturas; e a descrição breve do conteúdo: os signos icônicos. Nas colunas ao lado, as partes do look eram analisados quanto a sua conotação (descrição literal dos elementos na imagem) e denotação (correspondências de significados em função do contexto, cultura e/ou experiências).

Vale salientar que dois dos signos plásticos selecionados para a análise – formas e cores – também estão presentes no método de análise de imagem parada de moda de Maciel e Miranda (2009) – construído com referência no método de análise semiótica de imagens paradas desenvolvido em 2002 por Gemma Penn – sendo eles os dois primeiros critérios do método. O método supracitado consiste na descrição e análise dos critérios apresentados no quadro 4:

Quadro 4 – Critérios analisados pelo método Maciel e Miranda (2009).

01 – Forma	Pontos em comum na construção do traje – modelagem, comprimento, volumes das peças em análise.
02 – Cor	Pontos em comum na predominância das cores e sua composição na peça ou no traje.
03 – Materiais	Pontos em comum nos matérias utilizados para confecção das peças, tais como tecidos e aviamentos; e Pontos em comum nos matérias utilizados para confecção de

	acessórios.
04 – Composição	Pontos em comum na forma de compor as peças no traje; e Pontos em comum entre o uso de acessórios, mesmo que atualizados ou substituídos por outros símbolos de composição do traje.
05 – Gestual	Pontos em comum na forma de usar e de se comportar no momento da captação da imagem.

Fonte: Maciel e Miranda (2009)

Essa interseção entre métodos de análise de autores distintos, de áreas de estudo distintos, para a construção do método de análise do presente trabalho reforça os argumentos da proximidades entre as áreas de design da informação e vestuário.

5.2.8 *Tratar os dados de análise*

Nessa etapa, assim como na etapa 6, os dados encontrados de maior relevância à pesquisa foram selecionados e agrupados dentro de categorias que não foram previamente estabelecidas, mas detectadas durante a análise das entrevistas.

Essa etapa estabelece a conexão da semiótica presente nos looks selecionados com as teorias previamente apresentadas.

5.2.9 *Entrevistas x Imagens*

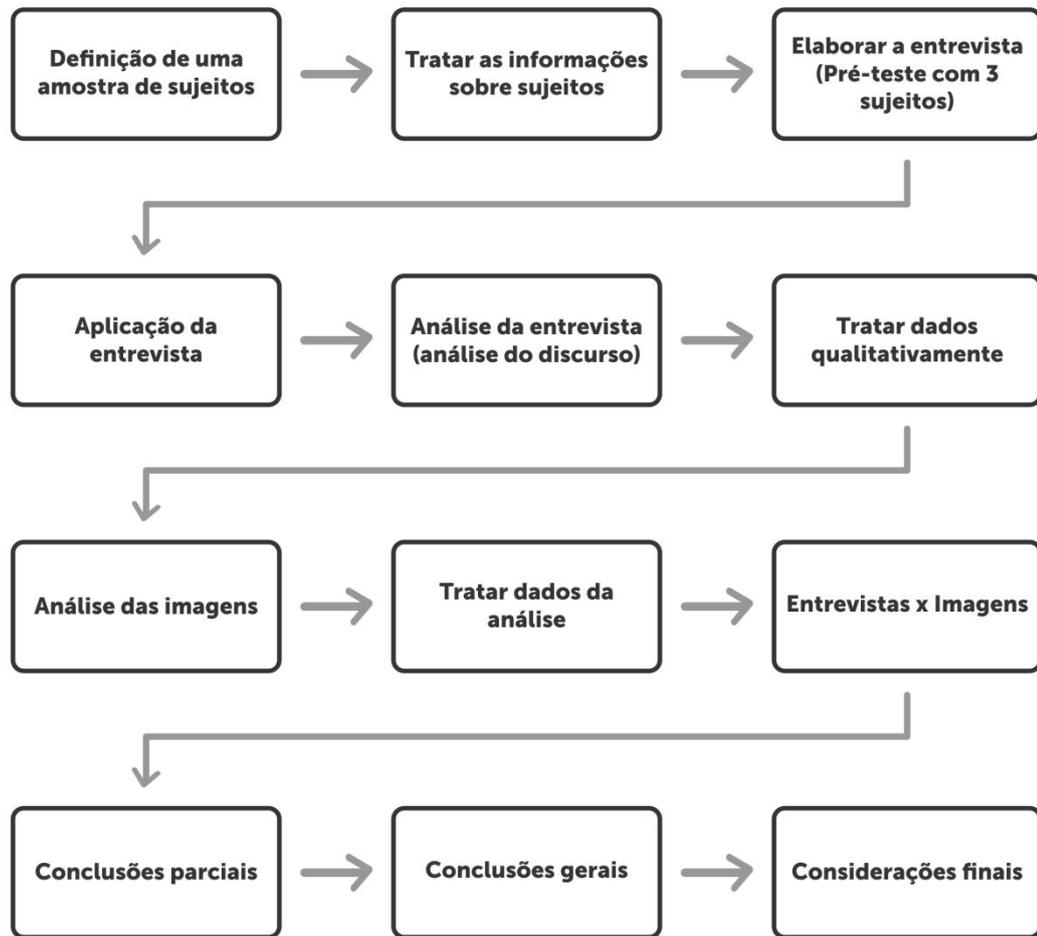
Fase da pesquisa onde há o cruzamentos das informações adquiridas tanto nas análises das entrevistas quanto das imagens para descobrir se o discurso verbal e o semiótico se sustentam ou se opõem. Nessa etapa também podemos constatar quais as teorias se aplicam melhor ao grupo estudado.

5.2.10 *Conclusões*

Com base nos resultados de todas as análises, nessa fase são apresentadas as conclusões: Parciais, Gerais e Finais.

Para melhor entendimento das etapas da metodologia de pesquisa foi desenvolvido o fluxograma abaixo que ilustra as etapas do percurso metodológico (figura 23).

Figura 23 – Fluxograma do percurso metodológico.



Fonte: Próprio autor.

5.3 Aspectos Éticos

A pesquisa obedecerá aos aspectos éticos estabelecidos pela Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. A coleta de dados só será iniciada após a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP e o cronograma proposto será cumprido. O orçamento financeiro desta pesquisa será de inteira responsabilidade do pesquisador principal.

Os dados coletados nesta pesquisa (questionários), ficarão armazenados em um computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço Avenida Santos Dumont, 1470 – Apto 2901 – Ponto de Parada - Recife – PE (CEP: 52041-395), pelo período de mínimo 5 anos.

5.3.1 Riscos e Benefícios

Como riscos, a pesquisa pode trazer desconforto para o entrevistado por causa do tempo de aplicação da entrevista mas, caso ocorra, o voluntário pode interromper o procedimento para que seja continuado em outro momento. Além disso, o conteúdo das perguntas podem causar constrangimento ao voluntário por conta de sua abordagem pessoal, nesse caso, se solicitado, dados e nomes poderão ser omitidos desde que não interfiram no resultado final da pesquisa. Caso essas informações causem algum prejuízo ao andamento da pesquisa, outros voluntários serão contactados para substituírem o entrevistado.

Não estão previstos benefícios diretos, porém como benefícios indiretos podemos citar o melhor entendimento da cultura drag, seus participantes e costumes no meio acadêmico, contribuindo para a construção de uma sociedade mais tolerante.

“Os dados coletados nesta pesquisa entrevistas, fotos, ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço Avenida Santos Dumont, 1470 - apto 2901 - Ponto de Parada - Recife - PE, pelo período de mínimo 5 anos.”

Testes de Análise

Com a finalidade de testar, avaliar e adequar o procedimento de análise de imagens da etapa 5.2.7, foram desenvolvidas três delas para o parecer da banca avaliadora de qualificação. As imagens analisadas foram dos três primeiros sujeitos que participaram do pré-teste.

6 Análise dos resultados

6.1 Análise dos looks

Conforme explicado anteriormente, o procedimento analítico consiste no preenchimento da ficha de análise (anexo 1), desenvolvida com base no método de Joly (2008). As fotos enviadas – que apresentam as drag queens entrevistadas em plano americano (salvo algumas exceções em que os looks eram melhor compreendidos em um enquadramento em plano médio), com vista frontal (ou parcialmente frontal) – foram inseridas na ficha e os dados obtidos em suas análises visuais foram preenchidos. Em seguida, de acordo com as descobertas obtidas, foram elaboradas sínteses sobre cada análise e essas foram cruzadas com trechos extraídos das entrevistas que ratificam os dados obtidos nas análises. As fichas – numeradas de 1 a 20 – suas análises e sínteses estão apresentadas a seguir.

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 01

Drag Queen: Vicky Veneno
 Idade: 30
 Escolaridade: Pós graduação em marketing
 Cidade: Recife
 Bairro: Iputinga
 Atuações como drag queen:
 Dança Atuação Canto DJ
 Dublagem Comédia Hostess
 Outros:

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Vestido curto com mangas curtas. Formas: Ajustado ao corpo com linhas horizontais e verticais. Cores: Prata e preto.	Vestido curto e ajustado ao corpo, coberto com paetês prateados e listras na vertical e horizontal nos espaços negativos formados pelas aplicações dos paetês. Tons sóbrios.	Sexy, elegante e look “de noite”.
Acessórios: - Formas: - Cores: -	-	-
Maquiagem: Sobrancelha desenhada, sombra, cílios postiços, batom, blush, iluminador e esmalte. Formas: Linhas e ângulos retos em contraponto a formas arredondadas. Cores: Tons terrosos, Azul vibrante e vermelho	Maquiagem que mimetiza formas femininas no rosto com o contorno ultrapassando os limites da boca e dos olhos. A boca, olhos e sobrancelha apresentam formas angulares e curvas ao mesmo tempo. As sobrancelhas desenhadas são mais arqueadas do que normalmente se apresentam.	Feminilidade e exagero.

fechado. Texturas: Preenchimentos uniformes e reluzentes.	Os elementos que compõem a maquiagem denotam um rosto feminino.	
Cabelos: Peruca preta com franja. Formas: Lisa com franja reta. Cores: Preto. Texturas: Lisa.	Peruca preta de comprimento abaixo dos ombros que imita um cabelo liso e de franja curta e reta na testa.	Clássica e jovem.

Em sua composição a drag queen Vicky Veneno transmite os conceitos de feminilidade, elegância e sensualidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Elementos chiques ao extremo (...) e elementos que remetam a riqueza.”

“É pra ser o estilo chique”

“O meu objetivo... esteticamente é parecer perfeita e parecer rica e bem sublime. É andar como se... enquanto eu tô me montando, enquanto eu tô me maquiando eu sinto a feminilidade entrando e você agindo de forma sensual e, no caso da Vicky, com movimentos bem singelos e comportados para parecer chique, para parecer bem educada.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 02

Drag Queen: Alexia Tarantino
 Idade: 30
 Escolaridade: Graduação em Pub. e Propaganda
 Cidade: Recife
 Bairro: Boa Viagem
 Atuações como drag queen:
 () Dança (X) Atuação (X) Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia () Hostess
 (X) Outros: Entrevistas.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
<p>Vestuário: Maiô sobreposto de body em tecido transparente e mangas longas.</p> <p>Formas: Ajustado ao corpo com volumes drapeados no ombro e manga longa do tipo anjo.</p> <p>Cores: Branco, rosa, vermelho, bege, verde, preto. Predominância de tons suaves.</p>	<p>Body de gola alta, transparente, com aplicações de bordados de temáticas florais distribuídas em sua extensão. Apesar de ajustado ao corpo, traz uma manga longa que começa com um drapeado no ombro e abre em formato de manga anjo, trazendo volume à peça. Há predominância de tons claros e suaves na peça.</p>	<p>Delicadeza, feminilidade e sexy.</p>
<p>Acessórios: Acessório de cabeça coberto por rosas.</p> <p>Formas: Formas em espiral.</p> <p>Cores: Vermelho.</p>	<p>Chapéu estilo ushanka (chapéu Russo) coberto de falsas rosas vermelhas de tamanhos variados.</p>	<p>Delicadeza, feminilidade e excentricidade.</p>
<p>Maquiagem: Sobrancelha</p>	<p>Maquiagem que mimetiza formas</p>	<p>Feminilidade e delicadeza.</p>

<p>desenhada, sombra, cílios postiços, batom, blush, delineador, iluminador, esmalte e aplicações de strass.</p> <p>Formas: Formas orgânicas e arredondadas. Cores: Tons terrosos, vermelho, rosa, preto e branco.</p> <p>Texturas: Preenchimentos uniformes e aplicações de strass sob os olhos.</p>	<p>femininas no rosto com o contorno dentro dos limites da boca. Todos os formatos são suaves e arredondados e as cores harmônicas.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca verde longa.</p> <p>Formas: Lisa com as pontas levemente cacheadas.</p> <p>Cores: Verde em tom pastel.</p> <p>Texturas: Curvas e ondulações.</p>	<p>Peruca em tom verde pastel que chega na altura abaixo do tórax. Os fios são levemente ondulados com as pontas um pouco cacheadas.</p>	<p>Jovialidade, feminilidade, delicadeza e excentricidade.</p>

Em sua composição a drag queen Alexia Tarantino transmite os conceitos de feminilidade, delicadeza e excentricidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Eu gosto muito de pensar em cabelos diferentes (...)”

“Eu gosto de exagero em algumas coisas (...) Eu gosto de brincar com cor, de tons pastel (...) Mas eu gosto das coisinhas fantasia também.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 03

Drag Queen: Margareth Tarantino
 Idade: 27
 Escolaridade: 3º grau incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: Boa Viagem
 Atuações como drag queen:
 () Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia () Hostess
 (X) Outros: Fotografia, filmagem e entrevistas.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Vestido preto com mangas curtas. Formas: Liso e ajustado ao corpo. Cores: Preto.	Vestido longo ajustado ao corpo com mangas curtas.	Clássica, sobriedade e sensualidade.
Acessórios: Luvas longas pretas, corset preto e gola com rufos. Formas: Corset e luvas ajustadas ao corpo e gola com formas em ondas. Cores: Preto.	Luvas longas pretas, corset em couro ajustado ao corpo e gola grande com rufos que imita as golas utilizadas pela nobreza europeia do século XVI.	Sensualidade, excentricidade e nobreza.
Maquiagem: Sombra, cílios, lentes de contato, batom, blush, iluminador, delineador, glitter e strass. Formas: Formas angulares e retas e	Sem sobrancelha desenhada, a maquiagem segue formas geométricas com linhas retas no lado direito e no lado esquerdo traz contornos mais arredondados que	Excentricidade e sombrio.

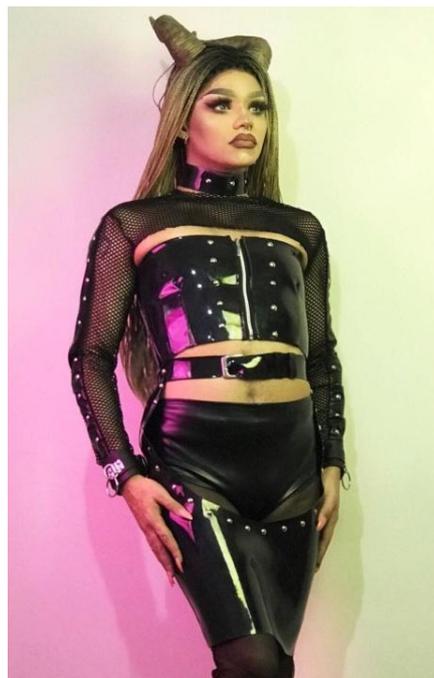
<p>também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, roxo, branco, vinho e prata.</p> <p>Texturas: Glitter e strass. Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>terminam em pontas. A grande parte da composição é formada por tons escuros que, em contraposição ao branco traz um jogo de profundidades em que o olho – coberto com a lente de contato branca – se funde à maquiagem branca utilizada. Outra característica é o uso do glitter prateado para cobrir a barba em sua totalidade.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca cinza com penteado.</p> <p>Formas: Dois cilindros que formam um coração.</p> <p>Cores: Cinza.</p> <p>Texturas: Espirais.</p>	<p>Peruca cinza dividida em duas mechas presas que formam um coração no topo da cabeça. Os dois “cilindros” tem tamanhos distintos.</p>	<p>Sobriedade e feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen Margareth Tarantino transmite os conceitos de feminilidade, sobriedade e excentricidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“(...) eu preciso fazer uma linha de drag não convencional (...)”

“(...) eu sou uma coisa mais sombria, uma coisa mais monocromática, mais preto (...)”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 04

Drag Queen: Dahlia Mayfair
 Idade: 24
 Escolaridade: Superior completo
 Cidade: Olinda
 Bairro: Casa Caiada
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Protesto, produção, repórter.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
<p>Vestuário: Corset preto com zíper e aplicações em metal, mangas longas vazadas pretas com detalhes em metal, hot pant preta e saia preta vazada.</p> <p>Formas: Liso e ajustado ao corpo.</p> <p>Cores: Preto e prata.</p>	<p>Vestido justo, de couro látex com aplicações em metal, vazado em diversas áreas, com corpo e “roupa íntima” à mostra.</p>	<p>Feminilidade, sensualidade, sexy, fetiche, poder, dominação.</p>
<p>Acessórios: Gargantilha preta de couro com aplicações em metal, pulseiras pretas de couro com aplicações em metal, cinto de couro com fivela em metal, meia-calça preta e chifres ondulados marrons.</p> <p>Formas: Gargantilha, cinto e pulseiras retas. Chifres ondulados.</p>	<p>Gargantilha, cinto e pulseiras de couro com detalhes em metal. Chifres em forma de ondas, virados para trás.</p> <p>Os acessórios em couro denotam amarras e coleiras. Os chifres denotam chifres de bode.</p>	<p>Fetiche, dominação, BDSM, subversão religiosa.</p>

Cores: Preto, prata e marrom.		
<p>Maquiagem: Sombra, cílios, lentes de contato, batom, blush, iluminador, lápis e delineador.</p> <p>Formas: Formas retas, contornos definidos e áreas arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, e tons terrosos.</p> <p>Texturas: Preenchimentos uniformes e algumas áreas que se dissipam, formando um efeito degradê.</p>	<p>A maquiagem mimetiza formas femininas no rosto, com sombrancelhas e bochechas bem delineadas, olhos e bochechas esfumados e cílios espessos.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem denotam um rosto feminino.</p>	Feminilidade.
<p>Cabelos: Peruca longa trançada, loira com a raiz preta, formando um efeito degradê.</p> <p>Formas: Pequenas tranças, formando uma composição reta.</p> <p>Cores: Degradê do preto para o amarelo mel.</p> <p>Texturas: Trançado.</p>	<p>Peruca longa, composta por pequenas trancinhas, colorida em um efeito degradê do preto para o loiro escuro.</p>	Cultura negra, feminilidade, jovialidade.

Em sua composição a drag queen Dahlia Mayfair transmite os conceitos de feminilidade, sensualidade, subversão e fetichismo. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“ (...) minha família é extremamente religiosa e conservadora aí a minha drag eu meio que quis quebrar isso bastante e ir direto ao oposto (...) Então me inspirei nisso, no gótico, no bondage, BDSM, acho muito interessante tudo o que quebra valores impostos pela sociedade.”

“Ah, e brincar com a ideia de feminilidade mesmo. As vezes eu vou para o extremo da feminilidade (...)”

“Por exemplo, o BDSM veio com a pegada visual pra mim muito por causa do foda-se pra a sociedade normativa e hipócrita em relação à sexualidade. Uma pessoa que usa um harness de couro, que remete ao sexo, em público, é super chocante para algumas pessoas mas eu acho extremamente interessante.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 05

Drag Queen: Safira Blue
 Idade: 20
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: Jardim São Paulo
 Atuações como drag queen:
 () Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 () Outros:

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Blusa azul transparente com aplicação em pelúcia e saia colorida. Formas: ajustada ao corpo e forma de trapézio. Cores: Azul, branco, rosa, vermelho, amarelo e verde.	Roupa justa e transparente na parte superior com aplicação em pelúcia na parte frontal, formando um decote de ilusão, e saia em formato de trapézio de cores diversas, simulando as cores do arco-íris.	Sensualidade, fantasia, lúdico, excentricidade, humor e comunidade LGBTQ.
Acessórios: Chifre e acessório de pelos no cabelo. Formas: Chifre em formato de cone e acessório com formas orgânicas. Cores: Prata e branco.	Aplicação de acessório em formato cônico na testa e acessório de pelos brancos no cabelo. Denota um unicórnio.	Excentricidade, fantasia, lúdico, misticismo, comunidade LGBTQ.
Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, delineador, esmalte.	Olhos e sombrancelhas marcados na tonalidade azul, com um desenho	Lúdico, excentricidade e comunidade LGBTQ.

<p>Formas: Formas angulares e retas e outras arredondadas e orgânicas.</p> <p>Cores: Azul, rosa, branco, cinza, amarelo, vermelho, verde.</p> <p>Texturas: Preenchimentos sólidos e outros com efeito esfumado .</p>	<p>de um arco-íris escorrendo do olho direito. Batom da cor rosa com as unhas coloridas.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca longa verde com raiz escura.</p> <p>Formas: Onduladas e orgânicas.</p> <p>Cores: Preto e verde.</p> <p>Texturas: Ondulações.</p>	<p>Peruca verde – com a base preta – longa, com pequenas ondulações.</p>	<p>Feminilidade, excentricidade, lúdico.</p>

Em sua composição a drag queen Safira Blue, emulando um unicórnio, transmite os conceitos de feminilidade, humor, excentricidade e ludicidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“De tempos em tempos eu saio com alguma coisa que seja bem comediante.”

“(...) que foi fazer um unicórnio, me representa muito, sabe?”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 06

Drag Queen: Tory Milicent
 Idade: 20
 Escolaridade: Ensino médio completo
 Cidade: Jaboatão dos Guararapes
 Bairro: Prazeres
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem () Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: repórter, apresentadora e eventos.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Top com mangas longas e babados grandes. Calça muito ajustada ao corpo. Formas: Babados e ajustado ao corpo. Cores: Vermelho.	Top com decote do tipo “ombro a ombro” com mangas longas e camadas de babados grandes em sua extensão. Calça muito ajustada ao corpo.	Feminilidade e sensualidade.
Acessórios: Flores no cabelo. Formas: Espirais. Cores: Vermelho.	Acessório composto por rosas vermelhas presas no cabelo.	Feminilidade e romantismo.
Maquiagem: Sombra, cílios, lentes de contato, batom, blush, iluminador e delineador. Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas. Cores: Azul, preto e	Maquiagem com destaque azul nas partes superior e inferior dos olhos, com efeito em degradê “esfumado”. Aplicação de iluminador nas bochechas. O batom marrom ultrapassa o contorno da boca e tem um efeito	Feminilidade.

marrom. Texturas: Preenchimentos que se dissipam formando um efeito degradê. Boca com textura cintilante.	cintilante. Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.	
Cabelos: Peruca loira. Formas: Retas. Cores: Dourado e tons de marrom claro. Texturas: Listras.	Peruca lisa, reta e loira com algumas mechas em tons de marrom claro.	Feminilidade.

Em sua composição a drag queen Tory Millicent transmite os conceitos de feminilidade e sensualidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“(...) as pessoas falam que eu sou um pouco sexy, né?”

“Meu deus, eu agora tô muito viciado na Versace. Eu acho que Donatella é uma das maiores inspirações que eu tô tendo agora.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 07

Drag Queen: Charlotte Delfina
 Idade: 23
 Escolaridade: Superior completo
 Cidade: Recife
 Bairro: Casa Amarela
 Atuações como drag queen:
 Dança Atuação Canto DJ
 Dublagem Comédia Hostess
 Outros:

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Vestido e casaco estampados. Formas: Liso e ajustado ao corpo. Cores: Preto e amarelo.	Vestido de alça, curto, ajustado ao corpo, com decote profundo em “v”, em estampa de tigre. Casaco curto com a mesma estampa do vestido. A estampa das roupas denota a pele de um tigre.	Feminilidade, sensualidade e excentricidade.
Acessórios: Luvas longas estampadas e brincos. Formas: Luvas ajustadas ao corpo e brincos com desenhos geométricos. Cores: Preto, amarelo e branco.	Luvas longas, com estampa de tigre. Maxi brincos de strass com formas geométricas, como um arabesco.	Feminilidade, sensualidade, glamour e riqueza.
Maquiagem: Sombra, cílios, lentes de contato, batom, blush, iluminador	Sobancelha desenhada de forma reta, com detalhe vermelho na	Feminilidade, sensualidade.

<p>e delineador.</p> <p>Formas: Formas angulares e retas.</p> <p>Cores: Branco, rosa e tons terrosos.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>sombra sobre os olhos, em angulação reta, com efeito degradê. O delineador faz um desenho de “olho gatinho”. Aplicação de iluminador nas bochechas.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca loira, lisa.</p> <p>Formas: Reta.</p> <p>Cores: Amarelo e dourado.</p> <p>Texturas: Listras.</p>	<p>Peruca lisa, reta e loira, penteada para trás, com mechas em tons de amarelo e dourado.</p>	<p>Feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen Charlotte Delfina transmite os conceitos de feminilidade, glamour e sensualidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Então as maiores inspirações são (...) as grifes de alto luxo, essa questão mesmo.”

“(...) então eu acho que, hoje, atualmente, ela tá muito nessa linha Versaciana, essa coisa muito sexy mas muito sofisticada. O estilo da minha drag é o estilo da mulher Versace.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Ficha: 08

Drag Queen: Dita Dura
 Idade: 21
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: Várzea
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem () Comédia (X) Hostess
 () Outros:



Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Vestido longo prateado. Formas: Liso e ajustado ao corpo, com base em trapézio. Cores: Prata.	Vestido prateado, com decote no estilo “coração” longo, ajustado ao corpo, com finalização do tipo “sereia”. A roupa denota o formato de uma sereia.	Feminilidade, clássica, elegância.
Acessórios: Capuz prateado. Formas: Orgânicas. Cores: Prata.	Capuz	Jovialidade, excentricidade.
Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, iluminador, delineador e esmalte. Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas. Cores: Preto, prata, roxo e tons terrosos.	Maquiagem com aplicação de sombra preta e prata nos olhos, sobrancelha desenhada, blush marrom, e iluminador. Unhas com esmalte roxo. Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam	Feminilidade.

Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.	um rosto feminino.	
Cabelos: Peruca loira curta. Formas: Orgânicas. Cores: Amarelo claro. Texturas: Pequenas ondulações.	Peruca em tom loiro platinado, curta, repartida ao meio, com pequenas ondas.	Feminiliade.

Em sua composição a drag queen Dita Dura transmite os conceitos de feminilidade e elegância. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – em que o estilo da drag queen é descrito não corroboram com os conceitos apresentados:

“(...) eu gosto de focar em roupas mais assim, casuais, mais aquelas roupas que vendem na Riachuelo, C&A, tá entendendo? Então é coisa que, assim, minha mãe usa, um macaquito, um body, coisas mais assim, calça, corset, essas coisas que elas usam. São mais minhas inspirações para a minha drag. É mais o cotidiano, o dia a dia.”

Durante a entrevista, a composição apresentada na foto é mencionada:

“Eu ví um vídeo da Beyonce que ela usa um micro vestido de paetê, aí a gente comprou o tecido pra fazer esse vestido mas acabou a gente fazendo, tipo, um vestido longo, de cauda de sereia, e um capuz, eu saí parecendo a Cher.”

O motivo da falta de sincronismo entre o visual da foto apresentada e o discurso do entrevistado pode ser explicado por esses trechos selecionados, onde o foco principal na personalidade (e não no look) da personagem, a falta de conhecimento e o guia de uma amiga podem influenciar nas escolhas feitas na construção do look:

“Mas não é uma coisa muito visual, é mais de personalidade.”

“Mas de resto, em questão de estilo, Charlotte me ajudou muito nos dois primeiros anos porque ela que fazia todas as minhas roupas. Eu tinha a inspiração e a gente montava os looks. E ela tem um senso de moda, um senso de criatividade muito grande pra isso, então eu também me inspirava nela. (...) Porque eu tenho senso zero para a moda.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 09

Drag Queen: Milla Peron
 Idade: 21
 Escolaridade: Ensino médio completo
 Cidade: Recife
 Bairro: Espinheiro
 Atuações como drag queen:
 () Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Repórter, eventos e modelo.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
<p>Vestuário: Body transparente, manga longa, com aplicações em couro vermelho e cauda.</p> <p>Formas: Ajustado e fluído. As aplicações tem formas orgânicas.</p> <p>Cores: Bege e vermelho.</p>	<p>Body transparente, com mangas longas e uma cauda longa que se espalha no chão. Aplicações em couro vermelho em áreas como tórax e região da virilha, além das extremidades das mangas e na cauda.</p> <p>As aplicações em couro denotam o fogo e suas chamas.</p>	<p>Feminilidade, sensualidade.</p>
<p>Acessórios: Chifres pretos voltados para trás, meia-calça branca e pulseiras.</p> <p>Formas: Chifres ondulados, meia-calça em formas geométricas e pulseiras retas.</p> <p>Cores: Preto, amarelo e rosa.</p>	<p>Chifres pretos em forma de ondas, virados para trás e meia-calça branca no estilo “arrastão”. As pulseiras sugerem acesso a algum evento.</p> <p>Os chifres denotam chifres de bode.</p>	<p>Subversão religiosa, sensualidade e jovialidade.</p>

<p>Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, iluminador, delineador e strass.</p> <p>Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, roxo, vermelho, e prata.</p> <p>Texturas: Glitter e strass. Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê cintilante.</p>	<p>Sobrancelha desenhada de forma angular, com olhos marcados em cor preta e sombra cintilante com aplicações de strass. A boca é vermelha, assim como o blush.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	<p>Feminilidade.</p>
<p>Cabelos: Peruca longa, cacheada, loira com raiz preta.</p> <p>Formas: Pequenos cachos, orgânicos.</p> <p>Cores: Preto e amarelo.</p> <p>Texturas: Espirais e ondas.</p>	<p>Peruca loira, com a raiz preta, comprimento até a cintura, composta por pequenos cachos e ondas. A peruca é penteada para trás, formando um pequeno topete na parte frontal.</p>	<p>Feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen Milla Peron transmite os conceitos de feminilidade e sensualidade. O trecho abaixo – retirado da entrevista – corrobora com os conceitos apresentados:

“Algo muito colado que marque o corpo, muita perna de fora, é isso, coisa muito sexy.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 10

Drag Queen: Nina Poison
 Idade: 30
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: Espinheiro
 Atuações como drag queen:
 () Dança (X) Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Modelo.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Corset preto com aplicação de pedrarias vermelhas na parte superior e hot pants vermelha. Formas: Liso e ajustado ao corpo, formas geométricas. Cores: Vermelho e preto.	Body, com decote em estilo “semi-coração”, ajustado ao corpo com aplicações de pedrarias vermelhas na parte superior. A parte superior e inferior são separadas por uma faixa preta. As pedrarias denotam rubis.	Feminilidade, sensualidade, glamour.
Acessórios: Meia-calça branca. Formas: Geométricas. Cores: Branca.	Meia-calça branca no estilo “arrastão”.	Feminilidade e sensualidade.
Maquiagem: Sombra, cílios, lentes de contato, batom, blush, iluminador, delineador e esmalte. Formas: Formas	Sobrancelha desenhada de forma angular, com olhos marcados em cor preta e cílios destacados. A boca é pintada em tons terrosos, assim como o	Feminilidade e sensualidade.

<p>angulares e retas e também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, azul, prata, bege e tons terrosos.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>blush. As unhas são em um tom bege. A maquiagem na região do tórax, se utilizando de efeitos de luz e sombra, mimetiza os seios femininos.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca longa, loira clara.</p> <p>Formas: Reta, espirais e orgânicas.</p> <p>Cores: Amarelo claro.</p> <p>Texturas: Retas e espirais.</p>	<p>Peruca longa, loira “platinada”, repartida ao meio, lisa com as pontas cacheadas.</p>	<p>Feminilidade e jovialidade.</p>

Em sua composição a drag queen Nina Poison transmite os conceitos de feminilidade e sensualidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Não, eu sempre gosto de algo que tenha uma pegada sexy, né? Mais sexy e que não tenha cara de menino de roupa de menina, não. Mas é isso, uma coisa mais sexy mesmo.”

“(...) ela gosta de roupas bem femininas (...)”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 11

Drag Queen: Vanda
 Idade: 25
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: IPSEP
 Atuações como drag queen:
 () Dança (X) Atuação () Canto (X) DJ
 () Dublagem () Comédia () Hostess
 () Outros:

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Lingerie vermelha de renda com minissaia vermelha. Formas: Liso e ajustado ao corpo. Minissaia godê. Cores: Vermelho.	Lingerie de renda do tipo “bralette” na cor vermelha e minissaia godê vermelha com duas camadas.	Feminilidade, sensualidade, erotismo.
Acessórios: Luvas e meia-calça pretas, cinto vermelho, pulseira e anel prateados e gorro vermelho com branco. Formas: Luvas, meia-calça e cinto ajustados ao corpo e gorro em formato solto. Pulseira e anéis retos. Cores: Preto, vermelho, prata e branco.	Luvas pretas que chegam até a metade do antebraço. Sobre as luvas estão uma pulseira fina e um anel, ambos na cor prata. Meia-calça preta, cinto vermelho com fivela prateada no meio da cintura e um gorro de Papai Noel.	Feminilidade, sensualidade, lúdico e referência à cultura pop.
Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush,	Sobrancelha desenhada de forma angular, com	Feminilidade e sensualidade.

<p>iluminador, delineador.</p> <p>Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, roxo, e vermelho.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>olhos marcados em cor preta e cílios destacados, além de sombra na cor roxa. A boca possui um preenchimento bem uniforme na cor vermelha.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca longa loira.</p> <p>Formas: Reta.</p> <p>Cores: Amarelo em degradê.</p> <p>Texturas: Listras e degradê.</p>	<p>Peruca longa, chegando a altura da cintura, em um degradê de loiro da raiz até as pontas.</p>	<p>Feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen Vanda transmite os conceitos de feminilidade e sensualidade. O trecho abaixo – retirado da entrevista – corrobora com os conceitos apresentados:

“A minha drag é mais sexy que eu. Acho que essa é a maior diferença. Tipo, ela usa umas roupas que... eu não usaria, até porque são femininas, mas não teria o mesmo teor, mesmo sendo masculina. Eu acho que, na drag, a sensualidade aflora mais. Eu me sinto mais sexy em drag.”

Além disso, o look apresentado na foto, além de fazer parte do imaginário coletivo das pessoas, faz referência a um look utilizado em uma cena do filme Meninas Malvadas. Essa referência à cultura pop é evidenciado no trecho da entrevista abaixo:

“Tipo, as maiores referências da minha drag são referências da cultura pop. A minha drag não é muito uma drag comediante, não é uma drag muito performer, não é uma drag fashion queen, mas ela cata elementos da cultura pop em tudo, sabe?”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Ficha: 12

Drag Queen: América
 Idade: 21
 Escolaridade: Superior completo
 Cidade: Recife
 Bairro: Prado
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem () Comédia (X) Hostess
 () Outros: Repórter, eventos e vídeos (YouTube).



Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Vestido branco com aplicações de pedrarias e plumas. Formas: Liso e ajustado ao corpo. As pedrarias tem formatos arredondados. Cores: Branco e prata.	Vestido branco ajustado ao corpo, com decote no estilo “ombro a ombro”, com aplicações de pedrarias prateadas e detalhes de plumas nas mangas. As aplicações em strass denotam diamantes.	Feminilidade, glamour, luxo, riqueza.
Acessórios: Luvas longas transparentes com aplicações de strass. Formas: Luvas ajustadas ao corpo, com strass arredondados. Cores: Branco e prata.	Luvas brancas longas e transparentes, que se iniciam no começo da manga do vestido. Em sua extensão existem aplicações em strass.	Feminilidade, luxo, glamour e riqueza.
Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, iluminador e delineador. Formas: Formas	Sobrancelha desenhada de forma angular, formada por traços finos sobre o preenchimento, com olhos marcados em	Feminilidade.

<p>angulares e retas e também arredondadas.</p> <p>Cores: Tons terrosos, preto, branco e rosa.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê. As sobrancelhas são formadas por traços finos.</p>	<p>cor preta e cílios destacados – tanto na parte superior quanto inferior dos olhos -, além de sombra rosa. A boca é pintada em tons terrosos, assim como o blush. O iluminador foi aplicado na região das bochechas.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca loira, longa e cacheada.</p> <p>Formas: Lisa com cachos.</p> <p>Cores: Amarelo.</p> <p>Texturas: Espirais.</p>	<p>Peruca loira, dividida na lateral, lisa com cachos bem definidos nas pontas.</p>	<p>Feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen América transmite os conceitos de feminilidade, luxo e glamour. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“America sempre tá arrumada, sempre com penteados e looks incríveis (...)”

“Então ela é mais sofisticada, ela é mais elegante (risos), ela tem mais postura.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 13

Drag Queen: Kelly Venenosa
 Idade: 25
 Escolaridade: Ensino médio completo
 Cidade: Recife
 Bairro: Torrões
 Atuações como drag queen:
 () Dança () Atuação () Canto () DJ
 (X) Dublagem () Comédia () Hostess
 (X) Outros: Bate-cabelo e concursos.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Collant colorido com aplicações de strass e franjas. Formas: Liso e ajustado ao corpo. Formas geométricas dos padrões e aplicações. Cores: Amarelo, vermelho, verde, laranja, azul, roxo, prateado e dourado.	Collant de corpo inteiro com recortes geométricos em cores variadas, com aplicações de strass em sua extensão e franjas na área do quadril.	Excentricidade, movimento, lúdico.
Acessórios: - Formas: - Cores: -.	-	-
Maquiagem: Sombra, cílios, lentes de contato, batom, blush, iluminador, delineador e esmalte. Formas: Formas	Sobrancelha desenhada de forma angular, com olhos marcados em cor preta. A sombra aplicada acima do olho é um degradê colorido que passa pelas cores	Feminilidade, excentricidade e lúdico.

<p>angulares e retas e também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, rosa, amarelo, roxo e branco.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê. Partes cintilantes.</p>	<p>amarela, rosa e roxa. A boca é rosa com efeito de gloss cintilante. As unhas são brancas com efeito “francesinha”.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca laranja.</p> <p>Formas: Reta, espirais e orgânicas.</p> <p>Cores: Laranja.</p> <p>Texturas: Retas e espirais.</p>	<p>Peruca laranja fluorescente, lisa com as pontas cacheadas.</p>	<p>Feminilidade, excentricidade.</p>

Em sua composição a drag queen Kelly Venenosa transmite os conceitos de feminilidade e excentricidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“(...) e que eu ia quebrar padrões, então eu queria ser diferente, eu não queria ser apenas mais uma (...)”

“(...) drag é a arte da transformação, porque é um menino que se transforma num palhaço de luxo (...) essas são as características do meu personagem, a maquiagem bem forte, bem colorida, quanto mais colorida eu gosto, peruca também de cor, e aí vai.”

“(...) quando eu vou fazer show eu sempre gosto de fazer algo bem diferente, de colocar algo na roupa que dê balanço, que dê movimento, coisas do tipo (...)”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 14

Drag Queen: Moon Moon
 Idade: 21
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Paulista
 Bairro: Pau Amarelo
 Atuações como drag queen:
 Dança Atuação Canto DJ
 Dublagem Comédia Hostess
 Outros:

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Sutiã de couro preto e saia de couro preta. Formas: Liso e ajustado ao corpo. Formas retas e cônicas. Cores: Preto e prata.	Sutiã de couro preto, do tipo “bala” com fecho de metal no centro. Saia preta de couro.	Feminilidade, fetiche, sensualidade.
Acessórios: Gargantilha preta. Formas: Reta e ajustada ao corpo. Cores: Preto.	Gargantilha do estilo “choker” preta. Denota uma coleira.	Fetiche, submissão e sensualidade.
Maquiagem: Sombra, pó, lentes de contato, batom, blush, iluminador, delineador e glitter. Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas.	Sem sobrancelha desenhada, a maquiagem segue formas orgânicas simétricas na área da testa (formas curvas vermelhas) e da boca (formas curvas roxas) que se integram com o	Excentricidade, sombrio e espacial.

<p>Padrões orgânicos simétricos. Pontos e listras</p> <p>Cores: Preto, roxo, vermelho, marrom, prata e branco.</p> <p>Texturas: Glitter prata. Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê. Pontos e listras.</p>	<p>preenchimento roxo do batom. O blush demarca as bochechas e a base da peruca sobre a aplicação de pó branco em toda a superfície do rosto. Os olhos tem um delineado do tipo “dauragé” com aplicação de glitter na sombra. O contorno do nariz é feito com a cor roxa e algumas pintas pretas estão espalhadas pela composição do rosto.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino. Além disso, os elementos adicionais denotam à uma criatura não humana.</p>	
<p>Cabelos: Peruca azul curta.</p> <p>Formas: Orgânicas.</p> <p>Cores: Degradê de preto para azul.</p> <p>Texturas: Espirais, ondas e degradê.</p>	<p>Peruca em degradê do preto para o azul, curta, lisa com as pontas em cachos e ondas, com as pontas viradas para fora</p>	<p>Feminilidade, jovialidade e excentricidade.</p>

Em sua composição a drag queen Moon Moon transmite os conceitos de feminilidade, excentricidade e sensualidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Aí tem uma coisa mais artística e uma coisa mais comercial, que seria uma coisa mais feminina de fato.”

“De um modo geral? Tipo, de início, tirando da pessoa, seria mais... realmente uma coisa mais gótica, mais trevosa. E começou assim. Depois começou, foi tomando vida e puxou pra um lado mais pós-apocalíptico, uma coisa mais futurista. Então meu personagem é uma coisa mais ou menos assim... uma guerreira do apocalipse, que tem essa ideia. Eu tô sempre com um visual diferente, não é nada muito usual, tipo, um vestido que você compra numa loja, sabe?”

“Tipo, no início era uma coisa mais gótica e menina, depois no ponto dois eu falo que é uma coisa mais monstra. Eu comecei a experimentar mais o visual club kid¹⁵. Aí eu comecei a experimentar mais e desconstruir mais o feminino.”

¹⁵ Conhecidos pela estética ousada e conceitual, que se apoiava no uso de itens como maquiagem carregada, uso de glitter, piercings, elementos góticos e andróginos (LAGE; SOUSA; KOLINSKI MACHADO, 2018)

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 15

Drag Queen: Cássia Blue
 Idade: 20
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: San Martin
 Atuações como drag queen:
 Dança Atuação Canto DJ
 Dublagem Comédia Hostess
 Outros:

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Vestido longo rosa. Formas: Liso e ajustado ao corpo, com extremidades em babados. Cores: Rosa.	Vestido longo ajustado ao corpo, com decote do tipo “ciganinha”, com babados e barra do tipo “sereia”. O formato da roupa denota o corpo de uma sereia.	Feminilidade, lúdico, clássico, elegância.
Acessórios: Luvas longas rosa e arranjo rosa na cabeça. Formas: Luvas ajustadas ao corpo e arranjo em formas orgânicas. Cores: Rosa.	Luvas longas rosa e acessório do tipo “fascinator” rosa na cabeça, em formas orgânicas.	Sensualidade, glamour e excentricidade.
Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, iluminador e delineador. Formas: Formas angulares e retas e	Sobrancelhas super elevadas, olhos com delineado do tipo “dauragé” aumentado, aplicação de delineador branco na parte inferior,	Excentricidade, feminilidade e lúdico.

<p>também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, rosa, branco e marrom.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>excedendo a área dos olhos para simular um olho de tamanho maior. Boca com preenchimento rosa.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam o rosto feminino de uma boneca.</p>	
<p>Cabelos: Peruca loira longa.</p> <p>Formas: Cachos e ondas.</p> <p>Cores: Amarelo claro.</p> <p>Texturas: Espirais, ondas e orgânicas.</p>	<p>Peruca loira platinada, longa, repartida de lado, com ondas e cachos.</p>	<p>Feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen Cássia Blue faz alusão à uma boneca e transmite os conceitos de feminilidade, excentricidade e ludicidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“(...) eu queria fazer uma coisa muito cosplay, representar personagens (...)”

“Ou seja, ela é um pouco mais extravagante, acho que eu posso dizer assim.”

“Eu acho que quebrar o que eu tenho, como ser masculino, e criar uma extravagância. É sair do padrão, sair do clichê.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 17

Drag Queen: Chloe Noriega
 Idade: 26
 Escolaridade: Superior completo
 Cidade: Recife
 Bairro: Casa Amarela
 Atuações como drag queen:
 () Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Animação de festas.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Top preto e hot pant vermelha. Formas: Liso e ajustado ao corpo. Cores: Preto e vermelho.	Top preto cropped de alça, com hot pant vermelha de cintura alta. Ambos feitos em couro.	Feminilidade, sensualidade.
Acessórios: Luva curta vermelha e cinto fino preto. Formas: Luvas e cinto ajustados ao corpo, retos. Cores: Preto e vermelho.	Luvas curtas, vermelhas, de renda, com os dedos à mostra, do tipo “minetes”. Cinto preto fino sobre a hot pant.	Sensualidade, transgressão e jovialidade.
Maquiagem: Sombra, cílios, pó, batom, blush, iluminador, delineador. Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas.	Sobrancelha desenhada de forma angular, com olhos marcados em cor preta, cílios destacados e sombras nas cores rosa e branca. A boca é pintada na cor vinho.	Feminilidade.

<p>Cores: Preto, rosa, vinho e branco.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca longa loira.</p> <p>Formas: Ondulada.</p> <p>Cores: Amarelo claro.</p> <p>Texturas: Ondas e orgânicas.</p>	<p>Peruca longa, na altura da cintura, loira clara, ondulada.</p>	<p>Feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen Chloe Noriega transmite os conceitos de feminilidade, sensualidade e transgressão. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Meio roqueira, meio nua e roqueira.”

“A Chloe é essa personalidade, uma personalidade “a loka” (...)”

“Então, acho que não tem, acho que não tem muito do valor...tem muito do visual...do visual roqueirinho, perna de fora, nua, essa vibe.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Ficha: 18

Drag Queen: Ruby Nox
 Idade: 24
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: Cordeiro
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança (X) Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Eventos, modelo, oficina, repórter.



Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
<p>Vestuário: Corset verde e calcinha preta.</p> <p>Formas: Liso e ajustado ao corpo. Linhas retas, aplicações e detalhes arredondados.</p> <p>Cores: Preto e verde.</p>	<p>Corset de couro verde, com decote em coração e detalhe em peplum com aplicações de pedrarias redondas nas extremidades. Calcinha preta, de couro, com aplicações de pedrarias.</p>	<p>Feminilidade, sensualidade, fetichismo.</p>
<p>Acessórios: Luvas longas pretas, arnês de coxa verde, Cinto verde, acessório de cabeça, brincos e gargantilha.</p> <p>Formas: Luvas ajustadas ao corpo, arnês em formas curvas, cinto reto, gargantilha e brincos em formatos geométricos e acessório de cabeça com formas retas e orgânicas.</p> <p>Cores: Preto, verde, prata, azul e amarelo.</p>	<p>Luvas de couro longas pretas, arnês de coxa em couro verde com aplicação de metal, cinto em couro verde com fivela prata, gargantilha e brincos com strass. O arranjo na cabeça é composto por 6 hastes enfeitadas com pedrinhas e miçangas, com uma pena de pavão sobre penas de pássaros em cada ponta; as hastes da extrema direita e extrema esquerda</p>	<p>Feminilidade, sensualidade, fetichismo, luxo, glamour, excentricidade, vaidade e estética burlesca.</p>

	<p>possuem uma cortina de miçangas pendurada; e a haste do meio possui uma pena de pavão na sua base.</p> <p>O acessório de cabeça denota um rabo de pavão.</p>	
<p>Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, pó, iluminador, delineador, glitter e pedraria.</p> <p>Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, roxo, branco, verde e tons terrosos.</p> <p>Texturas: Glitter e pedrinhas. Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>Sobrancelha desenhada de forma angular, em tons de verde, com aplicação de glitter nas partes internas. Olhos delineados na cor preta, no tipo “galático”, com cílios, aplicação de sombra verde na parte inferior dos olhos e na parte superior (perto da sobrancelha), com aplicação de sombra branca e glitter na parte superior mais perto dos olhos (pálpebra); no canto interno dos olhos foram aplicadas pedrinhas. Blush em tons terrosos e boca preenchida na cor roxa.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	Feminilidade, glamour.
<p>Cabelos: Peruca ruiva curta..</p> <p>Formas: Formas orgânicas.</p> <p>Cores: Vermelho “mahogany”.</p> <p>Texturas: Ondas.</p>	<p>Peruca cinza dividida em duas mechas presas que formam um coração no topo da cabeça. Os dois “cilindros” tem tamanhos distintos.</p>	Retrô.

Em sua composição a drag queen Ruby Nox transmite os conceitos de feminilidade, sensualidade e glamour. O look é carregado de referências da estética burlesca. Os

trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Eu acho que eu faço um personagem muito feminino, eu acho que é um fato.”

“A minha percepção é mais de uma personagem feminina, que busca trazer mais a sexualidade, principalmente pelas minhas referências burlescas.”

“Eu sempre quis fazer essa linha sexy, burlesca, lingerie, roupas pequenas, tirar a roupa, ficar nua.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 18

Drag Queen: Emily Amber Nox
 Idade: 24
 Escolaridade: Superior incompleto
 Cidade: Recife
 Bairro: Iputinga
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem () Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Eventos, cover, repórter.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Blusa com padrões variados em tons de preto, branco e cinza e calça preta. Formas: Folgado no corpo, formas geométricas, linhas e superfícies lisas. Cores: Preto, branco e cinza.	Blusa estilo poncho, formada por um patchwork de quadrados com estampas geométricas. Calça preta com detalhe de amarrações brancas na lateral.	Modernidade.
Acessórios: Óculos escuros com corrente, lente de contato branca e lenço. Formas: Óculos elíptico, com haste reta. Corrente em formas arredondadas e lenço reto. Cores: Dourado, prata, branco e preto.	Óculos escuros de armação dourada com uma corrente prata presa às suas hastes. Lenço preto amarrado na cabeça e lente de contato branca no olho esquerdo.	Modernidade, rebeldia, excentricidade.
Maquiagem: Sombra,	Sobrancelha desenhada	Feminilidade,

<p>cílios, batom, blush, pó, iluminador.</p> <p>Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas.</p> <p>Cores: Preto, roxo, branco, vermelho e tons terrosos.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê. Boca cintilante.</p>	<p>de forma angular, olhos com sombra vermelha, sem delineados ou preenchimentos definidos, cílios na cor branca. Blush em tons terrosos e boca preenchida na cor roxa com acabamento cintilante.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	<p>excentricidade.</p>
<p>Cabelos: Peruca longa branca</p> <p>Formas: Formas retas e orgânicas.</p> <p>Cores: Branco.</p> <p>Texturas: Ondas e linhas.</p>	<p>Peruca longa, na altura do tórax, na cor branca, lisa com algumas partes com leves ondulações nas pontas.</p>	<p>Feminilidade, modernidade.</p>

Em sua composição a drag queen Emily Amber Nox transmite os conceitos de modernidade e excentricidade. Apesar do cabelo e maquiagem femininos, o look apresenta uma estética andrógina, o que contradiz a descrição feita durante a entrevista. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os fatos apresentados:

“(...) na maioria das vezes é isso, uma coisa feminina, sensual.”

“Então, quando é pra escolher alguma coisa antes, eu tento ser o mais feminino, apesar de Ruby também ser bem feminina nas montações. Mas, geralmente, eu acho que eu sou o mais feminino. Usar coisa mais convencional, digamos assim.”

Apesar da diferença apresentada, há um momento da fala em que é mencionada a intenção atual em tentar variar a estética unicamente feminina:

“Antes sim, seguia a linha... eu não mudava muito as coisas, era sempre a mesma coisa... uma coisa garota, feminina, e atualmente eu tento mudar um pouco mais isso. Ser um pouco mais versátil e usar outras coisas.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 19

Drag Queen: Diesel Nox
 Idade: 25
 Escolaridade: Superior completo
 Cidade: Recife
 Bairro: Jordão
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança () Atuação () Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Eventos e repórter.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Body vermelho com mangas compridas. Formas: Ajustado ao corpo e liso. Cores: Vermelho.	Body vermelho, ajustado ao corpo, com mangas compridas.	Feminilidade
Acessórios: Colares, brincos, anéis, pulseira, piercing e turbante. Formas: Óculos elíptico, com haste reta. Corrente em formas arredondadas e lenço reto. Cores: Amarelo, azul, bege, verde, marrom, branco, preto, turquesa, e dourado.	Colares de diversos tamanhos, cores (amarelo, azul, bege, verde, branco) e formas (contas, miçangas, corda, bolas) ao redor do pescoço e caindo sobre o colo. Brincos de argolas em tamanho maxi, piercing de argola no nariz (septo) em tamanho maxi, anéis branco, turquesa e preto e pulseira de contas de madeira que se estende até os dedos. Turbante grande, feito de material cintilante.	Feminilidade, extravagância, excentricidade e cultura negra.

	Os acessórios denotam elementos tribais e da cultura africana.	
<p>Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, pó, delineador, iluminador.</p> <p>Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas. Linhas retas pela composição.</p> <p>Cores: Amarelo, rosa, preto, branco e tons terrosos.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê. Listras.</p>	<p>Sobrancelha desenhada de forma angular, olhos com sombra amarela, delineado preto no estilo "pin up" e cílios ressaltados. Linhas brancas na região da testa, bochecha, lábios e queixo. Blush em tons terrosos e boca preenchida na cor rosa.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino. Além disso denotam pinturas tribais.</p>	Feminilidade, extravagância, excentricidade e cultura negra.
<p>Cabelos: -</p> <p>Formas: -.</p> <p>Cores: -</p> <p>Texturas: -</p>	-	-

Em sua composição a drag queen Diesel Nox transmite os conceitos de feminilidade, extravagância e excentricidade. O look é carregado de referências da cultura negra com acessórios e pinturas tribais. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Mas eu também já fiz performances, assim, sobre cultura negra, que eu gosto muito.”

“Eu também tento trazer um pouco do feminino, por que? Porque eu gosto da minha silhueta definida, cintura, quadril largo, eu acho interessante pra mim, mas não tão feminina porque eu gosto de uma coisa mais assim, extravagante. Muito brilho, mais cor, tento misturar muita coisa, porque eu acho que funciona pra mim, pelo meu tamanho, e tal.”

“(...) porque eu tenho que ser muito exagerado (...)”

“Acho que a questão da grandiosidade. Sempre tem alguma coisa grande na minha cabeça ou, sabe? Sempre tento colocar alguma coisa que atraia ainda mais a atenção pra mim. (...) Mas eu acho que o que me define no meio do grupo é isso, tentar ser a mais engraçada com essa questão do exagero.”

Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Artes e Comunicação | dDesign
 Mestrado em Design
 Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter



Ficha: 20

Drag Queen: Zizara Caralhon
 Idade: 20
 Escolaridade: Ensino médio completo
 Cidade: Recife
 Bairro: IPSEP
 Atuações como drag queen:
 (X) Dança () Atuação (X) Canto (X) DJ
 (X) Dublagem (X) Comédia (X) Hostess
 (X) Outros: Apresentação, bar e repórter.

Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Vestido branco curto com aplicações. Formas: Liso e ajustado ao corpo. Babados, formas arredondadas e linhas. Cores: Branco e prata.	Vestido espartilho branco, com decote em coração, e amarração na parte frontal. A saia é feita de tule branco com aplicações de pedrarias.	Feminilidade, delicadeza e sensualidade.
Acessórios: Colar e arranjo de cabeça. Formas: Redondo e orgânicos. Cores: Branco e pérola.	Colar com pingente em pérola grande e arranjo de cabeça de plumas brancas.	Feminilidade, delicadeza, clássica, estética burlesca.
Maquiagem: Sombra, cílios, batom, blush, iluminador, delineador e pó. Formas: Formas angulares e retas e também arredondadas.	Sobrancelha desenhada de forma angular, com olhos marcados em cor preta e sombra preta e branca, com cílios destacados. A boca é roxa e o blush em tons terrosos. A maquiagem	Feminilidade e sensualidade.

<p>Cores: Preto, roxo, branco e tons terrosos.</p> <p>Texturas: Alguns preenchimentos são uniformes e outros se dissipam formando um efeito degradê.</p>	<p>na região do tórax, se utilizando de efeitos de luz e sombra, mimetiza os seios femininos.</p> <p>Os elementos que compõem a maquiagem mimetizam e denotam um rosto feminino.</p>	
<p>Cabelos: Peruca preta longa.</p> <p>Formas: Onduladas e orgânicas.</p> <p>Cores: Preto.</p> <p>Texturas: Ondas e orgânicas.</p>	<p>Peruca preta, longa, na altura do tórax, ondulada.</p>	<p>Feminilidade.</p>

Em sua composição a drag queen Zizara Caralhon transmite os conceitos de feminilidade, delicadeza e sensualidade. Os trechos abaixo – retirados da entrevista – corroboram com os conceitos apresentados:

“Indispensável? Um corset babado. Porque eu gosto da estética que fica.”

“Sempre alguma coisa meio cabaré. Eu gosto daquilo.”

“O senso minimalista. Porém, esteticamente, eu sempre gosto de levar é a elegância de todo o contexto minimalista, entendeu?”

6.2 Análise de consumo

Conforme apresentado anteriormente, essa etapa consiste na análise do discurso presente nas entrevistas. De acordo com o surgimento de falas e suas relevâncias para o estudo, os trechos foram selecionados e agrupados dentro de categorias consideradas relevantes para a compreensão do comportamento de consumo dos indivíduos estudados.

Se faz importante lembrar os conceitos de consumo para que se compreenda melhor as categorias apresentadas. De acordo com a ementa do 4º Congresso Internacional em Comunicação e Consumo da ESPM:¹⁶

O consumo implica, para os sujeitos, comunicar, pertencer, participar, engendrar vínculos e sociabilidades, estar em rede, buscar e ter visibilidade. Na síntese proposta por José Aídar Prado, o consumo se liga hoje também às convocações biopolíticas que entrelaçam as dimensões estruturais da sociedade às experiências mais corriqueiras e ordinárias da vida cotidiana, assumindo lugar primordial como estruturador dos valores e das práticas que regulam relações sociais, que constroem identidades e definem mapas culturais. O consumo se articula às subjetividades na dimensão do social, do cultural, do comunicacional, do político e do cidadão para vislumbrar nas singularidades das experiências espaços não de determinação, mas de encontros, disputas e reflexões sobre o humano.

Os tópicos a seguir apresentam as descobertas feitas na análise das entrevistas e trazem a discursão dos mesmos dentro de reflexões teóricas.

6.2.1 *Inspirações de consumo*

Baseado nos depoimentos presentes nas entrevistas, podemos relacionar o sistema de adoção e o consumo de moda de acordo com as categorias abaixo:

- **Inspiração em outras drag queens**

Maffesoli (1998) afirma que “o que nos parece ser uma opinião individual é, de fato, a opinião de tal ou qual grupo ao qual pertencemos.” Nos discursos podemos notar a forte inspiração que as drag queens entrevistadas tomam de outras drag queens – sejam elas locais ou presentes na mídia. Esse consumo baseado em seus pares dentro da mesma tribo podem ser divididas nas duas categorias a seguir:

- Consumo inspirado em drag queens famosas

Essa categoria apresenta o consumo baseado no efeito trickle-down, onde toma-se como inspiração ícones ligados à mídia e à cultura pop, ou seja, um consumo endossado por celebridades.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“Eu acho que uma inspiração que a gente olha muito porque a gente faz a minha drag juntos é Ryan Burke. Ele é ex namorado de Pearl.” Margareth

¹⁶ Disponível em: <http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/ementa_comunicon_2014.pdf>

“E aí o Safira foi porque teve um episódio da sexta temporada [de RuPaul’s Drag Race] em que uma participante, Bianca del Rio, ela ficou em um desafio em que ela pegou a pedra safira... e ela sugeriu à RuPaul que seria um ótimo nome de drag. Como eu amava muito a Bianca, eu disse “eu quero que meu nome seja esse!”, porque soa realmente bem.” Safira

“Aí tiveram as inspirações de fora, né, RuPaul, tudo mais, eu comecei a assistir RuPaul pra ter mais inspiração (...)” Dita

“(...) nessa onda de RuPaul, eu me identificava muito com o humor da Sharon Needles e gostava muito da estética dela, assim, gótica, pálida, e tinha muito dela nas minhas montações.” Nina

“Então, eu cato muita referência (...) em outras queens que já passaram por RuPaul.” Vanda

“(...) de fora, também, eu gosto bastante da Aquaria, da Naomi Smalls e da Valentina.” America

“(...) e...as drags também de fora, que tem aquele programa que é de RuPaul, RuPaul’s Drag Race, tem também uma que chama Latrice Royale que é uma das drags que fazia parte do RuPaul’s Drag Race” Kelly

“E eu comecei a assistir RuPaul, comecei a me inspirar nas gatas daqui e comecei a me montar.” Moon

“E o Noriega é o sobrenome do Danny Noriega que faz Adore Delano, que é uma das referências de quando eu comecei a assistir RuPaul, que já foi na sexta temporada (...)” Chloe

“Mas, assim, de roupa, de performance, de música, de trejeitos, eu tiro mais de drags mesmo, tipo, Violet, Raven (...)” Ruby

“Desde que eu comecei a assistir RuPaul eu comecei a ver algumas drags que eu gostava, do estilo... então eu fui pegando.” Emily

- Consumo baseado em drag queens locais

Nota-se também o consumo baseado no efeito *trickle across*, onde toma-se seus pares como referência, num contexto local, fora do espaço midiático e da cultura pop. Sendo assim, percebe-se que existem drag queens locais que tem o papel de influenciadoras.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“(...) e vai vendo, até de outras drags mesmo, daqui do Brasil, a gente vê a inspiração e a gente transforma o look(...) [...] Então eu acho que as inspirações de figurino, até na gente mesmo, tipo, eu me inspiro muito nela [Charlotte]... as vezes ela faz uma roupa e eu falo “poxa, amiga, essa roupa ficou legal, vou fazer”, então eu acho que até em nosso trio, tipo, eu, Charlotte e a Dercy, a gente se inspira muito

entre si, nós três mesmo. A gente vê muita coisa lá de fora, da Versace, da Chanel, e tudo mais, mas a gente se inspira muito no trio. Nós três, uma se inspirando na outra. Isso é bem legal, né?” Tory

“Então, tipo, podemos dizer que Charlotte foi o meu espelho, a minha direção em questão de o que usar. Porque eu tenho senso zero para a moda. Então, tipo, não era porque ela dizia que aquilo era bom, mas ela dizia “oh, tem isso... te agrada?”, e eu me agradava do que ela fazia e eu utilizava.” Dita

“(...) eu sempre gostei da arte, os meus mentores de maquiagem um se monta até hoje, só que ele já é mais velho, e o outro se montou até antes de eu nascer, mais ou menos, depois ele deu uma parada. Mas, assim, eles lacravam muito e hoje em dia, profissionalmente, eles também lacram. Então eu queria me espelhar em referências assim, entendeu?” Nina

“A primeira drag que eu tive contato aqui na noite recifense foi a Envy e, assim, foi a minha primeira festa que eu saí, da noite... e quando eu vi ela, assim, achei maravilhosa, e quando eu conheci a Maia, no dia da primeira montagem dela, super me apaixonei. Então elas duas são minhas primeiras referências, e eu sempre admirei o trabalho.” America

“O que me inspirou foi, é, essa... a drag que eu vi na primeira vez na MKB, que foi a Larissa Bloom, que ela é gordinha também (...) e tinha outra também que se chamava Kira, que ela também se montava, ela era quase o mesmo porte que eu (...) [...] (...) as drags também de São Paulo, que eu tenho muito contato, a Laiza Bombom, a Gisela Popovic que também morava aqui no nordeste (...)” Kelly

“Mas, assim, de roupa, de performance, de música, de trejeitos, eu tiro mais de drags mesmo, tipo, (...), Ikaro Kadoshi (...)” Ruby

“Uma das minhas maiores inspirações acaba sendo a Ruby, porque eu vejo que ela tem, tipo, muito compromisso, tem várias coisas dela, na questão de personalidade, que eu trago pra mim.” Diesel

- **Inspiração em ícones da cultura pop**

A inspiração vinda de ícones da cultura pop¹⁷, produzidos pela indústria cultural, também se faz presente nos discursos das entrevistas. O termo “indústria cultural” foi implementado na década de 40 por Theodor Adorno e Max Horkheimer para negar a ideia de que ela é uma cultura que surge espontaneamente das massas. Dentre os discursos podemos perceber a forte presença das divas¹⁸ pop no hall de inspirações dos entrevistados. Esse consumo baseado em ícones da cultura pop também se enquadra no contexto do *trickle-down*.

¹⁷ Qualquer forma de produção e consumo de bens culturais (dança, música, literatura, pintura, cinema, etc.), orientada por uma lógica mercadológica e perpassando questões como a mídia de massa, as indústrias culturais, as estratégias capitalistas de entretenimento, etc. (Mozdzinski, 2016).

¹⁸ Cantora ou atriz que tem qualidades excepcionais, dotada de carisma e virtuosismo, objeto de culto (Soares, 2018).

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“A minha maior inspiração é a Victoria Beckham. Inclusive é o motivo do nome Vicky. Então o estilo dela quando ela era Spice Girl, e também a carreira dela em moda, a postura dela quanto a imprensa, em algumas entrevistas, é o que me inspirou. Na verdade é uma inspiração literalmente em cima de Victoria.” Vicky

“Então eu vou desde figuras pop que eu admiro, ou então modelos que eu acho incrível (...).” Dahlia

“Visualmente falando, eu acho que eu tenho, em primeiro lugar, muita inspiração de [Lady] Gaga, porque Lady Gaga é isso! Lady Gaga é um acontecimento! E como eu sempre me inseri muito em ser uma bicha afeminada, em ser uma bicha que, de alguma maneira, quebra alguns padrões, até pela drag, [Lady] Gaga sempre foi essa inspiração pra mim, sabe? Mas eu tenho muita referência pop. Eu considero, hoje, o estilo da minha drag predominantemente pop, com referências de Beyonce, [Lady] Gaga, Rihanna, que tem essas coisas assim, já puxando pra o mais indie, o que Dua Lipa faz, o que Charli XCX faz...” Safira

“A minha inspiração foi a Barbie, de início, de início foi a Barbie. [...] eu gosto muito também de concurso de Miss, essas mulheres de Miss, eu amo. Hmm... eu acho que é isso! Eu gosto muito da Britney também, eu fiz alguns trabalhos dela no ano passado.” Tory

“Menino, foi uma caminhada. Porque primeiro eu comecei com Dita, que Dita vem do Erotica, da Madonna, “my name is Dita”, aí primeiro foi Dita. [...] A maioria das minhas inspirações são a Miley [Cyrus], a [Lady] Gaga e a Madonna.” Dita

“O Nina... eu tenho várias inspirações pra Nina. Nina Hagen, assim, várias personalidades, são várias Ninas de personalidades diferentes, tipo, a Nina de Avenida Brasil que eu adorava, entendeu? Enfim, várias Ninas.” Nina

“Tipo, as maiores referências da minha drag são referências da cultura pop. A minha drag não é muito uma drag comedianta, não é uma drag muito performer, não é uma drag fashion queen, mas ela cata elementos da cultura pop em tudo, sabe? [...] Mas a minha maior referência são cantoras pop. A Beyonce, a Bebe Rexha, a Dua Lipa, Miley Cyrus, a Rihanna também, Britney [Spears], tipo, eu saio catando um pouquinho de cada uma... Kylie Minogue, eu saio catando um pouquinho de cada uma pra fazer um look ali. A Pablio Vittar também, eu me inspiro muito nela.” Vanda

“O nome America no começo era America Singer, que era de uma personagem de uma trilogia, que é “A Seleção”. [...] Eu sou muito fã da Katy Perry e da Dua Lipa. E a Ariana Grande, eu gosto também. E eu tenho elas também como inspiração, principalmente para as performances, questão de... dublagem, expressão na hora de estar dublando lá... eu gosto bastante.” America

“E tem sempre algo que você lembra de... ou X-men, algo assim, de cultura pop mesmo, sabe? Uma coisa meio quadrinhos, meio pós-apocalíptico. Uma coisa meio O Quinto Elemento, essas coisas sou eu.” Moon

“E aí a gente disse que nós éramos as Três Espiãs Demais. Sendo que uma delas é Clover, e a gente achou que era Chloe. E aí ficou Chloe (risos) a porra toda! Já tinha arrumado essa desculpa já (risos) aí eu fiz “ah eu gosto do som do Chloe”, sabe? O francês, o bonito [...] É, tem muito de divas pops assim... a Beyonce também, é uma grande inspiração de dança, de atuação. A Christina Aguilera por causa da voz, ah eu também acho o cabelo dela maravilhoso, ela é maravilhosa, né? E também tem a Avril Lavigne, que é uma referência que eu gosto. [...] Eu... procuro muito vídeos da Nicki Minaj... hoje em dia eu to muito viciado na Nicki Minaj, então...como referência de moda, que você diz? Eu gosto muito dos looks da Rihanna, acho fantásticos também. Meio largados, meio... tudo na moda, muito, muito novo, moderno. Ludimila é uma referência.” Chloe

“(...) eu tenho muitas inspirações teóricas, vamos dizer assim, pessoas que eu acho que tem uma representatividade, que tem uma imagem interessante, que eu posso trazer isso pra o meu personagem, tipo, Hebe, que eu acho incrível, Vera Verão, Carmem Miranda.” Ruby

“O nome, na verdade... eu queria o nome de uma pessoa que me inspirasse e, na época, eu tava assistindo muito Revenge, a série. Eu precisava de uma pessoa que me inspirasse e ela foi a inspiração. Aí eu escolhi ela. O Amber veio de âmbar, que é uma pedra fóssil, que eu gosto de Jurassic Park, enfim. [...] Rihanna, eu acho que foi a maior... na verdade o meu maior foco foi ela como inspiração, pra tudo.” Emily

“(...) assim, outra personalidade que eu me inspiro também é a Elza Soares, a Iza também que apareceu agora, eu gosto muito dela.” Diesel

- **Inspiração do universo da moda**

Outra fonte de inspiração das drag queens entrevistadas são relacionadas ao universo da moda: grifes, estilistas e tendências. Mais uma vez podemos perceber a atuação do fenômeno do *trickle-down* no processo de adoção de inspirações.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“E depois eu fui buscando referências mais em moda mesmo, em arte, em outras coisas.” Alexia

“Sigo muito a coisa da moda mesmo, tem designers que eu amo e tento sempre buscar inspiração mesmo. E tem os meus amigos também, amigos que são designers, estilistas, e eu gosto de ver o que eles estão fazendo também. (...) Mas eu sempre penso na silhueta Mugler, eu sempre penso em Alexander McQueen também, gosto muito, Givenchy também eu gosto bastante.” Dahlia

“Meu deus, eu agora tô muito viciado na Versace. Eu acho que Donatella é uma das maiores inspirações que eu tô tendo agora. (...) E a Donatella também, a marca dela, eu acho que é uma inspiração... a Chanel, essas marcas mais, assim, marcas! (risos)” Tory

“As minhas inspirações pra criar a Charlotte é tudo num complexo de moda, né. Eu sou uma pessoa que, desde que veio ao mundo, sempre gostou de moda, sou formado como figurinista e tudo mais. Então esse complexo da moda envolve dentro da minha drag, tudo da moda mesmo. Então as maiores inspirações são as mulheres de cada década da moda, as grifes de alto luxo, essa questão mesmo. [...] O estilo da minha drag é o estilo da mulher Versace.” Charlotte

“Buscando mais referências dos anos 80, anos 90, e é assim que eu me vejo hoje em dia. [...] Eu procuro muitas fotos de bailes antigos, de revistas, Vogue, inclusive.” Cassia

- **Inspiração encontradas nas redes sociais**

Outra fonte de inspiração citada diretamente pelos sujeitos entrevistados são as publicações em redes sociais: *Instagram, Facebook, Pinstereest e Youtube*. Podemos também relacionar esse fato ao fenômeno trickle down, onde um *influencer* produz e divulga conteúdo a ser consumido por seus seguidores.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“As vezes passa no feed e eu nem vejo o nome, tá ligado? Vejo uma imagem e aquela imagem me inspira de alguma forma.” Margareth

“É, eu tiro muito minhas inspirações também do Instagram, das pessoas que eu sigo, eu acho que mídias sociais e redes sociais tem uma influência enorme nas drags, principalmente Instagram porque é uma rede de compartilhamento de imagens e grande parte da drag é o visual.” Dahlia

“Então, as vezes, a gente pega, eu vejo a roupa dela... a gente pega a roupa dela ou de outro instagram(...)” Tory

“A maioria são, tipo, de Instagram mesmo, meio que famosas porém anônimas.” Milla

“Então, eu cato muita referência no Pinterest, no Instagram (...)” Vanda

“Visualmente, é, eu busco muito também no Youtube né(...)” Kelly

“(...) eu pesquiso também, eu cato no Pinterest, eu cato no Instagram pra tentar construir.” Moon

“(...) e o Pinterest também é uma boa referência, sempre pesquiso lá, sabe?” Chloe

“Mas no visual, eu acabo pesquisando muito no Instagram (...)” Diesel

6.2.2 O consumo de artefatos

Dentre a forma em adquirir os artefatos a serem utilizados nas montações, foram identificadas quatro categorias que apresentam essa relação de consumo material. São elas:

- **Roupas feitas sob medida**

A maioria dos entrevistados citam, como forma de adquirir os artefatos que compõem os seus looks, a produção artesanal, sob medida, executada por costureiras. Nota-se, dentre esses discursos, uma recorrência de produção dos looks com as “amigas drag” (Norman Bancks – proprietária da loja ManeQueen –, Charlotte Delfina...), profissionais com o conhecimento técnico para a execução das peças que também performam a arte drag. Algumas também produzem o seu próprio look, contando com suas habilidades de corte e costura, desenvolvidas previamente ou aprendidas durante o passar do tempo como drag queen.

Por contar com a participação dos sujeitos durante o processo de idealização, criação e desenvolvimento dos produtos, esse tipo de consumo gera uma relação afetiva maior com as peças, agregando valores pessoais de individualidade aos looks.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“Olha, hoje em dia a maior parte das minhas peças eu compro com o pessoal da Manequeen, que é um pessoal daqui que costura, faz roupas couture, costura peça exclusiva, com um desenho interessante... (...) Mas a grande maioria com o pessoal da Manequeen porque é feito pra mim.” Alexia

“Manequeen. Basicamente Manequeen.” Margareth

“Mas na maioria das vezes eu vou para a Manequeen, que é uma loja de Norman Bancks, que é uma drag daqui, e Henrique, que costumava ser Zaya Nilo, que era outra drag (...)” Dahlia

“Eu sempre mando fazer. Desde o começo da minha drag eu sempre tive muito isso. (...) Eu sempre costurei com drags... a primeira drag que eu costurei foi a Cherie, a segunda foi a Normam que é a dona da ManeQueen, acho que tu conhece, e a terceira foi a Charlotte. E eu sempre gostei muito porque, além de serem ótimas profissionais, elas também tem essa visão de drag, sabe? Quando elas veem alguma coisa que pode melhorar, ou que não ficou tão legal, elas tem essa liberdade pra chegar, conversar e criar com essas ideias.” Safira

“Meu pad sou eu que confecciono e os meus figurinos são a minha amiga Charlotte Delfina!” Tory

“Tento costurar com a ajuda de uma amiga minha, a gente via fazendo as coisas. [...] Então, o único lugar que, realmente, tirando as lojas tradicionais, que eu pego essas roupas é com uma amiga minha que também faz drag, que é a Charlotte Delfina, que ela costura. [...] E, tipo, toda vez que sobrava um dinheirinho, eu comprava um tecido e Charlotte fazia um look pra mim. Aí ela sempre fez a maioria dos meus looks que, tipo, eram feitos, tá entendendo, foi ela que fez.” Dita

“Com roupa ele [Nina Poison] tem muito contato de moda, eu também, a gente conhece muita gente que costura, eu também costuro, tenho máquina... Eu costuro, costurei muito já, hoje em dia eu tô mais mandando o povo fazer.” Milla

“Então, eu não levo muito jeito para costura. Eu não costuro nada, na verdade. Eu tenho uma máquina de costura mas eu tenho uma amiga, que é drag também, que ela costura. Aí ela fica com a máquina e costura para a gente.” Vanda

“(...) e looks incríveis, que inclusive é minha designer que faz, Charlotte, maravilhosa.” America

“Não, as roupas quem faz é um costureiro, um amigo meu, que trabalha lá na cidade.” Kelly

“Eu tenho minha amiga que faz drag e também Norman Bancks que ela além de fazer Drag, ela é costureira. Tem a marca também, que é Manequeen, aí ela sempre faz todas as minhas roupas. Tudo, tudo que eu uso é feito por ela.” Cassia

“(...) foi um amigo meu que fez pra mim...ele fazia moda no SENAC, ele fez pra Chloe (...) [...] Normalmente eu compro os tecidos e faço...ou mando uma amiga minha fazer. A gente faz um troca...eu empresto uma peruca a ela e ela faz uma roupa pra mim...eu empresto não sei o que... a gente faz umas trocas, de coisas, uma amiga drag. E também tem muitas drags que aprenderam a costurar, então elas tem suas próprias lojinhas...vamos assim dizer, sabe? Suas marcas, que elas fazem algumas roupas prontas pras drags que não sabem.” Chloe

“Mas normalmente a gente compra, tipo, tecido e faz a roupa.” Ruby

“A gente compra tecido, no caso, eu, quando não dá pra utilizar algo que já tenha, eu tento comprar e fazer. [...] Tenho uma vizinha que sempre costurou pra minha mãe, então eu sempre faço com ela... ou com uma amiga da gente que costura.” Emily

“Então, a maioria das coisas sou eu que faço, então eu compro o tecido, corto e vou costurar. A gente costura à mão porque não tem máquina.” Diesel

- **Roupas emprestadas ou doadas**

Outro tipo de consumo vem através do empréstimo ou doação de pessoas do convívio social da drag queen: dentre os citados existem as amigas e parentes mulheres e as amigas drag queens. Através do gerenciamento de aparências –

conceito de Kaiser (1998) apresentado previamente – o sujeito é capaz de identificar e selecionar as peças que lhe interessa e compor o look que reflita as características relacionadas à sua drag.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“A maioria das peças foram peças emprestadas. Inicialmente eu peguei peças de minha irmã e eu não tenho habilidade pra montar look, sou muito ruinzinho quanto a isso, de montar mesmo, costura e essas paradas, mas o que eu tento fazer é pegar itens pra chegar o mais próximo do que eu idealizei na minha cabeça, já que eu não consigo construir eu tenho que montar. Então inicialmente eu usava peças de minha irmã ou da minha mãe drag [Alexia Tarantino] que eu pedia emprestado pra conseguir montar o look que eu tava pensando.” Vicky

“No começo eu usava muito a roupa da minha mãe, roupa dele [Alexia Tarantino] que podia esticar (...)” Margareth

“(...) tipo, eu tenho uma roupa e ela [Charlotte Delfina] tem uma roupa, a gente troca essa roupa, tipo, ela usa um figurino meu e eu uso um figurino dela... ela usa o meu figurino e não parece que o figurino é meu. [...] Então toda a produção, fica meio que um acervo da gente, né. Cada uma tem o seu acervo. Eu tenho o meu acervo de roupas, ela [Charlotte Delfina] tem o acervo dela e a outra [Dercy Milk] tem o acervo dela. Então a gente vai trocando.” Tory

“Então é coisa que, assim, minha mãe usa, um macaquito, um body, coisas mais assim, calça, corset, essas coisas que elas usam. [...] Ela fazia um look e eu fazia “amiga, me empresta esse look”.” Dita

“Então, a gente pega emprestado das amigas. Porque a gente tem uma casa bem grande, a gente tem a Maison Poison, que é um grupo de drags, e a gente também tem muitas amigas que se montam. Aí como muitas não podem deixar as coisas em casa, elas deixam tudo aqui. Como elas tem a liberdade de deixar as coisas aqui, elas dizem para usarmos. Aí a gente sempre tá pegando emprestado, aí é tranquilo. As três tem, basicamente, o mesmo tamanho de pé, então uma compra um sapato e a outra também pode usar, e vamos sempre revezando.” Milla

“Tem muita coisa que a gente ganha também... tem amiga que a gente, tipo, dá um jeito de entrar na roupa, tem amigo que viaja e traz coisa pra gente (...) [...] Mas eu também já ganhei muita coisa, assim, de estilista... muita coisa que eu não pagaria, tipo, sandálias Armani, vestido de Valério Araújo, entendeu? Tipo, coisas que eu ganho de clientes ou o pessoal me empresta e tal...” Nina

“Eu pedi duas perucas para a minha tia, a minha tia mora nos Estados Unidos, ela é quase uma drag queen... desde que ela morava aqui ela já tinha peruca e pá. Aí eu fiz “quando vier traz umas perucas, se eu não gostar eu vendo e etc”, aí ela trouxe três perucas e me deu. [...] Mas, tipo, tem Dita... o meu namorado [Cassia Blue] sempre faz também, tá ali com uma sacola de coisas que ele manda fazer, ele não repete muito, aí eu já peço a ele. Aí tem Safira também... eu pego muita coisa emprestada.” Moon

“Guarda-roupa de mãe, as vezes a gente pega algumas coisinhas...” Ruby

“Guarda-roupa da minha mãe, guarda-roupa dos meninos...” Emily

- **Roupas compradas em lojas**

Alguns poucos entrevistados citaram o consumo de artefatos diretamente de lojas prêt-à-porter. Segundo Jones (2005) a moda prêt-à-porter representa uma variedade de roupas feitas para o mercado de atacado, lojas de departamentos e boutiques de diferentes faixas de preço. Apesar de um fácil acesso, esse tipo de consumo traz uma relação de consumo dicotômico: o consumo masculino de produtos criados para um mercado feminino. Dentre o público drag queen, artigos como sapatos e lingerie são mais relacionados à esse tipo de consumo, principalmente por sua natureza de difícil produção artesanal (calçados) e fácil acesso e baixo custo no mercado (lingerie).

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“(...) eventualmente eu até compro roupa em fast fashion, Forever 21, Zara, C&A, salto, eu vejo alguma coisa interessante, uma peça que chama atenção, com um brilho diferente, um caimento diferente... (...) Eu compro na C&A, Renner, Melissa, já comprei algumas coisas na Zara... hoje em dia eu tô usando até mais tênis meu, eu tenho tênis feminino, compro assim umas sapatilhas, sapatilha eu compro na cidade, mas a maioria dos meus saltos eu comprava online, Vitor Vicenza, tenho algumas coisas de Walério Araújo, eu tenho muita coisa! Muito salto!” Alexia

“Geralmente, se eu for comprar uma roupa, eu vou tentar ir para a loja mais barata que eu puder. Eu vou na cidade, vou tentar procurar alguma coisa. Se o orçamento deixar, eu vou subir num shopping, vou tentar ver alguma coisa.” Dahlia

“(...) eu gosto de focar em roupas mais assim, casuais, mais aquelas roupas que vendem na Riachuelo, C&A, tá entendendo? [...] Geralmente eu vou nas grandes que a gente conhece, Renner, Riachuelo, C&A, Marisa. Ou senão lá no centro do Recife mesmo que tem aquelas lojas, camelódromo, ou aquelas lojas que vendem em grande escala mas não tem aquela qualidade que tem nas grandes lojas [...] Aí eu prefiro comprar em lojas que são especializadas em sapatos de números grandes, como Domínio da Moda, que é um site que é realmente especializado e vende sapatos de 39 a 45 e a Zapataria..” Dita

“Zara, no máximo, um salto, assim, incrível que chegou... é mais acessório mesmo. Roupa a gente compra, no máximo, uma calcinha, sutiã, shortinho de puta.” Nina

“(...) tinha uma lojinha na Rua Direita, por ali, perto do Mercado São José que eles vendem lingerie, eu sempre comprava meia-calça, sutiã, hot pant, essas coisas. Mas eu cheguei a comprar em Riachuelo, C&A, Americanas... Americanas também

vende meia-calça. [...] (...) as mulheres sempre acham que é uma festa. Salto principalmente. Você tá provando salto no meio de uma loja, as pessoas ficam olhando, mas a recepção é boa. Até porque geralmente tem mais mulher na loja, aí eu acho que é menos agressivo.” Moon

“(...) já comprei muita roupa ali em Casa Amarela, tipo um body preto que eu to usando ultimamente, que é fantástico e ele custou vinte reais, mas é fantástico, sabe?” Chloe

“Geralmente são coisas minhas, quando não é da minha mãe... que eu compro pra ela (risos)... mas é isso, Riachuelo... coisas que eu compro pra mim e ela usa.” Emily

- **Reaproveitamento de looks**

Como consequência de uma grande produção/doação de figurinos para as drag queens entrevistadas, podemos perceber um fenômeno de acúmulo de artefatos. Por se tratar de uma performance, o look apresentado faz parte da performidade, o que torna a reutilização desses figurinos algo mal visto pelos artistas e pelo público. Sendo assim, como forma de reaproveitamento do material – além de emprestarem/doarem para outras drag queens – alguns dos entrevistados citam, como solução, o redesign de um look já existente ou a reorganização de peças de looks diferentes na construção de um novo. Mais uma vez o conceito de gerenciamento de aparências de Kaiser (1998) pode ser percebido no comportamento de consumo das drag queens.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“Só quando eu tenho alguma roupa que eu vou remontar ela... por exemplo, agora para a festa que eu vou trabalhar eu já tinha um vestido mas eu quero fazer uma nova ideia dele, então eu só tô mandando ajeitar. Meio que uma nova roupa mas o custo vai ser muito mais baixo. Aí também rola isso. Drag tem que se virar, né?” Safira

“Looks, assim, que eu tenho em casa e eu remodelo (...) [...] Essas peças, basicamente, a maioria são, tipo, roupas que a minha mãe não usa mais, eu acabo falando com o meu amigo e a gente acaba remodelando essa roupa pra ficar num estilo mais drag. Pra não ficar naquele, tipo, parece que foi comprada realmente. A gente acaba remodelando, dá uma apertada aqui, faz uma modificação, uma coisa assim e a gente vai montando, vai pegando um de cada e faz uma coisa original. É sempre algo personalizado.” Dita

“Eu reutilizei um do ano retrasado que uma amiga fez pra mim, aí peguei uma parte de baixo que ninguém ia se ligar, troquei os tecidos de cima e saiu por um custo razoavelmente barato.” Milla

“Ontem mesmo eu tava usando um look dela [Milla Péron] que ela ia jogar fora. Só que ficou incrível em mim, eu amei e vai ficar guardado, eu tava até retocando o que tava faltando de pedrinha porque eu gostei, é um look coringa. Tem muito disso, entendeu? O que a gente não faz, o que a gente compra ou que ganha, a gente acaba adaptando porque nem sempre vem para o nosso corpinho.” Nina

“Eu evito repetir montagem. A gente não repete muita montagem não. Mas, tipo, acontece de a gente repetir, uma vez ou outra, ou... eu gosto muito de fazer peças separada, porque aí eu consigo casar com outras montagens. Tipo, tem umas montagens com algumas peças que eu usei só uma vez. Mas tem peças que eu usei duas ou três vezes, entendesse? Que eu reaproveito em outro look, tipo, uma vez eu comprei um body vermelho e eu usei ele com uma sainha, era uma montagem de Mamãe Noel... depois eu usei, em outra montagem, com uma calça pantalone. Tem algumas peças que você consegue, tipo, misturar e recriar outro look com elas.” Vanda

“E os que eu não vou usar de novo, eu tô pretendendo reciclar, ou seja, pegar aquele look e transformar em outro look com o mesmo tecido.” America

“Tem um sutiã que eu tenho, de couro, que nem é meu, é do meu namorado [Cassia Blue], que ele usou duas vezes e eu acho que eu usei umas quatro vezes. Em montagens diferentes dá outra vida, outra forma.” Moon

“Quando eu não repito look, que geralmente eu não repito... tem festa que, tipo, eu sei que não tenho condições de gastar com ela, eu vou e pego alguma coisa, mas eu vou misturando, pra não ser a mesma coisa. Eu pego um pedacinho dali, um pedacinho daqui e crio algo novo.” Cassia

“A Chloe não tem ainda um guarda-roupa, assim, com... ela tem algumas peças. E aí ela vai sempre adquirindo mais peças...e transformando...por exemplo, uma vez eu fiz uma hot pant, depois transformei aquela hot pant, botei umas pedrarias, já virou outra coisa, sabe? E vai transformando também.” Chloe

“Eu reciclo bastante. Eu uso um figurino várias vezes. Como eu faço vários shows, o mesmo figurino eu posso adaptar, posso usar em vários lugares diferentes. E também fica muito gasto se for fazer um figurino para cada vez que eu for sair, eu não ganho tanto pra isso. Se eu ganhasse muito, eu faria um figurino toda semana. Mas a gente não ganha, a gente tem que reciclar os figurinos quando dá.” Ruby

“Eu sempre tento reutilizar depois de um tempo. Ou mudar um pouco, ou... alguma coisa que mude como ele era antes, ou, tipo, uso partes do look, sabe? Normalmente é isso.” Emily

- Outras soluções de reaproveitamento

Outras soluções para o fenômeno de acúmulo de figurinos também foram mencionados, tais como venda, doação ou reuso de um look antigo:

“Eu tenho um guarda-roupa gigante e eu tenho seis sacolas gigantes de roupas e, essa pergunta é o que eu faço a mim direto, o que eu vou fazer com essas roupas. Eu já pensei em fazer um bazar, vender pra outras drags, ou dar pra outras

peessoas, sabe? Mas é porque, sei lá, parece que eu fico um pouco apegado a elas, sabe? Cada momento, cada rolê, e aí tem coisa que eu usei na minha primeira montagem, há quase três anos atrás, e eu nunca usei de novo.” Safira

“As vezes eu abro o meu guarda roupa, nem faço a roupa, eu pego a roupa. [...] Elas ficam guardadas, dentro de um lugarzinho. As vezes dá aquela nostalgia, a gente abre o guarda roupa, pega aquela roupa que vestiu há muito tempo e veste. (...) Normalmente eu tô vendendo, tô pegando umas roupinhas e tô colocando pra vender.” Charlotte

“Aí as roupas geralmente ficam guardadas. Aí só essa semana, depois de anos, tipo, 3 anos de montagem que a gente separou algumas roupas pra doar, que eram roupas e coisas que não tinham mais porquê de usarmos. Aí botamos para doar. Só que, muitas vezes, são roupas de figurinos, não dá pra botar pra doar para as pessoas, para usar no dia-a-dia.” Milla

“Então, até agora tá guardado, todos (risos). E, assim, eu não pretendo vender, porque cada look marcou um pouco. Tipo... pronto, o da Frozen. Já faz, o que... mais de um ano que eu tenho os dois looks, estão intactos. Então geralmente aparece um evento assim, e a galera faz “bora de Frozen”, aí eu vou e uso, repito o look mesmo.” America

“(...) aí quando foi agora, mês passado, um amigo meu de Brasília, ele faz show lá nas boates de lá, ele tava louco pela minha roupa, eu disse “ouxi, vou vender agora”, tava aqui mesmo parada, não vou pra canto nenhum com essa roupa mesmo, peguei e mandei simhora. Pronto, quando eu uso, uso muito que já não tem mais lugar para usar, eu “ah, agora é a parte de vender”, e saio vendendo, para não ficar guardada em casa se amontoando roupa. [...] Então, pra não ficar fazendo sempre o show com a mesma roupa, repetindo em vídeo, e tal, eu não prefiro mais fazer, eu faço, aí quando eu já vejo que a roupa está muito batida, como se diz, aí é hora de fazer alguma coisa, aí eu vou e vendo, aí como eu não consigo vender a parte de dentro, por causa do meu corpo, eu sou grande e a maioria das bichas são maguinhas, e tal, aí eu sempre vendo o roupão, vendo a máscara, saio vendendo outras coisas, mas eu sempre consigo vender, porque eu tenho umas amigas minhas também de fora, de São Paulo, de outros estados, que tem quase o mesmo corpo que eu, daí dá uma apertadinha ali e a roupa fica perfeita, nem parece que foi minha, aí eu vendo, porque para ficar em casa só tumultuando roupa não vai adiantar, vai ficar só lá, cheio de teia de aranha, roupa lá guardada, às vezes até mofa de tanto estar guardado, fechado nas sacolas, nos cabides, aí eu acabo vendendo, aí agora eu só estou com três roupas, e eu quero me desfazer e ficar só apenas com uma que foi a mais antiga, a mais atual que eu fiz, que foi uma roupa de palhaço, eu fiz o show agora nesse ano, aí é a mais atual, eu quero ficar só com ela, o restante eu quero me desfazer.” Kelly

“Eu guardo. Ou então ele [Moon Moon] pega, e fica. Não tenho problema não, se alguém chegar e pedir pra mim eu dou também. Não tenho, tipo, muito aquilo de “ah, guardar”, ou então de “ah, eu vou usar também” eu já usei e pra mim o que tinha representado naquela foto, naquela montagem... então vai ter o marco, naquela foto.” Cassia

- **Restrições ao consumo**

Em meio à compreensão das formas de consumo dos artefatos também se faz importante identificar quais são os fatores que podem prejudicar e restringir esse consumo. Os sujeitos, ao idealizar uma montagem, se percebem em uma negociação simbólica e funcional diante dessas restrições. Dentre os depoimentos foi possível classificá-las em dois grupos:

- Restrição de acesso

O fator principal que dificulta a execução das ideias imaginadas pelos sujeitos é a dificuldade em encontrar as matérias-primas desejadas para sua execução. Os entrevistados apontam a restrição em encontrar materiais diferenciados nas lojas da cidade do Recife.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

“Tecidos! Tecidos! Porque aqui é péssimo de conseguir comprar vários rolês, e eu tenho muitas ideias de... usar latex, usar vários tecidos que a gente não tem disponível, sabe? Difícil é a gente conseguir encontrar uma pelúcia de pelo longo aqui.” Safira

“Eu acho que a maior dificuldade de toda drag recifense é achar um tecido bom, com um preço bom. (risos)” Tory

“Porque nem tudo a gente tem em nossas mãos, na nossa cidade né.” Charlotte

“As dificuldades não são nem no look em si... é se um look tiver muito detalhe, muito acessório, eu tenho dificuldade em encontrar certos acessórios, certas coisas (...)” Dita

“(...) e outra coisa também é o fato de não ter muito material aqui, no Recife. Tipo, eu ia fazer uma montagem neon, de latex, e não tem latex aqui. Não tem no Recife.” Vanda

“(...) tem tecidos e acessórios que a gente não encontra aqui, em Recife, e é bastante difícil também no Brasil, tipo látex ou até mesmo plumas.” America

“(...) mas a maioria das coisas vem mais da internet mesmo, que em Recife não tem tantos lugares que tem os materiais que uma drag queen precisa, então é sempre em site, no Mercado Livre e tal, aí a gente compra e só espera chegar, né. [...] A dificuldade é de achar todos os materiais que eu queria realmente para montar aquele show, que a maioria nunca tem aqui (...)” Kelly

“(...) porque tipo, tem muito material de... que eu penso, que a gente não encontra aqui também.” Cassia

“Material... material que aqui não tem... por exemplo, quem é que não quer usar uma hot pant de latex, uma calça de latex, uma, sabe... uma roupa maravilhosa de latex... aqui não tem. Não vende em Recife, só vende em São Paulo, e olhe lá, sabe? Então em Recife, falando em Recife, lógico... mas em Recife é muito ruim de material. Muito ruim de material mesmo, sabe?” Chloe

“Mas parar, ir na cidade, comprar tecido, achar um material que vai ficar legal com o que você quer... que nem sempre é fácil achar material.” Ruby

“Porque os meios que a gente tem aqui em Recife são limitados (...)” Zizara

- Restrição financeira

Outra restrição que as drag queens entrevistadas encontram é a financeira. Mesmo que muitas recebam cachê para performar a sua arte, elas afirmam que os valores costumam ser baixos e a relação entre investimento em um look com o valor recebido nem sempre é proporcional.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

*“A maior dificuldade pra montar o look é receber um cachê que pague. (risos)”
Margareth*

“Hmm... eu imagino muito e, por eu me inspirar por várias coisas, as vezes eu tô com um look que é muito imprático, em termos de dinheiro. (...) O preço é realmente um vetor bem importante nas minhas montações.” Dahlia

“Se o cachê for bom, o figurino aumenta. Se o cachê for menos a gente tenta trabalhar com menos, mas que seja legal, sabe?” Tory

“A gente tem que gastar muito e receber muito de volta, tá entendendo? Muitas vezes a gente gasta mais em look pra receber um cachê que não cobre os gastos que a gente tem.” Dita

“Tem que prezar sempre um pouco pra colocar alguma coisa porque, tipo, é algo tão caro e pagam tão mal a gente, que a gente tem que estar sempre se virando como pode para estar bonita, que eles sempre querem que você esteja maravilhosa, mas querem pagar uma micharia. Então a gente separa uma parte do cachê, que não dê prejuízo, para pagar o look. Ou reutilizar alguma coisa.” Milla

“A gente vai se montar e nem sempre pagam um cachê a altura. Então a gente costuma tentar baratear o custo, ou então não sobra nada para a gente, entendeu? Se a gente comprar tecido muito caro e tal. Acontece de, as vezes, você ver um tecido tão massa que, tipo, você vai gastar com ele, tipo, passa o seu cachê. Já aconteceu de eu gastar mais do que eu ia receber com o look. Tipo, eu queria fazer muito ele... aí acontece. Mas, no geral, eu procuro muito economizar no look. Porque nem sempre a galera pode pagar um cachê tão alto, tá ligado?” Vanda

“Então, geralmente, como o cachê não é tão... tão aquelas coisas todas, são poucas as festas que pagam um cachê bom para as drags, eu tento fazer o máximo um look no meu limite, não ultrapassar tanto, nem... nem ultrapassar tanto.” America

“Porque tudo é caro, tudo é caro, o cachê não paga nem o começo do pano da roupa, às vezes, então querendo ou não é um gasto, quando a gente vê tá surpreendendo, uns 300, 350 reais, e a gente “nossa, tirei da onde isso?”, “não sei”, mas sei que aparece, pra gastar aparece, tudo com drag, drag é... drag é isso, tome gastar dinheiro.” Kelly

“Mais um desafio financeiro, até porque querendo ou não o retorno que eu tenho em festa não é tão grande. É mais de tipo... eu me montar e gastar já o que eu recebi... não entrar nada pra mim. E as vezes eu tenho que pagar a mais também.” Cassia

“Mas, geralmente, eu faço um figurino de acordo com o que eu vou ganhar. Eu nunca faço um figurino que eu vá gastar mais do que eu posso ganhar.” Ruby

“O limite, no caso, é o dinheiro (risos). Ele é quem me bota limite.” Diesel

6.2.3 A drag queen e o convívio social

Percebe-se que as relações sociais são os principais motivadores para o surgimento da drag queen. Essas relações sociais se fazem importantes para compreender o indivíduo e, sendo assim, seu comportamento de consumo. Foram identificados três tipos de relações:

- **Grupo como grupo familiar**

Uma figura presente em toda história do surgimento de uma drag queen é a “mãe drag” (*drag mother*), um tutor mais experiente que transmite seus ensinamentos, participa na criação do nome e estética da personagem e fornece subsídios para o nascimento da sua “filha”. As “filhas” da mesma drag queen ou as amigas drag muito próximas são consideradas “irmãs” drag (*drag sisters*). Dentro dos estudos sobre a conformidade¹⁹, Kelman (1958) apresenta a identificação como um dos tipos de influência social, em que ele conceitua como a conformidade a alguém de quem gostamos e respeitamos.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar o fato:

¹⁹ Conformidade refere-se ao ato de mudar o comportamento para corresponder às respostas de outros (CIALDINI, GOLDSTEIN, 2004).

“(...) ou da minha mãe drag [Alexia Tarantino] que eu pedia emprestado pra conseguir montar o look que eu tava pensando.” Vicky

“Porque é o nome da família, então, meio que cada uma tinha uma ideia de sobrenome mas a gente conseguiu entender que o Blue representava a família drag. (...) Acabou que adotamos como o sobrenome da família toda.” Safira

“Surgiu depois que eu comecei a acompanhar o meu amigo, Pablo, ele é tanto a minha drag mother quanto a drag mother da Zizara.” Dita

“Aí ficava uma dizendo nome pra outra “bota esse, bota esse”, aí ela falou que ia colocar Peron e eu gostei. Aí ela “então bora!”. Aí ficaram as duas como irmãs, Maya e Milla Peron.” Milla

“(...) eu lembro que teve um show da Adore [Delano] aqui e teve muita drag que nasceu nesse período, inclusive duas filhas que eu tive nesse dia. Uma delas não parou, oficialmente, de se montar e a outra parou mas de vez em quando se monta.” Nina

“A minha mãe drag já costurou pra mim. Tem isso entre as drag queens, de mãe drag. E eu tenho a minha mãe drag, que é Mahalla.” Vanda

“(...) minha mãe drag, que é a Safira (...)” America

“O nome Kelly vem... da minha mãe de drag que no caso é Eva Venenosa (...)” Kelly

“Eu já tenho três, quatro filhas drags. [...] A gente convive, tá sempre ali, de boa, se ajuda, tem uma relação de família, sabe? Em relação a drag e a amigos a gente se apoia.” Moon

“Assim, eu tenho [filhas]... é porque uma... a Safira é a única que se monta. Mas eu já tive outras que pararam, assim...então eu não sei se vai contar, mas foram três, com Safira quatro.” Cassia

“Eu saía ali batendo cabelo. Botava um megahairzinho, entendeu? Ali não era drag, era só eu querendo me divertir. Só que assim, depois eu conheci a minha família drag, entendeu? E foi quando, digamos assim, foi quando eu vi que eu podia fazer alguma coisa com isso, tá entendendo? [...] E eu tive a sorte de ter uma família drag que me apoiava. Eu não tinha sapato, não tinha vestido, não tinha cabelo, tudo o que me foi dado naquele momento foi como presente.” Zizara

- **Drag como pertencimento a um grupo**

Outra motivação encontrada para o “nascimento” de uma drag queen é o desejo de fazer parte de um grupo. Jones (2005) apresenta o conceito de filiação social, em que as pessoas se vestem de modo a pertencerem a um grupo. A drag queen passa a ser associada ao grupo das drag queens através de suas relações de consumo e se sentem pertencentes àquela tribo.

Além disso pode-se identificar nos discursos o momento da montagem com as outras drags como parte de um ritual, um momento de interação, diversão e troca de experiências práticas e de vida.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“(...) marco com as amigas para sair todo mundo montado, as vezes a gente pensa ideias juntas, vamo todo mundo de bandido, sabe?” Alexia

“Eu acho que também pra... porque como ele [Alexia Tarantino] também já fazia drag antes de eu conhecê-lo, e eu comecei o canal [DragR] com ele, então a gente convivia muito com drag, então meio que pra me incluir também.” Margareth

“Porque drag também é muito uma coisa de colaboração. Tem uma expressão que é “it takes a village” quando você faz drag porque o cabelo é feito por amigos que gosta de cabelo e você quer dar uma força também e faz. Ou então você mesmo faz o cabelo mas tá sempre pedindo dica pra amigos. (...) É muito interessante porque Norman é uma das minhas melhores amigas, a gente se monta junto o tempo todo (...) Então essas inspirações vem muito do visual mas também vem muito da experiência afetiva e social que eu tenho com minhas amigas.” Dahlia

“(...) as vezes ela faz uma roupa e eu falo “poxa, amiga, essa roupa ficou legal, vou fazer”, então eu acho que até em nosso trio, tipo, eu, Charlotte e a Dercy, a gente se inspira muito entre si, nós três mesmo.” Tory

“Uma das coisas que eu acho que o nosso trio faz, que a gente nunca iria fazer, é andar na rua, gritando, berrando.” Charlotte

“Porque a gente tem uma casa bem grande, a gente tem a Maison Poison, que é um grupo de drags, e a gente também tem muitas amigas que se montam.” Milla

“Mas, assim, minha inspiração foi meio que, tipo, eu vi que eles saíram montados e sobreviveram, então eu vou agora. Foi meio que exigência deles.” Nina

“Eu assistia RuPaul, como a maioria das drags da nova geração, aí eu fiquei com muita vontade de me montar, porque eu via as bichas lá se montando e tal, e eu tinha algumas amigas drags, aí eu pedi para uma delas me montar, ela me montou, eu gostei e fiquei me montando.” Vanda

“A vontade surgiu quando eu ia pro ensaio de um grupo de dança numa escola que tinha, que era como se fosse aqueles projetos. Aí os meus amigos sempre ficava falando “boate, boate, MKB, não sei o que” eu disse... aí quando eu tinha uns 14 anos, 15 anos, eu disse, “oxente boate, o que que é isso?” Aí eu peguei e chamei o meu amigo pra vir comigo, aí eu disse “a gente precisa conhecer essa boate”, aí ele disse “tá bom”, aí quando eu fui foi que eu vi aquele show de drag na minha vida, o palco, aí tinha lá até uma drag gordinha, aí eu fiquei olhando e vi ela fazendo o show e tal, aí eu fiquei encantado com aquilo, né, aí vi um bocado de drag montada, aí eu disse “será que isso presta? Vamos fazer um dia”. Kelly

“Um dia eu ia pra festa, as bichas tavam se montando e eu perguntei se dava tempo de eu chegar... aí eu peguei minhas coisas, peguei o moto táxi e me montei.” Moon

“(...) ah, a gente vai fazer um look, aí começa as amigas a andar junto, a montar look junto, começa a andar junto, fazer os looks juntas. E isso vai criando uma.. .uma união que é como se satisfizesse outros rolês sabe?” Chloe

“Só que, a gente enquanto grupo, por exemplo, somos três pessoas totalmente diferentes.” Ruby

“Eu acho que isso surgiu mais em 2015, quando a gente resolveu, depois da segunda festa, juntar os três e fazer o grupo. [...] Antes eu me montava só pra sair. Na verdade eu saía acompanhando, principalmente, Ruby. Quando ele fazia show eu ia montado também. Eu saía mais pra acompanhar ele e, enfim, me divertir também.” Emily

“Eu estava em um grupo de amigos, a gente tinha organizado uma festa, todo mundo queria se divertir, e eu vi a oportunidade de começar. Já conhecia a Ruby, que já fazia, já tinha a personagem dela, então foi mais fácil de ter uma direção. [...] Aí eu apresentei pra Ruby e ela gostou, então a gente se juntou e exatamente um ano depois a gente tava começando o Trio Nox, e foi quando eu me montei de novo.” Diesel

- **Diferenciação em meio ao grupo**

Outro fator presente nas entrevistas é o ato de se montar para se diferenciar em meio ao ambiente. Os indivíduos percebem que, nos ambientes, quando estão fora da sua personagem, recebem menos destaque e atenção das pessoas ao redor. Cabe aqui um paralelo com as teorias de status social do sociólogo americano Thorstein Veblen, onde se consome a fim de impressionar o resto da sociedade através da manifestação de seu poder social e prestígio, seja real ou percebido.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Meu objetivo é aquela sensação do poder que uma drag queen tem.” Vicky

“Porque, quando eu comecei a sair com o pessoal, as bichas já andavam tudo de salto. Foi em uma época aqui em Recife que os viados estavam todos andando de salto, dando close de garota. Aí eu fiz “eu não, só vou ser mais um viadinho dando close de garota, eu vou me montar, vou de drag!” (...) [...] A gente fez uma viagem para São Paulo, para a Parada de lá, e a gente foi para a The Week lá, e é bem padrãozinho lá, aqueles homens bem... e eu ia de boy²⁰, bem pintoso, nem aí, só pra curtir, pra dançar mesmo e eles nem aí, eu era só mais um viadinho na boate... e em um dos dias que eu fui montado, o jogo vira. Tudo muda. Eles chegam pra falar, eles vem elogiar, pedem pra tirar foto, vem oferecer incentivos, vem tudo.

²⁰ “De boy”: sem a montagem, “eu” cotidiano; mesmo que “out”.

Tudo. Eles se abrem. Quando é o viado não, com a drag sim, o boy não. Na cena em si, na cena gay em si. É uma coisa que se aplica, tipo, rixa de viados, assim, e com a drag não, com a drag o pessoal é muito mais receptivo, é mais legal, são muito mais abertos à drag. Tira o bloqueio que existe na cena LGBT.” Milla

“Então, tipo, eu, na noite, de boy, eu sou só mais um viado de calça comprida.” Nina

“(…) que eu ia quebrar padrões, então eu queria ser diferente, eu não queria ser apenas mais uma (…) [...] (…) então sempre desejei ser uma drag mais colorida, ser uma drag mais diferente, eu não queria ser padrão todo mundo, não queria ser aquela drag que usa uma sombra, um batom, e uma peruca. [...] (…) então eu sempre desejei ser a diferença, eu sempre falei a minhas amigas que eu não queria ser igual a todo mundo, se todo mundo usasse a peruca preta eu queria usar a amarela, eu não queria ser igual, então eu acho que o que me ajudou a caracterizar mais meu personagem foi isso, foi a mudança de não querer ser igual a todas as pessoas, as drags por aí, eu sempre quis ser a drag mais colorida, mais chamativa. (...) me montar se realmente for assim, de fazer a diferença, de mudar do boy pra Kelly, pro povo saber realmente que aquilo ali eu to montada, que eu sou a drag, que eu sou a diferença, que eu não sou igual a qualquer um.” Kelly

“Até quando eu saio desmontado na noite, as vezes eu não me sinto muito bem, porque eu não recebo a mesma atenção que a Chloe recebe quando sai, sabe?” Chloe

“Zizara é aquela vontade de toda pessoa de estar no centro das atenções.” Zizara

6.2.4 A drag queen e o contexto pessoal

Após o “nascimento” da drag queen e a exposição em situações de convívios sociais em ambientes públicos, com papéis de destaques, protagonismos, interações sociais, percepções e reflexões pessoais em que os sujeitos, enquanto homens “de boy”, não vivenciavam, é possível notar nos discursos uma forte transformação pessoal causada pelas experiências sensoriais e psicológicas enquanto drag queen. Dentre as relações podemos citar:

- **Autoconhecimento e evolução pessoal**

Nos discursos coletados nas entrevistas, os sujeitos relatam que passaram a se conhecer e a se perceber melhor depois de se tornar uma drag queen. Além disso, também podemos perceber um empenho em aprender novas técnicas – seja de costura, maquiagem, performance –, ou evoluir as já adquiridas, para uma evolução do seu personagem, o que ocasiona também em uma evolução pessoal.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Eu precisei começar a não ser eu pra começar a ser eu realmente. (...) Dahlia representa tudo o que eu tinha medo de encarar e a tudo que eu sou grato hoje em dia, em termos de identidade. Eu comecei a pensar mais em mim mesmo, sobre quem eu sou, a partir de Dahlia e eu já pensava em mim mesmo e na minha identidade antes mesmo de Dahlia mas eu tive muito mais liberdade, eu me senti muito mais livre de expressar isso através de Dahlia.” Dahlia

“Eu digo que eu sou uma pessoa transformada, eu sou uma pessoa diferente.” Tory

“Ela representa a minha autoestima, ela me fortalece, eu acho que posso dizer que ela representa a minha família, porque eu tenho uma família que me apoia no que eu faço... foi difícil até eu conseguir esse apoio, né, mas tipo, a gente vai dando passos devagar e vai conquistando tudinho direitinho. Ela me fortalece muito, muito mesmo.” Charlotte

“Inclusive eu aprendi a maquiagem treinando em mim mesmo, por causa da drag. Eu não sabia nada, nível zero de maquiagem mesmo, noção nenhuma. E ainda sou daltônico para completar. Aí o nível era zero de maquiagem e hoje em dia é topzeira. [...] Graças à Milla eu pude chegar a locais. Como eu disse, tudo se abre. Então, graças à ela, eu consegui chegar a eventos massa, eu conheci os donos dos eventos, sentar na mesa e jantar com os donos e não sei o quê. Tudo melhora com o personagem. Quando você é só a pessoa desmontada você acha que não seria, tá entendendo? A influência é maior, a drag ajuda muito.” Milla

“Hoje em dia eu já aprendi muito, tipo, nesses três anos eu aprendi e trouxe muito dela pra mim também... por isso que hoje é tão parecido... é tão diferente e, ao mesmo tempo, é tão parecido. Porque eu também pego muita coisa que eu aprendo com ela, pela vivência dela, entendeu?” Nina

“Olha, eu acho até que a minha drag despertou em mim uma vontade de me atualizar mais. [...] Eu cresci muito com a minha drag, como eu te falei, a minha drag me tirou da minha zona de conforto para pesquisar mais, pra buscar mais, tá ligado? Referências, conteúdo para a minha drag... eu não podia ser uma pessoa vazia.” Vanda

“Então eu aprendi bastante coisa com a drag, e mudou bastante coisas que eu não conhecia, tipo pensamentos que eu tinha, mudou bastante.” America

“E também ainda não desisti porque ainda tenho alguns sonhos ainda para realizar com o meu personagem, então, por isso que eu ainda não desisti, porque eu acho que se não tivesse meu reconhecimento, se eu não acreditasse no meu potencial e no meu trabalho, e se eu ainda não tivesse esses sonhos para realizar, acho que eu já não estaria aqui hoje (...) [...] Ela representa força de vontade, garra, determinação, e ela me faz acreditar que a gente pode ir mais ao longe, é, não impota o que as pessoas dizem, crítica sempre vai existir, mas se a gente for ligar para o que as pessoas falam e gente nem vive, então ela me fez acreditar e chegar em lugares que eu não pensava que eu iria chegar. [...] Existe, porque antigamente quando eu não era drag e tal, eu era muito banda voou, não ligava pra nada, é, eu não ligava para ter meus objetivos, eu não ligava para conquistar o que eu queria na

vida, eu só queria saber de sair, de me divertir, de passar noites e noites fora, na rua, brincando, me divertindo, sem querer saber de tempo, de nada, de realidade nenhuma, então assim quando eu comecei a me montar, no começo não, mas depois eu fui vendo realmente que pra gente conquistar as coisas tem que primeiro planejar, ralar, como se diz o ditado, construir, tudo aquilo, pra depois a gente obter o sucesso, né. Não é do nada que a gente vai dizer “eu quero isso” e pronto, então quando eu comecei a ser drag eu comecei a planejar as minhas coisas, a organizar tudo que eu queria, a conquistar tudo que eu quis, comecei a arquitetar melhor as coisas, e ela me ajudou muito, mas que tudo que eu queria eu pensava na minha drag e pensava em mim, então eu comecei a me organizar e então eu obtia o que eu queria. Então ela me ajudou muito em questão disso, de mudança de vida, do que eu era antes e do que eu sou hoje, da cabeça que eu tinha antes, hoje eu tenho uma cabeça muito melhor, centrada, então a drag me ajudou muito, muito mesmo, só tenho só a agradecer todo esse tempo que eu me monto (...)” Kelly

“(...) não é a mesma coisa do começo, “vou me montar pra conseguir ser quem eu sou”. Acaba que hoje em dia eu já sei quem eu sou.” Cassia

“Aí o objetivo era me dedicar a Chloe, a fazer aulas de dança, fazer aula de canto, sabe? Aprender a costurar, a fazer várias coisas que eu nunca imaginei que eu fosse fazer... pra poder manter ela. Acho que é isso [...] Tanto ela me ensinou muita coisa, como, o mundo mudou muito né? A gente... a cabeça muda....” Chloe

“Assim, quando eu era mais novo a minha avó me botava pra fazer fuxico. Aí eu comecei a costurar quando eu era pequeno. Mas, tipo, eu não fazia roupa. Hoje já faço a maioria dos figurinos, já posso me considerar uma costureira. Não das melhores mas uma costureira. [...] Então a Ruby ajudou muito nessa parte, de entender, de me entender enquanto pessoa, qual o meu gênero, qual a minha sexualidade. Isso foi muito depois que Ruby veio. [...] O processo de construção de personalidade de drag ajudou a me entender também enquanto pessoa.” Ruby

“Hoje em dia, eu tô começando a ser mais exigente, sabe? Tipo, com a minha imagem, a imagem de Emily, tipo, em relação a maquiagem eu tentei melhorar de um tempo pra cá... eu tenho tentado melhorar a imagem da drag. Antes eu achava que eu era um pouco mais relaxado, hoje eu tento sair mais arrumado, entende? [...] Pra mim... acho que foi uma evolução. Ela me ajudou a evoluir mentalmente, em ideias. Acho que é basicamente isso, o mais forte é isso. Emily me fez perceber que eu não preciso ser tão como a minha família achava que eu deveria ser, me importar com o que vestir... é. Acho que isso.” Emily

“Então, ultimamente, que eu tô conseguindo melhorar, que eu acho que tô evoluindo um pouco mais, eu tô me sentindo mais a vontade pra me mostrar mesmo. [...] Eu não costurava antes, aprendi por causa da drag.” Diesel

“De verdade... vamos lá... eu acho que o meu maior objetivo como Zizara é provar pra mim mesmo que eu consigo fazer tudo o que eu quero. Independente do que for. [...] Mudou a forma que eu via o mundo, a forma que eu via as pessoas, a forma que eu me via, que eu me enxergava, mudou o meu relacionamento com o mundo, com as pessoas e com minha família. Mudou. Uma palavra que também define Zizara é mudança. Porque, de novo, seria um tanto tolo, de mim e de qualquer pessoa que faz drag, dizer que não houve nenhuma mudança. Há mudança.” Zizara

- **Desconstrução e empatia**

Como uma personagem que faz parte de uma cultura marginalizada, a drag queen, no papel de destaque em seus locais de existência, entra em contato com sujeitos diversos, de tipos e vivências diversas. Esse contato com diferentes realidades que, antes da drag, nem sempre era acessível aos sujeitos, acaba desconstruindo conceitos – incluindo conceitos sobre identidades de gênero e sexualidades – antes não compreendidos e aflorando um sentimento maior de empatia pelo próximo.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Foi a partir de um momento ruim que eu pude rever muitas coisas sobre militância, sobre empoderamento, sobre tudo isso, então ela, pra mim, representa esse novo tempo meu, sabe? Porque foi a partir dela que realmente eu pude enxergar e passar por situações, me colocar pra passar por situações que me fizeram refletir muito mais e ter a empatia, né, com várias dificuldades. Inclusive, tipo, toda essa ideia sobre corpo e sobre feminino e masculino partiu, com certeza, da drag.” Safira

“Muda em tudo, porque, tipo, lá atrás a gente tem uma cabeça muito fechada, a gente tá se montando, a gente começa a se montar, mas a gente tem uma cabeça muito fechada. Antigamente eu poderia estar aqui mas eu poderia estar te julgando. Hoje em dia não, eu tenho um pensamento mais de “não vamos julgar aquela pessoa não porque eu também sou julgada, não vamos apontar o dedo, vamos ver a dedicação daquela pessoa”. Então tudo isso, sabe?” Tory

“Eu estou me desconstruindo e desconstruindo as pessoas ao meu redor. [...] (...) uma desconstrução, não só na minha vida, mas na vida das pessoas ao meu redor.” Dita

“(...) desconstrução, sabe? Eu tinha uma cabeça muito fechada antes de fazer drag. [...] Mas foi me dando mais força, mais força para me desconstruir, pra, tipo, não ter preconceitos, tá ligado? Porque, tipo, eu faço drag queen, que é uma das figuras mais marginalizadas da sociedade, sabe? Então eu vou ter preconceito com o quê? Eu vou criticar quem? Se todo mundo já me critica? Eu já sou marginalizada.” Vanda

“Uma festa de hetero que vai ter agora sábado, cancelei, não vou, porque não tô na vibe de animar, sabe? Assim também, depois que, a ... depois, assim, né... a gente chama de antes e depois... tinha um rolê de antes tipo engraçado, e agora o rolê é tudo muito problemático. Então, quando a sua cabeça também tá dentro disso, você não quer ficar sendo palhaço dos outros, sabe? Então eu não consigo também ver a Chloe mais fazendo uma graça, nas festas de outras pessoas, pra ser a palhaça da noite, sabe? (...) Antes eu não pensava assim, agora eu penso assim [...] Talvez a forma de olhar outras pessoas, e outras vivências também, sabe? Preconceitos que também existiam e foram quebrados...por aí. Crescimento..” Chloe

“Aí, fazer drag me abriu outras portas, de desconstrução de várias questões, principalmente de gênero, sexualidade... Ruby me ajudou muito nessas situações. Hoje eu sou muito mais tranquilo, busco entender mais as questões que estão em volta da comunidade LGBT, por conta de Ruby.” Ruby

“Assim, eu me vestia bem diferente antes de Emily, eu nunca usei short curto, por exemplo. Depois que eu comecei a fazer drag, eu me senti tranquilo em usar short curto. Até pelo curso, pela família também, que nunca colaborou muito. Mas depois disso eu comecei a mudar o meu guarda-roupa, comecei a usar coisinhas de mulher também, por exemplo, blusa, essas coisas.” Emily

“Assim, pra gente que tem uma estética diferente, da drag barbiezinha aqui de Recife, que tá de peruca loura, de lente azul, é um pouco diferente, porque pra você alcançar o público você tem que ser 10 vezes mais engraçada, tem que ser 10 vezes mais simpática, ou ninguém vai nem olhar. Até pouco tempo atrás eu não conseguia desenvolver também isso, eu meio que quando as pessoas me olhavam diferente eu me bloqueava, mas agora eu tô aprendendo a quanto mais olhares diferentes eu recebo, ah, “aquela bicha ali, gorda”, aí que eu me sinto mais a vontade pra chegar ali e mostrar que eu sou engraçada, que eu performo bem. Isso me dá gás pra fazer. É isso.” Diesel

“Eu levo muito também a empatia, porque a gente vê muita gente solitária aqui em Recife, você não tem ideia. Gente solitária que precisa só de uma forcinha, sabe? Pra ajudar e trabalhar esses problemas.” Zizara

- **Relações com a comunidade LGBTQ**

Por seu papel de social e cultural dentro da cena LGBTQ, as drag queens também desenvolvem diferentes relações com os outros sujeitos pertencentes ao grupo.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Assim, em relação a gênero, expressão de gênero, sexualidade, expressão de sexualidade e crenças, valores, tudo foi expandindo bastante e melhorando muito por causa de drag e por causa de tudo o que rodeia drag, a cena daqui. Eu conheci pessoas trans, eu conheci outras drags, conheci pessoas que eu teria ou medo ou preconceito de entrar em contato com, quando eu não me montava, sabe? E no fundo da cabeça era o tipo de pessoa que eu admirava mas, por algum motivo, eu não me sentia confortável, podia ser muito preconceito velado e dentro de mim, porque preconceito é uma coisa estrutural, e uma coisa foi levando a outra, eu diria.” Dahlia

“É uma coisa que me desconstruiu muito foi a minha visão sobre as pessoas trans, femininas e masculinas, porque eu não tinha nenhuma vivência, não conhecia ninguém, e acabei conhecendo pessoas trans, travestis, homens trans, e eu acabei conhecendo mais, sabendo como era a vivência deles, o que se passava, o que acontecia e eu acabei conhecendo mais e desconstruindo aquela visão deturpada que a sociedade tem.” Dita

“Questão tanto do mundo drag como do mundo LGBTQ, como trans, as travestis... eu fiz bastante amizade com elas e conheci o mundo delas. Então são pessoas que, infelizmente, são muito discriminadas, hoje em dia no Brasil... no mundo né? E eu conheci bastante, porque tipo, eu só via aquela coisa básica, como todo mundo vê, “ah, é um homem querendo ser uma mulher”, e não é bem assim, entendeu?” America

“Aí, fazer drag me abriu outras portas, de desconstrução de várias questões, principalmente de gênero, sexualidade... Ruby me ajudou muito nessas situações. Hoje eu sou muito mais tranquilo, busco entender mais as questões que estão em volta da comunidade LGBT, por conta de Ruby. A questão da militância, por exemplo, foi mais pela questão da universidade, tipo, eu era do diretório acadêmico. Lá a gente tinha um trabalho, tanto da militância LGBT, quanto outros pontos políticos, sociais, etc. Então a Ruby ajudou muito nessa parte, de entender, de me entender enquanto pessoa, qual o meu gênero, qual a minha sexualidade. Isso foi muito depois que Ruby veio.” Ruby

- **Percepção étnica**

Outro discurso – não recorrente mas considerado relevante para a pesquisa – foi o fato da percepção étnica do sujeito. Apesar de presente em apenas um dos discursos, a fala da drag queen Dahlia Mayfair nos faz compreender melhor a relação de percepção e aceitação de sua etnia com base em sua experiência com o consumo de maquiagens – situação em que muitos homens não vivenciam pela falta de relação de consumo e uso dos produtos –, situação que o sujeito descreve um problema encontrado no mercado pelas drag queens negras.

O texto abaixo foi retirado das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Também outro ponto grande é a minha aceitação enquanto humano, enquanto negro, enquanto bicha, enquanto afeminado, enquanto x, y e z, que eu não tinha consciência de que eu era, e pior, ativamente eu não queria ser. O embranquecimento que eu sofri e que eu fazia comigo mesmo era muito intenso e eu só fui perceber isso quando eu comecei a entrar em contato com pessoas que viviam a vida deles autenticamente. (...) Dahlia não tem vergonha de ser negra o tempo todo, eu gosto de falar disso, eu uso o meu cabelo, eu posso não usar peruca eventualmente, gosto de realçar as minhas cores, eu sei que tem drags por aí que são negras e se embranquecem, infelizmente. Em parte, porque querem, em parte porque se sentem pressionadas a fazer isso, e em parte tem muita relação ao consumo do mercado de maquiagem acessível que não vende, não tem uma variedade de cores tão grande. Aí umas se sentem forçadas, o financeiro só permite que elas comprem um tom que deixe elas cinza, por exemplo, porque eles são feitos para pessoas brancas ou que tem undertones rosados na pele, sabe? Não tem um mercado tão grande ainda. Tem marcas como Natura, como Avon que tão abrindo pra isso mas ainda não são tão acessíveis para as pessoas” Dahlia

- **Aprimoramento da autoconfiança e comunicação**

Outra área em que podemos perceber uma evolução pessoal do indivíduo que se monta é em relação à autoconfiança e as habilidades de se comunicar. O fato dos sujeitos estarem protegidos atrás de uma montagem traz a segurança de fazer e falar o que quiserem. Como o êxito é obtido enquanto montados, os sujeitos adquirem maior confiança e isso se reflete em seus eus reais, fora de drag.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Aí depois de um tempo fazendo Marga o que ela fazia virou o que eu fazia, tipo, eu me expressava muito mais fazendo Marga e eu passei a me expressar muito mais sem fazer. (...) Eu acho que eu me tornei alguém mais comunicativo.” Margareth

“Tipo, você ser mais desenvolta, você chegar num palco, tipo, eu acho que antigamente, há alguns anos atrás, eu me apresentava também, já fui fazer show artístico, normal, eu de boy e, sei lá, acho que eu não me sentia 100% completo em um palco. Mas hoje em dia eu acho que me sinto mais completo em drag. Então eu acho que muda isso, eu acho que a minha desenvoltura em palco, você saber comandar o palco e você saber conversar com as pessoas, e você estar em uma porta e ser comunicativo com as pessoas, isso tudo a drag ajuda muito. Aí vai ajudando um pouquinho no out²¹ e a gente vai desenvolvendo.” Tory

“Quando eu comecei a fazer drag eu fiquei mais solto, assim, pra falar com as pessoas, mais solto na minha personalidade, não ficava tão retraído, não ficava tão parado nos cantos.” Dita

“Aí eu me sinto mais confiante, sabe? [...] E aí, ao longo das montações, ao longo da carreira drag, eu desenvolvi mais uma confiança. Então hoje eu já tenho mais. Tipo, “foda-se, tô bonita”. Aí antes eu era mais insegura e, ao longo da drag, ela foi ficando mais segura de si.” Vanda

“Acho que eu só era mais perdida, não conhecia todo mundo, não conhecia todos os lugares. Eu ficava mais na beirada, mais catando as coisas, como funcionavam. Hoje em dia eu já sei e já ajudo outras pessoas. [...] Pra botar aquilo pra fora, a gente se expressa mais, se joga mais. Joga, na montagem, algo que, de certa forma, você tá sentindo. É algo pessoal, vai de pessoa. No meu caso, tipo, como bom virginiano eu sou muito, tipo, sentimental, muito voltado pra mim, sabe? Eu não sou muito de me abrir... aí a drag ajuda com isso, traz muita coisa pra fora. Mesmo que você não queira. Nem que seja um traço de personalidade no seu visual, sabe? Ou na forma que você se expressa, ou até em um set que você constrói.” Moon

“Querendo ou não eu fui conhecendo mais gente, ganhando mais experiência em me comunicar com as pessoas, e isso me fez deixar de ser um pouco tímido... ela me ajudou bastante nisso, também me comunicar melhor, saber lidar um pouco mais

²¹ “Out”: sem a montagem, “eu” cotidiano; mesmo que “de boy”.

com as pessoas [...] (...) de eu acabar tendo mais confiança de conversar com as pessoas, ter mais confiança em entrar em determinado espaço que eu não entraria porque eu tenho vergonha, de ter mais confiança de me expressar, de vestir coisas que eu teria um pouco mais de vergonha de vestir, acabo dando um passo a mais.”
Cassia

- **Aceitação do corpo**

Alguns dos entrevistados relatam que passam por um processo de conhecimento e aceitação do próprio corpo, principalmente no que diz respeito ao corpo fora dos padrões impostos pela sociedade como o corpo ideal.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Eu não me olhava 100% no espelho. Eu não parava pra me olhar mesmo. Mas quando eu comecei a fazer Dhalia eu tive que ver, eu tive que prestar atenção no meu côncavo pra ver se ele tá esfumado direitinho, mas quando eu via meu côncavo, eu via meus olhos e pensava “poxa, meu olho é até bonito, eu gosto da cor dos meus olhos”. E aí, eventualmente, eu fui começando a apreciar mais meu corpo pelo que ele é.” Dahlia

“Eu adoro usar body, até porque, por muito tempo, e até então, eu acho que é a questão do empoderamento sobre o seu corpo, sobre ter orgulho de quem você é sendo de formas diferentes... é básico, e assim, body consegue mostrar o meu corpo, é uma coisa que eu me sinto bem, e mesmo que haja pessoas que vão tirar onda porque marca uma gordura, porque não sei o quê, eu acho que é uma roupa importante, uma forma de se vestir importante, para eu me colocar contra isso.”
Safira

“No começo foi bem trabalhoso trabalhar com o meu corpo, porque, como eu sou um pouco magro, a gente fazia um vestido e ficava super apertado. (...) então no começo foi bastante difícil trabalhar com meu corpo, até conhecer medidas, essas coisas.” America

“(...) aí foi quando aí que eu falei que eu também queria aquilo pra mim, também poderia exercer aquilo independente do que eu fosse, independente do meu tamanho ou do meu tipo de peso, tal, e que eu ia quebrar padrões, então eu queria ser diferente, eu não queria ser apenas mais uma, porque querendo ou não magrinha, drag magrinha, como se diz, top drag, essas bixas sempre teve, mas é muito difícil existir uma drag, uma drag plus size no movimento, aí eu disse que eu ia brigar por isso (...)” Kelly

“Me deu muito mais segurança pra explorar o meu visual e o meu corpo (...)”
Moon

“Eu acho que é a minha forma de se expressar, e a minha forma de lutar contra outros preconceitos e contra outras coisas que acercam, sabe? Acercam... quando era mais gorda, a gordofobia (...)” Chloe

“Muito brilho, mais cor, tento misturar muita coisa, porque eu acho que funciona pra mim, pelo meu tamanho, e tal.” Diesel

“Porque eu gosto de levar esse lado do que funciona para um corpo gordo e o que não funciona para um corpo gordo.” Zizara

- **Drag como terapia**

Alguns depoimentos relatam a performividade drag como uma forma de terapia, uma válvula de escape, uma forma de fugir dos problemas do cotidiano.

Na atividade artística, o conhecimento da realidade está contido na experiência do sujeito que transforma, através da sua imaginação, um elemento da realidade num novo objeto que, até então, não constituía a realidade. A partir da atividade artística surge um elemento que é ‘criação sobre o mundo real’ e que configura-se como uma forma de ‘apropriação artística’ do mundo (DE CASTRO; DE MELO SILVA, 2002).

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Então é basicamente isso que ela representa. Uma maneira de escapar coisas que eu... é uma válvula de escape (...)” Dahlia

“Então, eu tava passando por um processo... tava num processo de tratamento de depressão (...) A personagem, como ela partiu de um momento que eu tava muito mal, a perspectiva era exatamente trazer o oposto disso, sabe? (...) Foi sair de uma fase que eu me sentia muito mal, uma exclusão, eu me sentia sozinho, pra uma fase que eu tava bem, eu tava feliz, e eu queria também contagiar as pessoas.” Safira

“Aí o que me salvou, de todo o fato de não ter entrado em depressão, depois de toda aquela pressão pós ensino médio foi ter feito drag.” Dita

“Milla é uma válvula de escape... é algo que liberta. Ah, ela é a minha esposa, minha mulher, ela é tudo, ela me completa em vários aspectos, ela me preenche em muitas coisas. Ela é... ela é a minha alegria!” Milla

“(...) até porque a minha montagem é uma terapia, sabe? Eu, tipo... o dia a dia é tão chato, as vezes, sabe? [...] É, tipo, uma... terapia, um investimento, é um filho, é, tipo, tudo isso de uma vez só. É brincar de boneca. A gente vira a nossa própria Barbie.” Nina

“(...) um escape, porque, geralmente, quando eu tô mal, eu sempre me monto e saio pra festa e me ajuda bastante. [...] De um escape, tanto para minha questão emocional e psicológica...” America

“(...) então quando eu comecei a ser drag eu pensei muito nisso, e disse que nada iria me abalar, que eu ia lutar, lutar muito pelo que eu quero, então até hoje eu luto por ela, eu luto por mim, e assim a gente vai vivendo, uma coisa que a gente não pode é desistir, né, quando a gente pensa que está tudo triste sempre tem uma pessoinha que vai lá e diz “ai não desiste, eu gosto do seu personagem, eu amo a

Kelly, não faz isso, ela serve de inspiração, eu amo os seus textos, amo o que você posta”, então isso que vai dando força, né, pra continuar.” Kelly

“Aí, tipo, é como se fosse um hobby que me faz sair do mundo que eu tenho, e que me dá algo novo.” Cassia

“Assim, tipo, eu me sinto melhor quando eu tô de Emily, numa festa, por exemplo, do que de boy.” Emily

“Eu acho que eu criei Zizara como uma válvula de escape, entendeu?” Zizara

- **Drag como negócio**

Percebe-se uma forte relação entre as drag queens e a prestação de serviços, sejam eles performance, presença em algum evento ou a venda de roupas acessórios. Podemos classificar os negócios que envolvem a arte drag em duas categorias:

- Drag prosumer

O termo prosumer (producer + consumer) foi apresentado por Toffler (1980) como um perfil de consumidor pós-moderno que, além de consumir, produz seus bens. Os trechos selecionados ilustram essa relação com as duas drag queens proprietárias da empresa Bate Cabelo – especializada no comércio de perucas:

“E outra, divulgar a minha loja. Só.” Alexia

“Hoje em dia o meu objetivo é mostrar a peruca. É mostrar uma peruca que eu posso vender, porque como eu tenho uma loja de peruca [Bate Cabelo] então é uma forma de mostrar um modelo diferente, com um penteado diferente. (...) Eu não me monto se não for pra trabalhar.” Margareth

- Drag profissão

A grande maioria das drag queens encara a sua arte como profissão, atrelando suas performances e presença em eventos a ganhos financeiros.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Tipo, de drag é um outro rolê. Eu tô ali pelo personagem, pelo trabalho, então eu tenho que fazer toda essa questão de fazer as pessoas se sentirem bem com o meu trabalho, entreter (...) Assim, meio que, com a maturidade do trabalho, veio essa perspectiva de trabalho mesmo, sabe? Então talvez eu fique parecendo uma coisa, assim, mercenário mas a minha perspectiva de quando eu me monto é,

realmente, fazer um trabalho bem feito, agradar o outro e, obviamente, estar bem com aquilo. Então, assim, se eu for tocar, o meu objetivo vai ser fazer com que toda a pista se movimente, se entreta com aquilo. Se eu for ser hostess e for conversar com a galera, eu quero que a pessoa se sinta bem em conversar e brincar, se entreter realmente. Então eu acho que o meu objetivo como drag é fazer o meu trabalho bem feito.” Safira

“Focada em ter responsabilidade quando eu for trabalhar, tipo, quando eu for fazer um show, um dia antes... um dia antes não, um mês antes eu tenho que preparar figurino, saber a peruca que eu vou usar, saber a música que eu vou performar, ter o lipsync da música pronto nos lábios, é, deixa eu ver, toda a esquematização para o dia, entendeu?” Tory

“Eu comecei a tocar antes de fazer drag. Eu já tocava fazia um ano... aí quando eu comecei a fazer drag, me chamaram uma vez pra tocar em drag e depois nunca mais me contrataram pra tocar em out, só em drag. [...] Geralmente é para trabalhar. Como eu te falei, eu sou muito preguiçoso. Eu gosto de me montar só pra sair também, acontece, mas é bem raro. Que sempre quando eu chego na hora, eu desisto. Aí quando tem um trabalho, isso me incentiva, tá ligado?” Vanda

“A minha fonte de renda atualmente é mesmo o ramo de drag queen mesmo..” Kelly

“Aí quando eu comecei a tocar valendo, levar a sério e tentar investir nisso... aí o intuito era, ou ir pra festa montada, tipo, estar ali brincando, aproveitar também mas fazer negócios de certa forma, sabe? Tipo, networking, conhecer pessoas, trocar uma ideia com um produtor, essas coisas. Aí eu centralizei mesmo em um timing profissional.” Moon

“Só saio ultimamente quando me contratam. Eu me cansei de estar gastando dinheiro.” Cassia

“É, hoje em dia vai além do se divertir, vai em relação a ganhar grana e... e trabalhar com ela.” Chloe

“Hoje em dia eu faço mais shows, então a maior parte do dinheiro que eu recebo ou eu invisto ou eu me sustento com o dinheiro que eu ganho. [...] Eu não me monto se não tiver um show pra fazer. Hoje em dia eu só me monto se for pra trabalhar.” Ruby

“Hoje em dia é bem difícil eu sair montado quando não é pra trabalhar.” Emily

“Assim, como os meninos, a gente se monta mais quando tem algum compromisso com a Mega Foco, quando tem algum trabalho, mas... acho que é esse mesmo. Mais profissional. [...] Mas o foco é esse, ou trabalhar, ou me divulgar.” Diesel

“Porque antes, assim, era só uma forma de diversão e depois dessa quebra, digamos assim, foi que eu comecei a ver como, além de uma forma de expressar alguma coisa, foi quando eu vi que era um trabalho. E é dessa forma que eu encaro. Porque, querendo ou não, existe todo um mundo do entretenimento por trás. [...] Querendo ou não, é um trabalho, entendeu.” Zizara

- **Formas de se expressar**

Além da performividade de gênero, a performance drag também carrega consigo outras formas do indivíduo se expressar. São elas:

- Drag como expressão artística

A performance drag é reconhecidamente uma performance artística. Através dela o indivíduo é capaz de performar, além da feminilidade, outras áreas como o canto, a dublagem, a interpretação, a dança e trabalhos de criação artesanal.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Eu vivi a vida correndo atrás de experiências visuais. Se eu me formei em artes visuais não foi por coincidência. Eu sempre me expressei muito melhor visualmente, eu sempre recebi mensagens melhor visualmente, eu sempre aprendi muito mais com exemplos. Literalmente, se você desenhar eu vou entender melhor. Quando alguém falava “você quer que eu desenhe?”, eu dizia “sim, por favor”. Eu me expresso melhor visualmente, então por que não trazer isso para a drag? (...) mas também é um lado meu que existe, é um lado artístico meu que eu expresso, é um lado meu que exige ser posto pra fora.” Dahlia

“(...) eu quero mostrar uma coisa diferente, artística!” Tory

“Não só uma personalidade feminina mas a personalidade artística ao todo. [...] Representa liberdade, com certeza, o que eu mais falo é a liberdade de me expressar, liberdade artística (...)” Dita

“Assim, eu sempre gostei de me expressar com arte, e na época do colégio eu sempre gostei de estar em eventos de dança, teatro, essas coisas. Então interferiu também, e me ajuda bastante na minha carreira drag, isso de música e teatro.” America

“(...) aí eu fico só com minha arte mesmo de bate cabelo e drag. [...] drag é a arte da transformação, porque é um menino que se transforma num palhaço de luxo, é uma transformação, você tem que mudar, se você não mudar você não é drag, não adiantou, então eu só gosto disso, da mudança (...)” Kelly

“Eu acho que as vezes traz coisas de dentro que é bom você botar pra fora, tipo, tem pessoas que tem necessidade de arte... e aí eu fazia teatro antes de começar a me montar, fiz dois anos e um poquinho, eu era de um grupo... depois o grupo encerrou. Aí eu fiquei pensando que eu tinha que fazer alguma coisa, tinha que botar pra fora. Aí eu comecei a fazer umas garrafinhas, umas colagens em umas garrafas e daqui a pouco eu tava virando drag.” Moon

“A intenção é sempre performar. Quanto mais espaço eu tiver pra performar, é melhor. Abrir show, ir pra palco, teatro, o diabo a quatro, assim, de performance, pra mim, é ótimo. Então eu sempre pensei... por isso que eu digo, eu comecei a contar que eu comecei a fazer drag a partir da primeira performance que eu fiz. Essa

é a minha intenção, performar. As outras coisas eu faço também porque eu gosto, porque eu me sinto bem. Mas a performance é o que me deixa extremamente feliz e satisfeito com a arte drag. Eu performo pra me sentir realizado.” Ruby

“Porque quando muitas pessoas olham a drag, eles conseguem enxergar apenas os símbolos femininos, e não é isso. Transcende o gênero e vai para a arte.” Zizara

- Drag como expressão de beleza: "o close"

A drag é uma forma de se embelezar. Os sujeitos entrevistados afirmam inclusive que alcançar uma estética agradável é um motivo pelo qual, algumas vezes, eles investem um valor mais alto que o cachê previsto para aquela montagem. Jones (2005) afirma que os adornos possibilitam enriquecer nossos atrativos físicos, expressão constantemente utilizada dentro o meio LGBTQ como “o close”.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Além de parecer bonita? (risos) O meu objetivo... esteticamente é parecer perfeita e parecer rica e bem sublime.” Vicky

“Vai comprando de lá, vai comprando de cá, vai usando de cá, usando de lá, com o objetivo de estar belíssimo.” Charlotte

“Beleza, close, bom humor, tá entendendo? [...] A primeira coisa que eu penso é “eu estou bonita pra caramba!”” Dita

“O close! Chegar e estar belíssima, maravilhosa!” Nina

“É que, tipo, quando eu tô me maquiando, quando eu termino a minha maquiagem e eu tô pronta, assim, eu me sinto muito linda. [...] Eu me monto porque eu gosto de estar bonita no look e porque eu gosto de me montar.” Vanda

“Os looks dela geralmente nunca tá confortável (risos). Dá duas horas da manhã e ela já tá “ai, meu Deus do céu, que coisa apertada!”, mas, para ser bonita, tem que sofrer um pouquinho (risos).” America

“Sei lá, eu acho que quando é para a drag eu não quero nem saber, eu acho que eu quero gastar e me sentir bem, e entrar bonita, não quero entrar feia, não quero entrar do jeito que eu não desejo, eu acho que quando eu penso que eu vou fazer um show eu quero entrar impecável do pé à cabeça (...)” Kelly

“Eu acho que toda drag, no início, gasta muito. Por gostar mesmo de se montar, pelo close, se sentir bem...” Ruby

- Drag como expressão de sensualidade

Além de se sentir bonita enquanto montados, os entrevistados também relatam que se sentem mais sexy. Jones (2005) afirma que as roupas podem ser usadas no

realçe de atrativos sexuais, além do papel tradicional da mulher como objeto sexual passivo colaborar para a associação da erotização com as roupas femininas. Culturalmente a sensualidade está relacionada ao feminino.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“(...) É uma abordagem mais sensual e sendo simpático. (...) enquanto eu tô me montando, enquanto eu tô me maquiando eu sinto a feminilidade entrando e você agindo de forma sensual (...)” Vicky

“Sim, eu me sinto [sexy]. Eu gosto!” Dahlia

“(...) então eu acho que, hoje, atualmente, ela tá muito nessa linha Versaciana, essa coisa muito sexy mas muito sofisticada.” Charlotte

“Algo muito colado que marque o corpo, muita perna de fora, é isso, coisa muito sexy.” Milla

“Não, eu sempre gosto de algo que tenha uma pegada sexy, né? Mais sexy e que não tenha cara de menino de roupa de menina, não. Mas é isso, uma coisa mais sexy mesmo.” Nina

“A minha drag é mais sexy que eu. Acho que essa é a maior diferença. (...) Eu acho que, na drag, a sensualidade aflora mais. Eu me sinto mais sexy em drag.” Vanda

“(...) e pernas de fora, sempre. Eu já me vesti de calça, já me vesti de vestido, e eu não me sinto bem. Me sinto bem com uma hot pant, sabe? Preta mesmo, não importa do pessoal ficar falando que eu uso a mesma hot pant preta... é que eu uso mesmo ela, e abuso mesmo. Eu tenho muito o que mostrar, querido (risos).” Chloe

“A minha percepção é mais de uma personagem feminina, que busca trazer mais a sexualidade, principalmente pelas minhas referências burlescas... eu acho que eu sempre tô super animada, tento conversar super com o povo, ser super simpático porque eu acho que é importante. Eu acho que é mais essa questão de simpatia com esse tom sexy. [...] Eu sempre quis fazer essa linha sexy, burlesca, lingerie, roupas pequenas, tirar a roupa, ficar nua. Sempre foi a intenção e é o que eu mais mantenho. Dificilmente eu vou mudar.” Ruby

“Ela é puta... eu acho que ela é sensual.” Emily

- Drag como expressão de humor

Dentre as performances realizadas em drag, a comédia é uma delas. Mas não somente no palco o humor é performado pelas drag queens. Por ser um personagem exagerado e caricato, as drag queens costumam utilizar do humor como forma de interagir com as outras pessoas, sendo muitas vezes comparadas a um palhaço tanto pelo visual exagerado quanto pelo humor presente em sua

personalidade, trazendo alegria para os ambientes. Além da interação através do humor as drag queens também se utilizam dos seus looks para transmitir mensagens engraçadas e divertidas.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“As pessoas dizem que eu sou engraçado! Eu sou bem engraçada (...) ela brinca bastante, ela transforma tudo em piada, na maioria das vezes quando a gente tá conversando sobre alguma coisa ela vai puxar alguma coisa e vai brincar com aquilo. Que eu acho que é uma característica grande de drag também, pelo menos as drags que estão comigo a gente sempre leva as coisas pro lado da brincadeira. Não que a gente não leve as coisas a sério mas a gente acha uma maneira de lidar com as coisas através do humor.” Dahlia

“De tempos em tempos eu saio com alguma coisa que seja bem comediante. Tipo, eu já me vesti de Cola Rato, eu já me vesti de Dora Aventureira, eu já me vesti de Pernambuco da Sorte e tal. São coisas que são nossas, que são do Recife, e é uma cultura própria que eu costumo colocar e o pessoal gosta muito, tipo, de vaca...” Safira

“(...) obviamente, é passar alegria para as pessoas, onde a gente tá... a gente já fez chá de lingerie, já fui pra esmalteria, as pessoas adoraram, foi bem divertido.” Tory

“De personalidade, eu acho ela muito alegre, acho muito gaiata também (...)” Charlotte

“Ah, tem que ter uma boca vermelha, um bocão vermelho e, rapaz, muito bom humor, viu. São as duas coisas indispensáveis. Uma boca vermelha, que eu adoro fazer, e muito bom humor, caricatisse.” Dita

“Mas o primeiro emprego que eu pensei, quando eu era criança, foi em ser palhaço (risos). E eu sou drag, né? Então dá no mesmo.” Moon

“Mas, pra fazer qualquer outra coisa assim a gente faz, uma comédia é muito engraçado, a gente preparar um texto... comédia é teatro, a gente prepara um texto... e vai até ali e faz, um stand up, ou o que for.” Chloe

“Na maioria das vezes eu tento imprimir um lado cômico, que é o que eu mais gosto de fazer. [...] A Diesel é uma palhaça de salto alto e leque na mão.” Diesel

“(...) eu acho maravilhoso só o fato de fazer alguma pessoa sorrir, entendeu? Só do fato de fazer uma pessoa sorrir ou de tirar o peso que aquela pessoa carrega de um dia todo, de uma semana toda, um mês todo, uma merda toda, entendeu? Só o fato de poder, pela arte da gente, pelo trabalho da gente, poder fazer “então, eu tenho 15 minutinhos pra te fazer sorrir, vamos tentar fazer isso?”, eu acho isso muito legal.” Zizara

- Drag como expressão de militância

Os entrevistados também relatam que utilizam a plataforma de destaque proporcionada pela sua drag queen para tratar de assuntos ligados à políticas sociais, na intenção de lutar contra os padrões estabelecidos e conscientizar/ chocar/ fazer refletir o público através de sua performance e discursos.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Muito performance de protesto, um pouco de político (...) Assim, eu comecei, o objetivo de fazer drag é meio que um foda-se a tudo que eu sentia que me oprimia. Hoje em dia tem isso mas é muito mais natural. Quando você bota um salto, quando você bota seus cílios, quando você sai na rua, você tá dando um foda-se pra quem lhe oprime.” Dahlia

“Eu adoro usar body, até porque, por muito tempo, e até então, eu acho que é a questão do empoderamento sobre o seu corpo, sobre ter orgulho de quem você é sendo de formas diferentes... é básico, e assim, body consegue mostrar o meu corpo, é uma coisa que eu me sinto bem, e mesmo que haja pessoas que vão tirar onda porque marca uma gordura, porque não sei o quê, eu acho que é uma roupa importante, uma forma de se vestir importante, para eu me colocar contra isso. (...) Eu acho que não existe a gente manter uma arte drag sem a gente se botar a questão política acima de tudo, entende? Então eu acho tanto de boy quanto de drag eu sou uma pessoa extremamente problematizadora, que eu vou chegar e vou estar questionando, e vou estar perguntando, mesmo que isso gere um conflito, sabe?” Safira

“Eu acho que o meu objetivo é a militância. A militância é muito importante na drag, eu tenho certeza que a militância é muito importante. Então, se a gente tá montada, isso já é uma militância. A gente botar uma peruca, colocar um salto, colocar uma roupa feminina, no olhar da sociedade, então isso já é uma militância muito grande. Então é isso, eu acho que o objetivo da drag é ter a militância, você saber o que você está fazendo, tipo, eu não preciso chegar aqui pra você e dizer “ah, eu sou um militante”, não. Só em me olhar você tá vendo, “poxa, aquele dali teve um esforço”, sabe? Então tudo isso é um objetivo, sabe? Então o meu objetivo como drag é isso, passar militância, militar” Tory

“Aonde eu puder estar militando... que eu acredito que a militância não deve ser na internet. A militância tem que ser na rua, tem que ser dentro de casa... a gente mostrar, realmente, que aquilo não é nada sobrenatural, é apenas a nossa personalidade.” Dita

“Eu acho que, tipo, uma drag é um ato político também, então você precisa ter conhecimento, você precisa saber o que você fala, saber se posicionar.” Vanda

“Essa questão política mesmo, de militar, e levar o trabalho da drag para outras pessoas.... [...] Eu conheci, aprendi bastante, questão de militância, questão de empoderamento, lutar pelos direitos.” America

“(...) e que eu ia quebrar padrões, então eu queria ser diferente, (...), aí eu disse que eu ia brigar por isso (...)” Kelly

“Eu acho que quebrar o que eu tenho, como ser masculino, e criar uma extravagância. É sair do padrão, sair do clichê. E também mostrar resistência, mostrar que eu posso me vestir como eu quero, que eu posso representar o que eu quero. E que eu posso me pintar como eu quero também [...] Já ela não, ela quebra tudo isso, ela quebra o preconceito, ela quebra os padrões, de estética, tanto visual de maquiagem, quanto em looks...então ela é muito sair da minha zona, não de conforto, a zona que a sociedade me impõe.” Cassia

“Eu acho que é a minha forma de se expressar, e a minha forma de lutar contra outros preconceitos e contra outras coisas que acercam, sabe? Acercam... quando era mais gorda, a gordofobia, acercam a bicha feminina, acercam todas essas coisas... foi a luta assim de botar a cara no sol e mostrar que a gente é melhor do que todos esses que estão falando... é basicamente isso.” Chloe

- **Drag como prazer pessoal**

Além dos tópicos já abordados, a performance drag tem para o sujeito o papel de proporcionar o prazer pessoal, fazer com que ele se divirta enquanto montado.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“O objetivo é me sentir bem interpretando aquela personagem.” Vicky

“Então, é, hoje em dia o que me motiva a sair é um dia querer sair pra me divertir e tal... (...) porque normalmente eu saio com o objetivo de me divertir, já é uma coisa que eu vou aberto a estar em outro estado de espírito. Vou pra me divertir, pra sair, pra brincar (...)” Alexia

“Agora na questão da gente, a gente mesmo, gritando entre nós, sendo felizes, de uma maneira... porque eu acho que drag é uma libertação espiritual, além de ser espiritual, é uma libertação, uma coisa que você se sente tão bem que você se liberta de uma maneira que não tem limite.” Charlotte

“O que me motiva é isso, saber que eu vou estar ali não só por dinheiro, mas porque realmente eu gosto de fazer aquilo, eu me sinto bem, me sinto feliz fazendo isso.” Dita

“Ah, é estar feliz, é esquecer... É levar alegria para o povo, é me divertir, divertir as pessoas, isso. Levar alegria, mostrar que drag queen é alegria.” Milla

“Ah, é iluminar aonde eu chego. É chegar e todo mundo falar “ai, que maravilhosa”. Assim, não pelo ego propriamente, claro, tem muito de ego nisso, obviamente, mas é algo que me deixa feliz com a felicidade das pessoas. É de chegar e ver que aquele ambiente mudou a energia, sabe? É chegar, mesmo que eu caia e o pessoal ria, se eu tiver de boaça e entrar na onda, foda-se, quem não cai?” Nina

“Me sentir bem. É me sentir bem e também, tipo, passar para as pessoas o que eu sei que elas esperam de mim. (...) Mas o que eu tento colocar na minha cabeça, quando eu começo a me montar, é, tipo, que seja bom pra mim, que eu tô

fazendo isso pra me divertir. Então é isso o que eu mais penso quando eu to montada, sabe? Me divertir.” Vanda

“É se divertir, mesmo.” America

“O meu objetivo é, quando eu me monto, aí eu saio da minha casa com aquele objetivo de se eu for fazer show é fazer o meu melhor, mostrar o que eu tenho de mostrar para o meu público, e sair de lá com a alma lavada, satisfeito pelo meu trabalho, satisfeito pelo que eu realizei, se eu for elogiado, as palmas que eu ganho pra mim já é o melhor reconhecimento que eu tenho, né? [...] (...) mas sempre que der eu dou uma aparecidinha, quando não tem show nem nada eu pego minha peruca, me monto e vou me embora curtir um brega, uma festa, o que tiver, que importa é me divertir.” Kelly

“Eu tô pra tirar onda, não tô pra levar isso muito a sério não, porque é pra você se expressar, é pra você brincar. [...] E hoje em dia, tipo, eu vou pra brincar.” Moon

“É porque, querendo ou não, eu me sinto feliz, eu sei que isso me marca, isso me faz bem. Isso me torna uma pessoa mais contente com as coisas. [...] É uma coisa que me faz muito bem, então, enquanto eu puder estar fazendo, eu, com certeza, vou estar.” Cassia

“Eu to ali pra dançar, pra me divertir, sabe? Pra fazer as pessoas se divertirem. Sabe?” Chloe

“As outras coisas eu faço também porque eu gosto, porque eu me sinto bem. Mas a performance é o que me deixa extremamente feliz e satisfeito com a arte drag. Eu performo pra me sentir realizado.” Ruby

“Eu acho que o fato de eu me sentir melhor em uma festa montado, do que de boy. Acho que é mais divertido pra mim.” Emily

6.2.5 A drag queen e as relações de gênero

Nos depoimentos é possível perceber tanto a perpetuação da relação de elementos ligados ao feminino – como a sensualidade, a delicadeza, além de artefatos culturalmente relacionados – quanto uma tentativa de quebra desses conceitos socialmente estabelecidos. Vemos então uma relação de estereótipo de gênero – diretamente ligada à performance de feminilidade da drag queen – e também uma relação, enquanto desmontado, de desconstrução dos signos ligados ao feminino.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“ (...) enquanto eu tô me montando, enquanto eu tô me maquiando eu sinto a feminilidade entrando e você agindo de forma sensual (...)” Vicky

“Ah, e brincar com a ideia de feminilidade mesmo. As vezes eu vou para o extremo da feminilidade, um peitão, ou então uma silhueta impossível, digamos, super sinched, com um bundão, eu gosto de tirar onda com isso também. (...) E eu acho que fica muito isso de quebra de estereótipos de gênero, foda-se em relação ao que vão falar, um basta à opressão que existe ao redor da gente e experiências visuais.”
Dahlia

“A gente botar uma peruca, colocar um salto, colocar uma roupa feminina, no olhar da sociedade, então isso já é uma militância muito grande. [...] As coisas mesmo, os acessórios masculinos e femininos não existem quando você começa a fazer drag. Essa bolsa aqui, para algumas pessoas, vão achar que é feminina. Pra nós, não é uma bolsa feminina, é uma bolsa normal que eu posso usar. Então é tudo isso, sabe? E a sociedade olha isso com espanto mas a gente que tá dentro, a gente vê isso com normalidade, sabe?” Tory

“(...) ela gosta de roupas bem femininas e eu gosto de roupas mais masculinas mesmo. Se for pra fazer uma linha boyfriend tem que ter, pelo menos, uma cintura bem marcada. Mas, apesar de dividirmos as roupas, nela, por exemplo, um short que eu uso de boy fica super justo nela e em mim fica, tipo, normal por causa do enchimento.” Nina

“Tipo, eu me sinto mais feminina também, um pouco [...] Ou então quando eu quero sair de menina, aí eu me monto e saio. Que é muito bom sair de drag, assim, de mulher.. [...] As pessoas falam que eu fico mais meiga quando eu tô em drag. Eu acho que a minha personalidade muda e eu fico mais sensível, mais amorzinho, e mais danada também. Um pouquinho. Acho que o que muda mais é isso, a personalidade. Acho que é por eu tentar ficar mais feminina, aí eu fico mais calminho e tal. A voz fica mais aveludada, acho que é isso.” Vanda

“Essa questão política mesmo, de militar, e levar o trabalho da drag para outras pessoas... que geralmente as drags são conhecidas como “ah, quer ser mulher”, essas coisas. E não, é um personagem, que você interpreta.” America

“(...) porque o que ela gosta eu gosto, e até em questão de perfume a gente só gosta de perfume feminino, até eu normal mesmo, eu não gosto em mim de perfume masculino, e ela também e minha drag também, só gosta de perfume feminino (...)” Kelly

“Salto, eu não uso de boy. Já tentei botar umas plataformas pra sair pra algum rolê mas fica muito estranho, fica parecendo um E.T., muito alto, sei lá. [...] Tipo, no início era uma coisa mais gótica e menina, depois no ponto dois eu falo que é uma coisa mais monstra. Eu comecei a experimentar mais o visual club kid. Aí eu comecei a experimentar mais e desconstruir mais o feminino. Tipo, antigamente eu usava muita unha, cílio, eu não dispensava cílio e unha... salto também, e aí nesse ponto dois eu uso bota, luva talvez, cílio talvez de papel, talvez sem cílio, talvez um óculos. [...] (...) de certa forma, você desconstrói muito isso do feminino e masculino, extraterrestre e o que seja, sabe?” Moon

“Então, desde os meus 15 anos, eu tipo, já tinha uma certa vontade de uma forma de eu me expressar, de uma forma mais feminina. [...] Surgiu porque eu sempre tive interesse de expressar o feminino, dentro de casa eu não podia. E também eu não queria, tipo, me expressar também como mulher, mas sentia a

vontade de por o feminino pra fora. Usar roupas femininas, me vestir como uma mulher. [...] Ela acabou alavancando um pouquinho a necessidade que eu tinha de ser mais feminino...” Cassia

“Eu acho que eu faço um personagem muito feminino, eu acho que é um fato. É muito difícil eu fazer uma coisa que não é tão feminina. Mas eu também não acho que seja obrigatório pra mim estar feminino. Eu também não me considero transformista, por exemplo, porque quando eu me monto eu não me sinto uma mulher. Eu acho que eu sou um espectro de gênero, mas eu não me sinto mulher. Existe sim a feminilidade na personagem. [...] Aí, fazer drag me abriu outras portas, de desconstrução de várias questões, principalmente de gênero, sexualidade... Ruby me ajudou muito nessas situações. (...) Então a Ruby ajudou muito nessa parte, de entender, de me entender enquanto pessoa, qual o meu gênero, qual a minha sexualidade. Isso foi muito depois que Ruby veio. [...] Hoje eu uso roupa feminina, de vez em quando. Por conta de Ruby, eu acho que esse processo de conhecimento que Ruby me trouxe com o passar dos anos foi me fazendo usar mais roupas femininas, eu já acho natural, por exemplo, quando eu saio de batom. E eu acho que Ruby teve influência nisso. Eu posso sair de batom e não me sentir envergonhado por estar de batom, por exemplo. Mas as vezes eu uso também pra chocar a sociedade. É bom.” Ruby

“Assim, eu me vestia bem diferente antes de Emily, eu nunca usei short curto, por exemplo. Depois que eu comecei a fazer drag, eu me senti tranquilo em usar short curto. Até pelo curso, pela família também, que nunca colaborou muito. Mas depois disso eu comecei a mudar o meu guarda-roupa, comecei a usar coisinhas de mulher também, por exemplo, blusa, essas coisas. [...] Então, quando é pra escolher alguma coisa antes, eu tento ser o mais feminino, apesar de Ruby também ser bem feminina nas montações. Mas, geralmente, eu acho que eu sou o mais feminino. Usar coisa mais convencional, digamos assim.” Emily

“Não sei, acho que todo viado tem essa vontade, né, de dar um close de garota, usar um salto alto, mesmo eu usando 43. [...] Eu também tento trazer um pouco do feminino, por que? Porque eu gosto da minha silhueta definida, cintura, quadril largo, eu acho interessante pra mim, mas não tão feminina porque eu gosto de uma coisa mais assim, extravagante.” Diesel

“Eu sempre gostei, eu sempre tive uma afinidade com a feminilidade. Assim, depois que eu entrei em contato de proativamente botar o feminino em mim foi quando eu disse “agora é drag”. [...] Sempre a feminilidade e a masculinidade. Eu adoro trabalhar com esses dois. Porque a sociedade tá sempre acostumada com o padrão porque, assim, tudo o que fo... não é nem só ao padrão, é ao binarismo, entendeu? Então tudo o que foge disso as pessoas já fazem uma certa cara de deboche, ou de nojo, e aí é justamente essa cara que me faz seguir em frente com tudo. Porque é o que dá a graça pra mim, tá entendendo? [...] Eu sempre adoro brincar com esses símbolos de masculinidade e de feminilidade. O que, de novo, é besta a gente atrelar algo apenas ao masculino ou ao feminino, entendeu? Assim, eu realizo na minha cabeça que existe toda uma indústria que faz isso e é bem sucedida. Mas nunca teve muita relação comigo, então não acho tão importante.” Zizara

6.2.6 A relação entre a drag queen e o “eu”

A primeira afirmação que podemos fazer sobre as drag queens é que se trata de uma persona que coexiste com os sujeitos. Esse fator fica bem claro quando observa-se que, em todas as entrevistas, sem exceção, os sujeitos referem-se às suas drag queens em terceira pessoa, constantemente evocando-as pelos seus nomes.

A pessoa (personna) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do theatrum mundi (Maffesoli, 1987).

Essa relação fica mais clara em depoimentos que demonstram a dualidade na forma de se relacionar entre os dois agentes e os relatos sobre o momento de transição entre os dois, como os abaixo:

“Você vai, vai, vai, vai, quando você vê, você tá “eu fiz isso tudo?”. Mas não foi você que fez isso tudo, foi a personagem que você criou, porque realmente, depois que você monta a personagem em você, você se sente totalmente diferente do que você é.” Charlotte

“Ela é... ela é meio alvoroçada, meio... só que tem hora que ela fica quietinha, eu tô conseguindo adestrar. (...) Mas quando eu me monto, quando eu boto a puta pra fora, aí é outra estética, é outra visão, eu vejo você de outro ângulo, inclusive... até pelo salto, eu gosto de estar sempre com um salto super alto, até porque já é outra coisa. Tudo que me... tudo que afastar, afastar, assim, não evitando, mas, assim, de uma forma que mude, entendeu? Eu gosto da mudança. É hora de morfar! Pronto! Morfou, virou Nina, pronto, muda a altura, toda a percepção do mundo é diferente (...) [...] E outra coisa, as vezes quando você termina de se montar, por exemplo, quando eu boto o meu cílio, quando eu boto a minha lente, é que Nina chega mesmo. [...] Nesses rolês que a gente vai pré desmontando, e fica íntimo da sua drag, assim, eu acho que são os dois que chegam, pra mim. Um fala de um lado e o outro fala do outro. Tipo ontem mesmo, em um determinado momento do rolê ontem, a gente viu que não ia mais sair... e as duas [Nina e Milla] já estavam sem peruca, e eu tava querendo tirar a peruca mas eu tinha acabado de colar pra sair de novo, aí fiquei naquela... só que, tipo, quando eu vi que não ia sair a Nina já foi dormir. Já foi ficando com raiva e pronto. (...) Então, assim, as vezes tem esse encontro, sabe, na hora da desmontagem... na hora da montagem, assim, no início nunca vem não, é uma coisa, tipo, sai um e vem o outro. Mas depois, quando tá desmontando, meio que tem uma hora que os dois entram em cena. [...] Tem uma junção só que eles meio que discutem. Ah, eles discutem! Porque, assim, tem que ser perfeito para os dois, tem que ser perfeito para mim e tem que ser belíssima para Nina, então tudo isso vai da proporção que eu vou comprar, assim, a quantidade de cabelo, o corte, se vai vir muito cacheado ou pouco, entendeu?” Nina

“Eu sou mais... um pouco grosseiro, eu sou muito impulsivo, então com ela eu tento controlar mais isso, porque como é uma personagem e figura pública, a gente não pode falar o que a gente quer. Tanto eu achando uma coisa errada ou não gostando de algo, ela eu controlo.” America

“Eu acho que Ruby chega, tipo, quando você começa a se maquiar, tipo, é uma coisa que você tá bem normal... quando você começa a se maquiar, vai entrando aos poucos. Quando você termina a maquiagem, muda completamente. Eu acho que o processo da maquiagem é o processo que o espírito vai entrando em você aos poucos. Depois que você terminou, a bicha já entrou” Ruby

“É, é a questão da construção, eu vou me montando e dependendo de como eu me sentir, se a maquiagem tá ficando boa e eu tô feliz com o resultado, aí eu vou entrando no meu personagem. Quando eu coloco o sapato, que é o que mais dói, já sei que alí eu tenho que ser Diesel a partir daquele momento. [...] É mais uma personagem diferente de mim.” Diesel

“(...) existe a drag Zizara mas eu posso fazer outras drags, com outros aspectos, outras coisas, então é isso.” Zizara

O depoimento acima – da drag Zizara – demonstra, inclusive, a possibilidade de um sujeito desenvolver mais de uma persona. Mas quais seriam então as relações entre essas personas e os “eus” de seus criadores?

Trazendo mais uma vez a teoria do autoconceito, pode-se identificar uma forte recorrência do “eu ideal”, principalmente no início das montações. Porém percebe-se que esse “eu ideal” aparece de forma transitória, visto que, durante a evolução pessoal do sujeito enquanto drag queen, o que era – a princípio – ideal, acaba se tornando real. Podemos então perceber que o “eu ideal” da drag queen é um “eu ideal transitório”.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os fatos:

“Essa questão de ser um extensão de Marga de fazer coisas que eu não faria ou falar coisas que eu não falaria, é alguém que eu queria ver ou ser e aí eu me tornei fazendo drag. Eu acho que eu me tornei alguém mais comunicativo. Talvez no início seja algo que você queria ser e acaba se tornando.” Margareth

“A confiança que eu sentia com Dahlia era o tipo de confiança que eu queria ter, com certeza. E hoje em dia eu tenho, hoje em dia eu tenho bem mais. Eu não conseguiria estar fazendo isso 3 anos atrás. Eu não conseguiria me expressar tanto.” Dahlia

“Assim, porque eu me sentia, devido a toda história de ser LGBT e tal, a gente acaba se sentindo muito excluído. Então a perspectiva que eu tinha é que, daquela forma que eu me apresentava, eu me sentia excluído de vários âmbitos, sabe? E com a drag, o que eu queria era poder estar melhor entre os espaços, e que as

peessoas realmente me conhecessem, e conhecerem realmente quem eu sou, tá ligado? Então, meio que acabou sendo isso pra mim, entende? Foi esse momento de querer que as pessoas me conhecessem de fato. E como é a melhor parte de mim, então eu acho que é a parte que eu quero que as pessoas conheçam, que as pessoas tenham acesso.” Safira

“(...) a Tory sempre foi a boneca dos meus sonhos... porque quando a gente é pequeno, a gente é LGBT, a gente nunca consegue ter uma boneca, a gente sabe dos preconceitos e tudo mais, então, tipo, meu Deus, quando eu via uma boneca o meu olho brilhava. Eu queria ser aquela boneca!” Tory

“Então eram coisas que eu também queria ser, por exemplo, eu queria ser mais comunicativo, fazer mais amizades, então eu tentei usar ela pra isso. E tá dando certo.” Emily

Como antes mencionado, a montagem da drag queen acaba se tornando uma proteção que mascara o verdadeiro “eu”, uma espécie de armadura que dá aos sujeitos a coragem de realizar atos e dizer coisas que eles não fariam enquanto o seu “eu real”. A essa classificação de “eu”, decidiu-se chamar de “eu livre”.

Os textos abaixo foram retirados das entrevistas para ilustrar os discursos sobre o “eu livre”:

“A Vicky é muito mais simpática do que eu. Não que eu não seja simpático mas a Vicky que busca conversa, ela estimula a conversa com pessoas desconhecidas e eu não. Eu não gosto. Eu sou simpático, eu sei que eu sou, mas tipo, tem lugares não confortáveis, por exemplo num ônibus ou numa fila, eu acho estranho uma pessoa puxar papo assim, eu evito. Mas dentre os amigos eu tento ser bem simpático. Não tento, ajo naturalmente. Mas a Vicky não, a Vicky puxaria, ela ia puxar mais papo e tirar onda. Isso é bem diferente.” Vicky

“Digamos que Alexia sou eu bêbado. (risos) É mais ou menos isso. Eu sou uma pessoa que naturalmente gosto muito de me comunicar, que gosto de fazer piada com tudo, com todos, até meio que cruzo uma linha meio que sem querer mas quando eu bebo eu fico um pouco menos tímido, eu sou uma pessoa meio tímida. Como eu te falei, é mais uma extensão minha do que um alterego, eu não vejo Alexia muito diferente de mim não. (...) Eu não vejo muita diferença não, como eu te falei, é uma extensão, talvez eu fique um pouco menos tímido, quando montado (...)” Alexia

“Então, na verdade quando eu comecei a fazer Marga eu não via como uma personalidade fora de mim. Eu via como se eu pudesse libertar algo dentro de mim. Tipo, eu podia dizer algo que eu não diria ou fazer algo que eu não faria.” Margareth

“Eu me ofereço muito mais para as pessoas quando eu tô montado. Eu tenho muito menos medo de me oferecer para as pessoas quando eu tô montado.” Dahlia

“Tipo, sair andando na rua desfilando, conversar com as pessoas mais... eu acho que tu já percebeu. Não sei. Porque aqui a gente tá conversando em uma

entrevista, né, eu tô mais interativo. Mas, de drag, eu acho que eu falo mais, eu chego mais nas pessoas, eu converso mais, e no meu out eu fico mais calado, mais observando as coisas. Eu sou muito mais comunicativo em drag.” Tory

“A Charlotte faz coisas que eu nunca vou fazer na minha vida!” Charlotte

“Quando eu tô out, eu fico um pouquinho mais retraído, não me solto tanto, tá entendendo? Mas a partir do momento que eu faço a minha maquiagem, boto minha roupa, boto minha peruca na cabeça, já é outra pessoa completamente diferente. Uma pessoa muito mais solta, muito mais divertida, outra pessoa. Eu tenho uma personalidade muito mais, assim, não muda mas aumenta, tá entendendo?” Dita

“Ah, Milla chega já dançando, falando com todo mundo, brincando com todo mundo. Eu não, eu sou super tímido, sou totalmente tímido. Muito, muito, muito tímido. Fico bem tranqüilinho na boate, quase não danço. Só quando eu tô, tipo, bebendo, já tô bem soltinho assim. Mas fora isso eu sou muito tímido. Ela é muito de chegar no povo, falar, interagir, acontecer. Quando eu me monto eu me sinto livre! É totalmente uma transformação. É uma outra coisa, uma outra energia [...] Ela é muito extrovertida, muito de conversar, ela é muito solta, muito dada. Eu não, eu sou mais tímido, sou muito travado com algumas pessoas. Ela não, ela já chega conhecendo a pessoa, já chega íntima. E é uma liberdade que a drag queen tem, que o artista tem de chegar e ser mais simpático..” Milla

“Mas ela tem uma personalidade forte, ela gosta de enfrentar, de peitar, sabe? Ela não deita não. Parece um pouco com a minha, inclusive, só que ela é mais danada. Assim, tipo, mais simpática, menos introvertida, mais extrovertida, no caso... menos tímida [...] Mas, assim, é meio que essa coragem mesmo, esse enfrentamento do mundo, essa garra de chegar e de, enfim, não sei..” Nina

“Tipo, eu não sei se eu sou muito carismático em out, assim, normalmente, mas quando eu tô em drag muda um pouquinho a personalidade. E as pessoas falam muito do carisma e a performance quando eu tô tocando. [...] E eu acho que o carisma também aflora. O que mais muda é isso. Eu sou mais solto!” Vanda

“Ah, é totalmente diferente, é (risos) quando não to em drag, quando eu to na minha vida normal, eu sou meio fechado o povo diz que eu sou, que tenho cara de chato e tal, mas não é, é porque eu sou assim mesmo. (...) eu montado sou bem mais divertida, eu brinco, eu corro, eu grito, na boate principalmente, eu fico lá batendo cabelo, dançando, correndo, coisa que eu normal eu já fico meio vergonhoso de fazer, de entrar em lugar, eu montado não, eu entro até em casa de brega hétero, ouxi, o povo fica passado que eu vou e tudo, montado, agora normal eu já fico já meio assim, de até de andar nos lugares, porque eu sou muito fechado e tal, mas só que a minha drag ela me faz eu atravessar lugares que eu nunca imaginei que eu iria atravessar.” Kelly

“Eu de drag eu sou muito mais farofeira do que eu seria de boy. Eu acho que abre mais... porque, tipo, você tá montado, tá mais seguro, de certa forma. Você não é o boy, você é Moon Moon, pode aprontar mais, pode falar mais, pode sair pra chuva, essas coisas. [...] Eu sou muito de elogiar tudo, se eu gostar eu vou falar... mas de boy eu não falo. De drag eu chego e falo “ei, arrasou”, “adorei essa roupa”, se tá dançando eu falo “arrasou”. Eu abordo outras pessoas, eu não espero as pessoas abordarem, tô ali, em cima de todo mundo, o tempo todo. Mas de boy eu

não faço isso. Não abordo ninguém, não paro. E de drag não, eu já chego atrapalhando a vida dos outros.” Moon

“Eu sou uma pessoa muito tímida de boy, e eu consegui fazer a Cássia quebrar isso, ela é uma pessoa mais dinâmica, uma pessoa mais criativa, sem vergonha. Então ela se aproveita das coisas que eu não faria como boy, pra por pra fora. Ou seja, ela é um pouco mais extravagante, acho que eu posso dizer assim. [...] O que eu tenho de pouco, ela tem de mais.” Cassia

“(...) em relação a Chloe ser mais solta...em aparecer mais. Sabe? Subir no palco, e fazer uma performance. De boy não vou subir num palco, sabe? A Chloe vai passando na rua... passando pra que todo mundo olhe pra ela... passando dando close, jogando o cabelo, passando a mão no corpo, passando a mão...e o out não...vai passar tranquilo.” Chloe

“Então eu acho que fazem muito você, só que de uma forma mais descontraída, sem pudor... então eu acho que é muito isso. Tipo, é a sua personalidade aumentada ou distorcida, de uma forma que você se sinta mais confortável. Eu acho que é mais por aí [...] Eu sou muito mais calmo, Ruby é muito mais espalhafatosa. (...) entre os amigos eu acho que eu sou Ruby quase o tempo todo. Estando montado ou não. Mas porque, tipo, é muito mais natural se sentir confortável entre os amigos e ser da forma que você se sente, livre.” Ruby

“Eu acho que eu me sinto mais livre pra fazer o que eu quiser, sem medo. [...] Porque, pra mim, Emily é uma extensão. Então a gente tem a mesma coisa mas ela tem um pouquinho mais. [...] Não sei, eu acho que eu perco a vergonha... como eu disse, eu fico mais livre, é meio que um escudo, e eu me sinto mais tranquilo de brincar com as pessoas, aproveitar mais a festa e até pegar as pessoas também.” Emily

“(...) mas uma coisa que eu tenho e Zizara não tem é que eu sou muito fechado. Ela não, ela é aberta. É amiga de todo mundo.” Zizara

7 Conclusões das análises

Podemos concluir a princípio que, com base nas discussões teóricas e nas descobertas obtidas nas análises, a drag queen é uma persona que existe em uma perspectiva de momento - seja esse momento uma performance, a presença em um evento ou um momento de descontração - ou seja, a drag queen não é uma figura cotidiana e, portanto, sua existência está ligada diretamente a um momento de libertação do "eu" cotidiano. Sendo assim, podemos entender a criação de sua identidade e - por consequência - de seu look como performidade; estar montada já reflete uma performance.

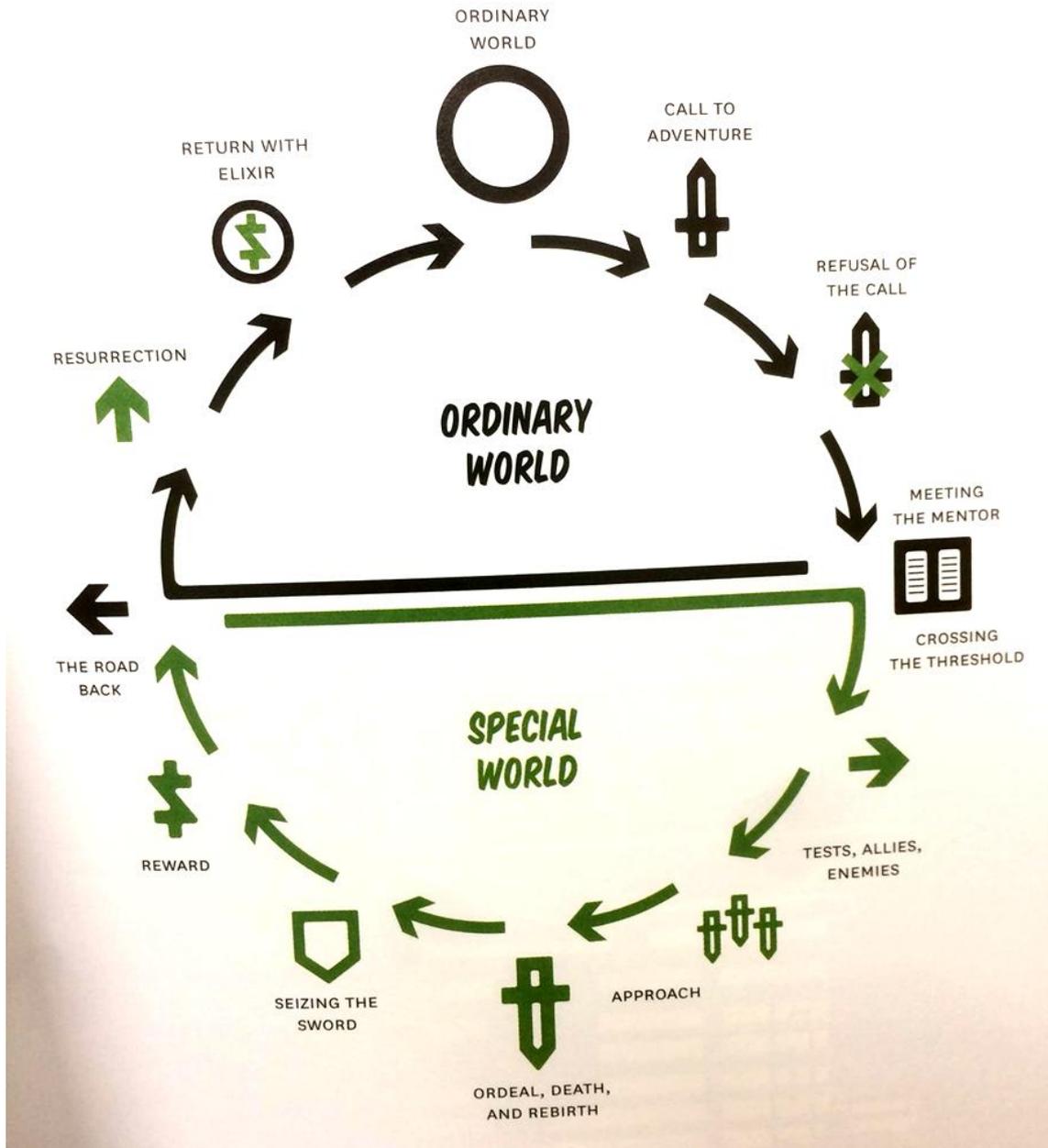
As inspirações citadas pelas drag queen entrevistadas refletem outro ponto apontado pela pesquisa: o feminino performado não é real. Desde o seu nascimento (com sua mãe drag), suas fontes de inspirações (outras drag queens, locais ou famosas) e a troca de experiência com suas amigas drag, podemos perceber que elas aprendem com outros homens - que vivenciam o "ser homem" no cotidiano - a performar o feminino. Até quando buscam referências em mulheres (do gênero feminino), essas também não são reais, são divas pop e outras personagens criadas pela indústria cultural que não representam o feminino do dia-a-dia. A feminilidade performada pela drag queen é baseada no "feminino" que permeia o imaginário masculino. Isso reflete em suas performidades de gênero exacerbadas e - em alguns momentos - caricatas, herança da evolução histórica da transição do "real disguise" para o "false disguise" nos teatros.

A descoberta da conexão da persona com o "eu real" através do "eu livre" é como podemos melhor compreender o que é a drag queen e como se dá esse consumo de identidade de moda como desempenho de uma performidade. As drag queens consomem figurinos dotados de mensagens visuais que, simbolicamente, as protegem, como armaduras, para libertar esses sujeitos e os dotar de coragem e confiança. Quando eles consomem o look da drag queen, estão se vestindo de coragem e são capazes de fazer e dizer o que não conseguiriam enquanto "eu".

Pode-se considerar a trajetória de uma drag queen como uma jornada de autoconhecimento e auto-aprimoramento, onde todos os sujeitos entrevistados constatarem uma mudança em diversos âmbitos do seu "eu real". Baseando-se nos

achados de pesquisa, adaptando o conceito da jornada do herói (apresentado por Joseph Campbell em seu livro O herói de mil faces (1949)), para a jornada da drag queen, foi desenvolvido um infográfico (figura 25), tomando como inspiração o desenvolvido por Chris Fodge no livro Design is storyteller²² (figura 24):

Figura 24 – A jornada do herói.

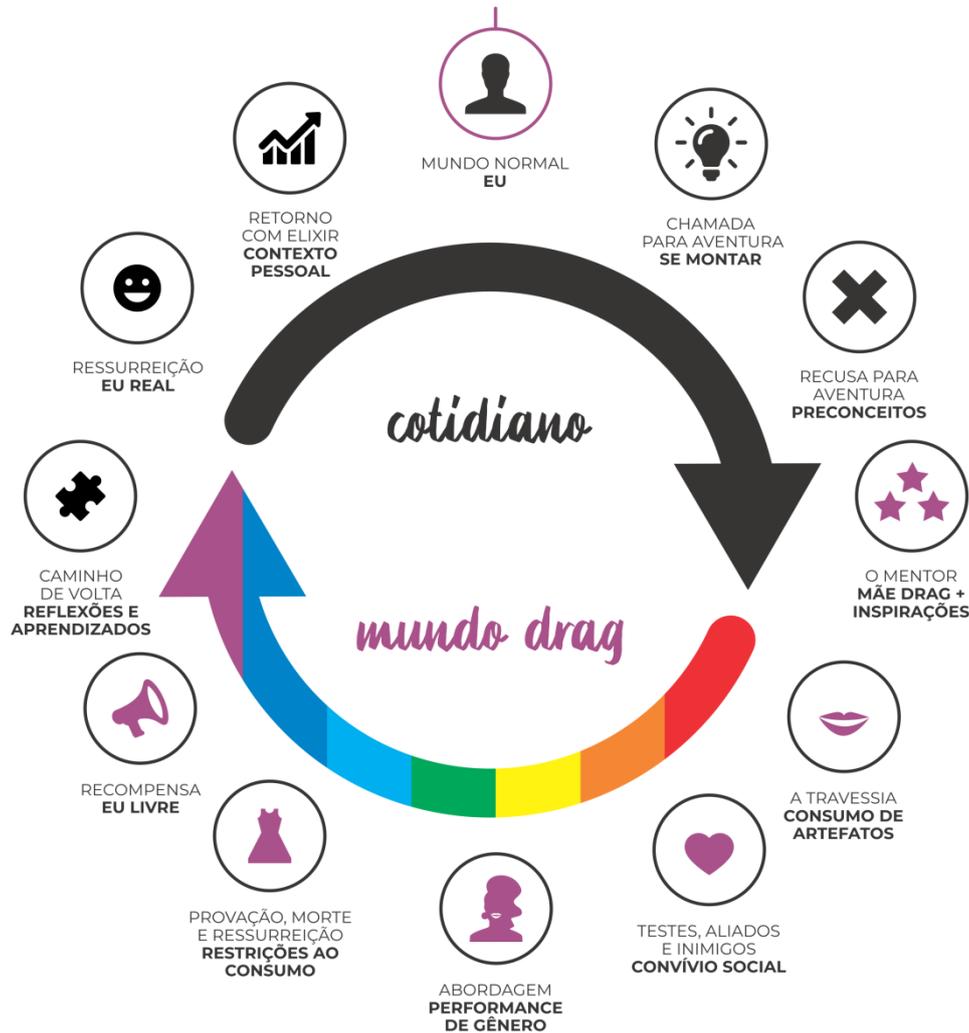


Fonte: Design is storytelling - 2017²³.

²² LUPTON, E. Design is storytelling. Nova Iorque: Cooper Hewitt, 20017.

²³ Idem.

Figura 25 – A jornada da drag queen.



Fonte: próprio autor.

A imagem acima (figura 24) apresenta alguns dos conceitos observado nas análises que nos possibilita compreender os critérios utilizados pelas drag queens da cidade do Recife na escolha dos artefatos para a criação das suas personas. O sujeito parte do mundo normal para a “aventura” de se montar e, inicialmente, enfrenta os preconceitos sociais e os próprios. Com o auxílio do seu “mentor” (mãe drag) e suas inspirações de consumo (outras drag queens, ícones da cultura pop, universo da moda e redes sociais), o sujeito faz a travessia do “cotidiano” para o “mundo drag” através do consumo de artefatos (roupas feitas sob medida, roupas emprestadas ou doadas, roupas compradas em lojas e reaproveitamento de looks). Na cena LGBTQ eles encontram seus “testes, aliados e inimigos” através de seus convívios sociais (grupo familiar, pertencimento a um grupo e diferenciação em meio ao grupo),

durante suas performances de gênero – a própria persona – mas passa pelas “provações”: suas restrições ao consumo (acesso e financeira). Sua “recompensa” é poder desfrutar, através da sua drag, do seu “eu livre”. Com a sua volta ao cotidiano, o sujeito traz consigo as reflexões e aprendizados percebidos enquanto drag queen, que refletem em seu “eu real” na forma dos tópicos listados como contexto pessoal: autoconhecimento, evolução pessoal, desconstrução, empatia, relações com a comunidade LGBTQ, percepção étnica, aprimoramento da autoconfiança e comunicação, aceitação do corpo, terapia, negócio, forma de expressão, prazer pessoal.

- **Implicações para o Design da Informação**

Por se tratar de uma performance de gênero, a mensagem visual de feminilidade está presente em todas as montagens das drag queens analisadas, seja de forma mais explícita ou mais sutil, principalmente nas composições de cabelos e maquiagens, além da forma de moldar o corpo com enchimentos. Mas os discursos visuais transmitidos pelas drag queens não se limitam apenas à vertente de gênero.

Como foi observado, na construção de seus discursos visuais estão presentes também elementos que refletem estilos, estéticas específicas, aspectos culturais e estados de humor, transmitidos através do arranjo dos elementos de linguagem visual. Por se tratar de uma composição de figurino, onde as intenções acerca do que se deseja transmitir são claras, o planejamento e organização desses elementos faz parte do “se montar” de uma drag queen.

Os trechos abaixo corroboram para a conclusão acerca da intenção das drag queens entrevistadas em transmitir mensagens através da sua forma de se montar e a consciência na seleção de elementos de linguagem visual para que se obtenha sucesso em seus discursos:

"Tipo, eu busco fechar ideias, mais coisas com relação a arquétipos, então eu penso em uma montagem, sei lá, de uma sereia, por exemplo, aí eu vou buscar elementos que me remetam a isso, sabe, em semiótica mesmo, buscando pequenas coisinhas que ao todo passem a leitura de algo que eu queira fazer." Alexia

"Então hoje em dia, além de tudo isso, eu tento passar uma mensagem visual, eu tento construir uma história com o que eu tô fazendo. (...) Ou então, sei lá, teoria

de cores que eu quero, se eu quero passar uma certa emoção, eu vou escolher uma certa cor x, ou esse tipo de coisa." Dahlia

"Camisetas, blusas, são coisas que eu não aplicaria na minha drag porque eu acho que não ficaria bem, não transmitiria o que eu queria passar." Dita

"E a inspiração pra mim funciona de eu pegar certos signos que as pessoas tem como ruins e colocar aquilo na minha drag. [...] É justamente no que a drag queen quer passar naquele momento, no que ela foi contratada pra fazer, e a imagem que ela quer passar a partir daquilo." Zizara

Sendo assim, podemos apontar drag queens como vetores de design da informação, transmitindo - intencionalmente - dados, organizados e apresentados como conhecimento dentro de um discurso visual, para que esses sejam contemplados e interpretados; conceitos que dialogam com os apresentados previamente por Shedroff (2014).

8 Considerações finais

A premissa da pesquisa – as personas das drag queens da cidade do Recife são criadas de acordo com um conceito ideal de “eu” dos sujeitos – não se confirma ao final da pesquisa, ou seja, ao contrário do que se imaginava no início da pesquisa, a drag queen não é um personagem baseado em um “eu ideal”, mas a forma de se agir livremente, um “eu livre”, onde a idealização se faz no campo do feminino. A metodologia foi muito eficaz para perceber tanto essas questões quanto as que dizem respeito aos discursos visuais das drag queens analisadas.

Como nas falas das drag queens entrevistadas surgiram várias questões que não estavam previstas, a pesquisa deixa espaço para novos desdobramentos, tais como uma abordagem mais profunda sobre as relação de consumo com artefatos culturalmente femininos que precisam ser adquiridos em lojas (sapatos, maquiagens, roupas íntimas) – o que evidenciaria outras descobertas acerca de relações de gênero –, características que tornam uma drag queen motivo de inspiração para as outras, o processo de criação dos enfeites corporais e a relação do corpo real com o corpo feminino montado, as relações de drag queens prosumers, dentre outros. Pode-se analisar também o comportamento de consumo de drag queens de outras localidades e faixas etárias, bem como usar de outros critérios de classificação como tempo de atuação na área ou faixa de renda, para descobrir se os achados serão diferentes ou similares aos presentes na pesquisa.

Outro desdobramento que a pesquisa revela se faz no campo de Design da Informação, onde as relações do vestir com os conceitos da área podem ser melhor exploradas, pois, como visto, essas relações são pouco exploradas pelos teóricos do Infodesign.

Referências

- AMANAJÁS, I. A. **Drag Queen**: Um Percurso pela Arte dos Atores Transformistas. *Revista Belas Artes*, v. 1, p. 1-24, 2014.
- AMBROSE, G.; HARRIS, P. **Fundamentos de design criativo**: uma introdução abrangente aos princípios do design criativo. 2ª ed. São Paulo: Bookman, 2009
- BAKER, R. **Drag**: a history of female impersonation in performing arts. New York: New York University Press. 1994.
- BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BELK, R. W. Possessions and the Extended Self. *Journal of Consumer Research*, v. 15, ed. 2, p. 139-168, 1988.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CARLINER, S. Physical, cognitive and affective: a three-part framework for information design. *Technical communication*, v. 47, n. 4, p. 561-576. 2000.
- CASTILHO, K; MARTINS, M. M. **Discursos da moda**: semiótica, design e corpo. 2ª ed.. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- CHIDIAC, M.T.V., OLTRAMARI, L.C. **Ser e estar drag queen**: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *Estudos de Psicologia*. v.9, n.3, p.471-478. 2004.
- CIALDINI, R. B.; GOLDSTEIN, N. J. Social influence: Compliance and conformity. *Annual Review of Psychology*. 55. p. 591–621. 2004.
- COELHO, L. A. L. **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. Novas Ideias, 2008.
- CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- DA SILVA, G. F. P. A mensagem visual nos anúncios publicitários. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Palavra e imagem n. 44, p. 329 - 346, 2012.
- DE CASTRO, E. D.; DE MELO SILVA, D. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2002.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DOURADO, R. C. M. **Mulheres com H**: estereótipos ambivalentes, representações tensionadas e identidade queer no programa de TV Papeiro da Cinderela. 2009. 160 p.. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

EMBACHER, A. **Moda e identidade**: a construção de um estilo próprio. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5a ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

FERREIRA, F. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FLUGEL, J. C. **A Psicologia das Roupas**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1ª ed. (em português), 1966.

FREIRE, G. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

FRUTIGER, A. **Sinais e símbolos**: desenho, projeto e significado. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GARCIA, C.; MIRANDA, A. P.. **Moda e comunicação: experiências, memórias, vínculos**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

GADINI, S. L. **Representações femininas a partir de grupos masculinos no carnaval brasileiro**. Diasporas, Diversidades, deslocamentos. Fazendo Gênero 9. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

GERALDI, M. C. G. **Moda e Identidade no Cenário Contemporâneo Brasileiro**: uma análise semiótica das coleções de Ronaldo Fraga. 2002. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2002.

GIANNELLA, J. R. "VISUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PRÁTICA SOCIAL: NOVOS CENÁRIOS PARA ATUAÇÃO DO DESIGN", p. 2522-2533 . In: **Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design** [= Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4]. São Paulo: Blucher, 2014.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**. Paradigmas, Estratégias e Métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOULD, S. J.; STERN, B. B. Gender Schema and Fashion Consciousness. **Psychology & Marketing**. Vol. 6, N. 2, p. 129-145, 1989.

HALL, C. S.; NORDBY V. J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. 8ª ed.. São Paulo: Cultrix, 2005.

HOLLANDER, A. **O sexo e as roupas**: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em: < <http://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2017.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 12ª ed., 2008.

JONES, S. J. **Fashion Design**: manual do estilista. São Paulo: Cosac Naify, 2ª ed., 2005

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KELMAN, H. Compliance, identification, and internalization: three processes of attitude change. "**Journal of Conflict Resolution**", 1, pp. 51–60, 1958.

LAGE, G.; SOUSA, S. K de; KOLINSKI MACHADO, F. V. A relevância dos Club Kids para o meio drag à partir do conceito de semiosfera lotmaniano. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018, Belo Horizonte. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0925-1.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

LANG, P. *et.al.* **A Construção de Celebidades Drags a Partir de RuPaul's Drag Race**: Uma Virada do Imaginário Queer. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais...*Rio de Janeiro - RJ. 2015.

LAVIER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEITE, I. T.; WAECHTER, H. N.; CAMPOS, F. F. Da C. A representação do gênero no design. In: **IX Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 2010, São Paulo. 2010.

LENCASTRE, J. A.; CHAVES, J. H. A imagem como linguagem. In: **Revista galego-portuguesa de psicoloxía e educación**: revista de estudos e investigación en psicología y educación, ISSN 1138-1663, Vol. Extra 1, 2007

LOURO, G. L. Pedagogia da sexualidade. In: **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G. L. **Corpos que escapam**. *Labrys*. Estudos feministas. n. 4 – 2003. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

MACHADO, R. S. S.; MERKLE, L. E. As relações existentes entre o fazer design com base nas questões de gênero. **Anais do VII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**, 2010, Curitiba.

MACIEL, E. J. C.; MIRANDA, A. P. de. DNA da Imagem de Moda. **Anais do V Colóquio Nacional de Moda**, Recife, 2009.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 7ª ed.. 2010.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MELLO E SOUZA, G. de. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de Moda**: a relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MIRANDA, A. P. **Consumo de moda**: a relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

MIRANDA, A. P. C. de; CASOTTI, L.; CHEVITARESE, L. **Saia de homem**: discurso de moda como discurso de poder. Anais do XIII Colóquio Nacional de Moda. Bauru, 2017.

MORAIS-ALEXANDRE, P. **O corpo travestido enquanto objecto de desejo**. 2ª ed. Lisboa: Amadora, 2009.

MOTT, L. R. B. **A Cena Gay em Salvador em Tempos de Aids**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000.

MOZDZENSKI, Leonardo. Quem ama o fake, legítimo lhe parece: Divas pop e a (des)construção da noção de autenticidade. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 139-160, 2016.

OCHOA, C. **Amostragem não probabilística: Amostra por bola de neve**, 2015. Disponível em: <<https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-bola-de-neve>>. Acesso em: 22 de set. 2017.

OLIVEIRA, A. C. M. A. In: CERIANI, G.; GRANDI, R. (Org). **Moda regula e rappresentazioni**. Milão: Franco Angeli, 1995.

OLIVEIRA FILHO, A. de.; SOBRAL, F. de M.; MIRANDA, A. P. C. de. Personagem? Que personagem?. In.: **Fórum de Inspirações: inverno 2012**. São Paulo: Assintecal. P. 52- 61. 2011.

PASSOS, R.; MEALHA, O.; LIMA-MARQUES, M. "Uma discussão sobre o objeto do design da informação", p. 1007-1018 . In: . In: C. G. Spinillo; L. M. Fadel; V. T. Souto; T. B. P. Silva & R. J. Camara (Eds). **Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação**/Proceedings of the 7th Information Design International Conference | CIDI 2015 [Blucher Design Proceedings, num.2, vol.2]. São Paulo: Blucher, 2015.

PESSOA, E.R. de A.; SIMILLI, I.G. As aparências e os gêneros: uma análise das indumentárias das drag queens. In: Presidência da República. Secretaria de Políticas para as mulheres. (Org.). 5º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. *In: Redações, Artigos Científicos e Projetos Pedagógicos Premiados*. 1ed. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010, v.1, p.105-116.

REDIG, J. Não há cidadania sem informação, nem informação sem design. **Infodesign** – Revista Brasileira de Design da Informação, v.1, n.1: 58-66. 2004.

RIBEIRO, A. F. **A utilização de inferências visuais na elaboração do discurso oral de indivíduos normais e indivíduos com lesão de hemisfério direito**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTOS, J.F., PAVAN, M.A. "**Dragstars**" – Gestos, Segredos e Cores de uma experiência Queen. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Teresina - PI, 2009

SCHACHT, S. P.; UNDERWOOD, L. **The drag queen anthology**: The aboslutely fabulous but flawlessly customary world of female impersonators. New York: Harrington Park, 2004.

SEFERIN, M. T.; LINDEN, J. C. de S. V. D. "VOCÊ É O QUE VOCÊ VESTE: RELAÇÕES SIMBÓLICAS ENTRE PRODUTOS DE MODA E IDENTIDADES", p. 374-385 . In: **Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design** [= Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4]. São Paulo: Blucher, 2014.

SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2ª ed. brasileira. São Paulo: EPU, 1987.

SHEDROFF, N. **Information Interaction Design**: A Unified Field Theory of Design. Nathan, 2014. Disponível em: <<http://nathan.com/information-interaction-design-a-unified-field-theory-of-design/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SIMMEL, G. **A filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

SOARES, Thiago. Do que Falamos quando Falamos dos Cabelos das Divas Pop. In: **COMUNICON** – Congresso Internacional em Comunicação e Consumo, 2018, São Paulo. Disponível em <http://anais-comunicon2018.espm.br/GTs/GTPOS/GT5/GT05_SOARES.pdf> Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

SOLOMON, M. R.. **O Comportamento do Consumidor: comprando, possuindo e sendo**. Porto Alegre: Bookman. 5ª ed., 2002.

SOUZA, G. de M. E. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

SPIZZIRRI, G.; PEREIRA, C. M. de A.; ABDO, C. H. N. **O termo gênero e suas contextualizações**. Revista Diagnóstico & Tratamento, v. 19, n. 1, p. 42-44, 2014.

TABOSA JR., F. Brasilidade, carnaval e travestismo: considerações para uma análise da fotografia de Pierre Fatumbi Verger. **Revista Ícone**, Recife, v. 2, n. 9, p. 141-150, dez. 2006.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. 236 p.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 8ª ed.. Rio de Janeiro: Record, 2011.

TWAIN, S.; LANGE , R. J. Man! I feel like a woman!. In: TWAIN, Shania. **Come On Over**. Nashville: Mercury, 1997. 1 CD. Faixa 1.

VALE, A. F. C. **O vôo da beleza: travestilidade e devir minoritário**.2005. 308 p.. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

VENCATO, A. P. **Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2013.

WAECHTER, H. N.; LINS, M. de O.; XAVIER, P. Design, linguagem, gênero e memória: explorações teóricas e analíticas. In: **5º Congresso Internacioanl de Design da Informação**, 2011, São Paulo. Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação, 2011.

WILSON, E. **Enfeitada de sonhos - moda e modernidade**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

WONG, W. **Princípios de forma e desenho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO A – Roteiro da entrevista

Idade:

Escolaridade:

Cidade/Bairro:

Nome da Drag Queen:

Atuação como Drag Queen: () dança () atuação () canto () dublagem ()
comédia () DJ () hostess () outros: _____

Quais foram as suas inspirações para criar a sua persona?

Quais artefatos indispensáveis para compor o seu look?

Quais os critérios utilizados na hora de montar o seu look? (Estilos)

Quais as principais características da sua Drag Queen? (Personalidade)

Quais as principais semelhanças e diferenças entre você e sua Drag? (Estética/
Personalidade)

Qual o seu objetivo ao se montar como Drag Queen?

Onde costuma adquirir as peças dos looks?

Quais as dificuldades encontradas para montar um look?

Quanto (R\$) gasta em média em um look?

Você acha que (nome da drag) é alguém que você gostaria de ser?

ANEXO B – Modelo da ficha de análise

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação | dDesign
Mestrado em Design
Mestrando: Arthur de Oliveira Filho
Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Ficha:

Drag Queen:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Cidade:

Bairro:

Auações como drag queen:

Dança Atuação Canto DJ

Dublagem Comédia Hostess

Outros:



Look (signos Icônicos & Plásticos)	Denotação	Conotação
Vestuário: Formas: Cores:		
Acessórios: Formas: Cores:		
Maquiagem: Formas: Cores: Texturas:		
Cabelos: Formas: Cores: Texturas:		